

**CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2008**

**TEMA: FRATERNIDADE E DEFESA DA VIDA HUMANA**

**LEMA: ESCOLHE, POIS, A VIDA (Dt 30,19)**



**VERSÃO  
DEFINITIVA**

SIGLAS E ABREVIATURAS .....	5
ORAÇÃO DA CF 2008.....	7
APRESENTAÇÃO.....	8
Introdução.....	1
No espírito do Documento de Aparecida .....	2
Objetivo Geral .....	5
Objetivos Específicos .....	6
I Ver - entre a cultura da vida e a cultura da morte.....	7
I.1 A pessoa humana e a cultura da morte .....	7
I.1.a Um olhar integral sobre a pessoa humana.....	8
I.1.b A pessoa humana, o amor e a vida .....	9
I.1.c Os valores na cultura da morte .....	11
I.1.d Os desafios da ciência e das novas tecnologias.....	14
I.1.e Um olhar sobre a juventude.....	17
I.1.f O mundo das prisões .....	18
I.2 Vida, afetividade e sexualidade .....	18
I.2.a Os tempos atuais e o papel da sexualidade na vida humana .....	19
I.2.b Afetividade, sexualidade, contracepção, prevenção e defesa da vida .....	21
I.3 A vida não-nascida .....	23
I.3.a O aborto .....	25
I.3.b O aborto e a saúde pública.....	27
I.3.c O aborto como “mal necessário” .....	28
I.3.d O financiamento externo para liberação do aborto.....	30
I.3.e O desejo de ter filhos e a reprodução assistida (o bebê de proveta)... ..	32
I.3.f As células-tronco .....	34
I.3.g A eugenia, seleção de sexo e o projeto dos pais em relação aos filhos .....	36
I.4 A vida, o sofrimento e a morte .....	37
I.4.a A vida diante do sofrimento .....	37
I.4.b A morte e a dignidade da pessoa .....	39
I.4.c O morrer no atual contexto cultural.....	43
I.5 A sociedade e as ameaças à vida .....	44
I.5.a A ameaça da pobreza.....	44
I.5.b A ameaça da violência.....	45
I.6 As ameaças à vida e o meio ambiente .....	46
I.6.a A questão ecológica e o valor da vida humana .....	47
I.6.b A questão demográfica e a vida humana .....	48
I.6.c Por que o crescimento populacional é diferente em países pobres e países ricos?.....	50
I.6.d Conclusão .....	51

II	Julgar – Deus indica o caminho da vida .....	52
II.1	A vida, dom de Deus .....	53
II.1.a	A beleza da vida nos conduz a Deus .....	54
II.1.b	A vida é sempre um bem .....	55
II.1.c	A compreensão da pessoa humana a partir do Livro do Gênesis .....	56
II.1.d	O próprio Deus indica o caminho da felicidade e da vida.....	58
II.2	O encontro com Cristo nos convida a escolher a vida.....	59
II.2.a	Uma postura de acolhida .....	59
II.2.b	O Bom Pastor e a dignidade da pessoa humana .....	61
II.3	A vida no Espírito e a igreja .....	62
II.3.a	O valor da vida e a dignidade da pessoa humana na história da Igreja	63
II.4	Discernindo entre os caminhos da vida e os caminhos da morte .....	64
II.4.a	Discernimento sobre a pessoa humana.....	64
II.4.b	Discernimento diante dos avanços das ciências .....	65
II.4.c	Discernimento diante da esterilidade conjugal.....	67
II.4.d	Discernimento diante da gestação indesejada .....	67
II.4.e	Discernimento diante da manipulação do embrião.....	69
II.4.f	Discernimento diante da vida afetivo-sexual.....	70
II.4.g	Discernimento diante da pobreza .....	71
II.4.h	Discernimento diante da violência .....	72
II.4.i	Discernimento diante do sofrimento.....	72
II.4.j	Discernimento diante da morte.....	76
II.4.k	Conclusão .....	78
III	Agir em defesa da vida .....	80
III.1	A exigência da caridade: uma postura de acolhida e de discernimento diante das ameaças à vida.....	81
III.1.a	Desenvolver a espiritualidade da vida.....	81
III.2	Conscientizar e agir para desenvolver a vida .....	82
III.2.a	Conscientizar através de uma educação afetivo-sexual integral .....	83
III.2.b	Conscientizar para o valor da família .....	84
III.2.c	Incentivar a reflexão nos ambientes acadêmicos, científicos e técnicos	86
III.2.d	Atuar junto aos meios de comunicação social.....	87
III.3	Ações (da comunidade) para defender a vida.....	87
III.3.a	Acolher a gestante em dificuldade e seu filho.....	88
III.3.b	Apoiar os menores em situação de risco .....	89
III.3.c	Trabalhar junto às pastorais desenvolvendo a ação em defesa da vida	89
III.4	A transformação das estruturas visando uma vida digna para todos.....	91
III.4.a	As obras de caridade e a defesa da vida .....	91
III.4.b	Políticas públicas, participação política e defesa da vida.....	92
III.4.c	A salvaguarda da PAZ.....	94
III.5	Gesto concreto .....	96
IV	Bibliografia.....	107

IV.1.a	Magistério da Igreja.....	107
IV.1.b	Documentos Pontifícios.....	107
IV.1.c	Concílio Vaticano II .....	107
IV.1.d	Autores .....	107
IV.1.e	Internet.....	109
IV.1.f	Publicações .....	110
V	ORIENTAÇÕES GERAIS DA CF .....	111
V.1	Tempo quaresmal e CF.....	111
V.2	Natureza e histórico da CF .....	112
V.3	Temas da CF no seu contexto histórico.....	114
V.4	Serviço de coordenação e animação da CF .....	117
V.5	Cronograma da Campanha da Fraternidade .....	121
V.6	AVALIAÇÃO da CF-2008 - (Para a paróquia) .....	123
V.7	Quanto à coleta da solidariedade .....	126
V.8	AVALIAÇÃO da CF-2008 - (Para a diocese) .....	129

## SIGLAS E ABREVIATURAS

- AIDS – Síndrome da imunodeficiência adquirida.
- At – Livro dos Atos dos Apóstolos.
- CF – Campanha da Fraternidade.
- CID – Código Internacional de Doenças.
- Cl – Carta de São Paulo Apóstolo aos Colossenses.
- CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.
- 1Cor – Primeira Carta de São Paulo Apóstolo aos Coríntios.
- CTA – Células-tronco adultas.
- CTE – Células-tronco embrionárias.
- DAp - Documento Final da *V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano*, Aparecida.
- DCE – Carta Encíclica *Deus Caritas est*, do Papa Bento XVI.
- DI – Discurso inaugural da *V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano*, do Papa BENTO XVI.
- DST – Doenças sexualmente transmissíveis.
- Dt – Livro do Deuteronômio.
- Ef – Carta de São Paulo Apóstolo aos Efésios.
- EV – Carta Encíclica *Evangelium Vitae*, do Papa João Paulo II.
- Fl – Carta de São Paulo Apóstolo aos Filipenses.
- FR – Carta Encíclica *Fides et Ratio*, do Papa João Paulo II.
- Gn – Livro do Gênesis.
- GS – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo, do Concílio Vaticano II.
- Hb – Carta aos Hebreus.
- Jo – Evangelho de Jesus Cristo segundo São João.
- Lc – Evangelho de Jesus Cristo segundo São Lucas.
- Mc – Evangelho de Jesus Cristo segundo São Marcos.
- Mt – Evangelho de Jesus Cristo segundo São Mateus.
- NMI – Exortação Apostólica *Novo Millenio Ineunte*, do Papa João Paulo II.
- PG – Patrologia Grega.
- PIB – Produto Interno Bruto.
- PP – Carta Encíclica *Populorum Progressio*, do Papa Paulo VI
- Rm – Carta de São Paulo Apóstolo aos Romanos.

Sb – Livro da Sabedoria.

SD – Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, do Papa João Paulo II.

SUS – Sistema Único de Saúde.

1Tes – Primeira Carta de São Paulo Apóstolo aos Tessalonicenses.

UTI – Unidade de Terapia Intensiva.

VS – Carta Encíclica *Veritatis Splendor*, do Papa João Paulo II.

## ORAÇÃO DA CF 2008

Ó Deus Pai e Criador, em vós vivemos, nos movemos e somos! Sois presença viva em nossas vidas, pois nos fizestes à vossa imagem e semelhança. Proclamamos as maravilhas de vosso amor presentes na criação e na história. Por vosso Espírito, tudo renasce e ganha vida.

Nosso egoísmo muitas vezes desfigura a obra de vossas mãos, causando morte e destruição. Junto aos avanços, presenciamos tantas ameaças à vida. Que nesta quaresma acolhamos a graça da conversão, tornando-nos mais atentos e fiéis ao Evangelho.

Que o compromisso de nossa fé nos leve a defender e promover a vida no seu início, no seu crescimento e também no seu declínio. Vosso Filho Jesus Cristo, crucificado-ressuscitado, nos confirma que o amor é mais forte que a morte. Como seus discípulos queremos “*escolher a vida*”.

Maria, Mãe da vida, que protegeu e acompanhou seu Filho, da gestação à ressurreição, interceda por nós, Amem!

## APRESENTAÇÃO

A Igreja no Brasil apresenta a Campanha da Fraternidade de 2008, que tem como tema: **Fraternidade e defesa da vida** e como lema: **Escolhe, pois, a vida (Dt 30, 19)**. Esta Campanha quer ser mais um esforço de conversão quaresmal de todos os cristãos, no sentido de buscar uma fidelidade ainda maior ao Deus criador e doador da vida.

Essa conversão é tanto necessária como oportuna. Necessária, porque ainda estamos muito distantes do ideal de vida presente no projeto da criação. Oportuna, devido às grandes ameaças que a vida vem sofrendo nos dias atuais e que exigem de todos nós um corajoso protagonismo para defendê-la, seja no seu início, decurso ou término.

De fato, a realidade atual nos desafia. Apesar de todos os avanços conquistados pela humanidade nos últimos tempos, encontramos muitos motivos para inquietações e preocupações. A vida humana não é o valor absoluto, mas constantemente é submetida ao valor econômico, que a instrumentaliza em função do lucro, fazendo dela um meio para satisfação de seus interesses. A injustiça social gera ignorância, fome, violência, criminalidade e exclusão social, impedindo o acesso de milhões às condições mínimas de vida. O egoísmo, o hedonismo e o imediatismo isentam as pessoas das responsabilidades diante da vida. Tudo isso deixa indignado o coração de quem ama, e exige atitudes eficazes que demonstrem a conversão pessoal e causem transformação social através de uma imediata “Revolução pela Vida”.

Para nós, cristãos, a defesa da vida deve ser feita a partir dos critérios estabelecidos por Jesus e que estão presentes nos Evangelhos e explicitados na Doutrina da Igreja. Isso significa que a defesa da vida implica no aprendizado sobre a vida segundo o plano de Deus. Sem esses critérios, podemos até mudar o nosso modo de pensar e a sociedade como um todo, mas essa transformação não atingirá a profundidade necessária e a vida será sempre concebida de forma limitada, o que significa que ela sempre será ameaçada.

A chegada do Reino de Deus exige de nós sinais concretos de conversão (cf. Mt 3,8). Que a Campanha da Fraternidade de 2008 nos ajude neste processo, para que nos



tornemos reflexos da vida que nos é dada pelo Ressuscitado, produzindo frutos que permanecem para a Vida Eterna.

Dom Dimas Lara Barbosa

Bispo Auxiliar de São Sebastião do Rio de Janeiro

Secretário-Geral da CNBB

Pe. José Adalberto Vanzella

Secretário-executivo da

Campanha da Fraternidade

---

# Introdução

---

1. A Campanha da Fraternidade tem refletido, desde que aconteceu pela primeira vez, em 1964, sobre a vida em todas as suas dimensões. O motivo para tal encontra-se no fato de que a Campanha acontece durante o tempo da Quaresma, tempo de conversão e mudança de vida em vista da festa da Ressurreição. Para que a conversão aconteça, se fazem necessárias uma profunda revisão de vida e uma renovada adesão a Deus.
2. Embora todas as campanhas nos proponham assumir a vida sob vários aspectos, duas delas nos colocaram especialmente como tema a vida: a Campanha da Fraternidade de 1974, que teve como tema “*Reconstruir a vida*”, e a Campanha da Fraternidade de 1984, com o tema: “*Fraternidade e vida*”. Se levarmos em consideração os lemas da Campanha da Fraternidade, veremos que a palavra vida é utilizada muitas vezes, principalmente nos últimos anos. As Campanhas que apresentam a palavra vida em seus lemas são as de 1984 – “*Para que todos tenham vida*”, 1998 – “*A serviço da vida e da esperança*”, 2001 – “*Vida sim, drogas não*”, 2003: “*Vida, dignidade e esperança*”, 2004: “*Água, fonte de vida*” e 2007 – “*Vida e missão neste chão*”.
3. A Campanha da Fraternidade de 2008 continua esta reflexão. Através do tema – “*Fraternidade e defesa da vida*” e do lema – “*Escolhe, pois, a vida*” (Dt 30,19), expressa a sua preocupação com a vida humana, ameaçada desde o seu início por causa do aborto, até a sua consumação por causa da eutanásia e busca, através do método VER – JULGAR – AGIR, olhar a realidade atual, iluminar esta realidade mostrando o Deus Vivo que nos dá a vida e as decorrências éticas desta verdade para então, propor caminhos de conversão e de transformação da sociedade a fim de que a pessoa humana seja sempre valorizada em sua plenitude, conforme a sua natureza e a vontade de Deus, de modo que a vida seja um dos principais fundamentos da hierarquia de valores que marca o nosso existir e determina o nosso agir.

## No espírito do Documento de Aparecida

4. O Concílio Vaticano II já condenava como infame “tudo quanto se opõe à vida, (...) toda a espécie de homicídio, genocídio, aborto, eutanásia e suicídio voluntário; tudo o que viola a integridade da pessoa humana, como as mutilações, os tormentos corporais e mentais e as tentativas para violentar as próprias consciências; tudo quanto ofende a dignidade da pessoa humana, como as condições de vida infra-humanas, as prisões arbitrárias, as deportações, a escravidão, a prostituição, o comércio de mulheres e jovens; e também as condições degradantes de trabalho, em que os operários são tratados como meros instrumentos de lucro e não como pessoas livres e responsáveis. Todas estas coisas e outras semelhantes são infamantes; ao mesmo tempo em que corrompem a civilização humana, desonram mais aqueles que assim procedem, do que os que padecem injustamente; e ofendem gravemente a honra devida ao Criador”<sup>1</sup>.
5. Trinta anos depois, na encíclica *Evangelium vitae*, João Paulo II constatou que as ameaças à vida pareciam estar aumentando. Com o avanço da mentalidade individualista e utilitarista, e com o desenvolvimento da ciência e da técnica, novas violações à vida – como o aborto e a eutanásia – passaram não só a ser praticadas, como também vão deixando de ser consideradas ilícitas, sendo até mesmo amparadas pelo Estado. “O resultado de tudo isto – concluía o papa – é dramático: se é muitíssimo grave e preocupante o fenômeno da eliminação de tantas vidas humanas nascentes ou encaminhadas para o seu ocaso, não o é menos o fato de à própria consciência, ofuscada por tão vastos condicionalismos, lhe custar cada vez mais perceber a distinção entre o bem e o mal, precisamente naquilo que toca o valor fundamental da vida humana”<sup>2</sup>.
6. Ainda que todas as ameaças à vida devam ser permanentemente combatidas, a expressão “defesa da vida” vem sendo utilizada para designar a luta contra essas ameaças específicas, que parecem turvar a própria percepção do valor da vida humana, do bem e do mal, do certo e do errado. Não enfrentá-las implicaria em perder a capacidade de reconhecer aqueles valores fundamentais que nos movem

---

<sup>1</sup> Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual, GS 27.

<sup>2</sup> JOÃO PAULO II. *Evangelium Vitae*, EV, 4.

na luta contra todas as demais formas de agressão à vida e à pessoa humana, tais como as decorrentes da pobreza, da violência, da guerra, etc.

7. Reafirmando o caminho da Igreja na defesa da vida e da pessoa humana, o Documento Final da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, ou Documento de Aparecida, lembra que nossa fé não pode ser reduzida a normas e proibições, à repetição mecânica de princípios doutrinários ou ao moralismo. Nossa maior ameaça, diz o documento, “é o medíocre pragmatismo da vida cotidiana da Igreja na qual, aparentemente, tudo procede com normalidade, mas na verdade a fé vai se desgastando e degenerando em mesquinhez”<sup>3</sup>. A todos nos toca “recomeçar a partir de Cristo”<sup>4</sup>, reconhecendo que “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande idéia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”<sup>5</sup>.
8. O Documento de Aparecida nos lembra que também hoje somos chamados a escolher entre caminhos que conduzem à vida ou caminhos que conduzem à morte (cf. Dt 30,15). “Caminhos de morte são os que levam a dilapidar os bens que recebemos de Deus através daqueles que nos precederam na fé. São caminhos que traçam uma cultura sem Deus e sem seus mandamentos ou inclusive contra Deus, animada pelos ídolos do poder, da riqueza e do prazer efêmero, a qual termina sendo uma cultura contra o ser humano e contra o bem dos povos latino-americanos. Os caminhos de vida verdadeira e plena para todos, caminhos de vida eterna, são aqueles abertos pela fé que conduzem à ‘plenitude de vida que Cristo nos trouxe: com esta vida divina, também se desenvolve em plenitude a existência humana, em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural’<sup>6</sup>. Essa é a vida que Deus nos participa por seu amor gratuito, porque ‘é o amor que dá a vida’<sup>7</sup>. Estes caminhos frutificam nos dons de verdade e de amor que nos foram dados em

---

<sup>3</sup> RATZINGER, J. *Situação atual da fé e da teologia*. Conferência pronunciada no Encontro de Presidentes de Comissões Episcopais da América Latina para a doutrina da fé, celebrado em Guadalajara, México, 1996. Publicado em *L’Osservatore Romano*, em 1 de novembro de 1996.

<sup>4</sup> Cf. *Novo millennio ineunte*, NMI 28-29.

<sup>5</sup> BENTO XVI. *Deus Caritas est*, DCE 1; [Dap. 12](#).

<sup>6</sup> BENTO XVI. Discurso inaugural da *V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano*, DI, 4.

<sup>7</sup> BENTO XVI, *Homilia na Eucaristia de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano*, 13 de maio de 2007, Aparecida, Brasil.

Cristo, na comunhão dos discípulos e missionários do Senhor, para que América Latina e Caribe sejam efetivamente um continente no qual a fé, a esperança e o amor renovem a vida das pessoas e transformem as culturas dos povos”<sup>8</sup>.

9. Mas por que será que muitas vezes escolhemos o caminho da morte?
- Em primeiro lugar, escolhemos o caminho da morte porque não nos abrimos integralmente para a realidade. Reduzimos o real apenas a seus aspectos mais imediatos, que podem ser explicados pela ciência e dominados pela técnica. Eliminamos a pergunta sobre o sentido das coisas e dos acontecimentos, deixando sem resposta as perguntas sobre o amar e o sofrer, o bem e o mal. Passamos a acreditar que a ciência e a técnica podem solucionar os problemas, sem a necessidade do compromisso ético<sup>9</sup>.
  - Essa limitação de nossa razão nos impede de compreender o que é verdadeiramente o amor. Nós o reduzimos à simples realização de nosso desejo de posse do outro, sem perceber que a realização plena do amor acontece quando nos doamos ao outro, como nos lembra Bento XVI na encíclica *Deus caritas est*.
  - Por fim, essa razão limitada e esse amor desnortado não são capazes de perceber a sacralidade da vida humana e a dignidade da pessoa. A vida cotidiana se amesquinha, as pessoas passam a ser usadas e instrumentalizadas, permitindo toda a sorte de ataques àqueles que são mais fracos e indefesos.
10. O Documento de Aparecida nos mostra que o encontro com Cristo é o ponto de partida para a negação desses caminhos de morte e a escolha do caminho da vida. “A vida nova de Jesus Cristo atinge o ser humano por inteiro e desenvolve em plenitude a existência humana ‘em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural’<sup>10</sup>. Para isso, faz falta entrar em um processo de mudança que transfigure os vários aspectos da própria vida. Só assim será possível perceber que Jesus Cristo é nosso salvador em todos os sentidos da palavra. Só assim manifestaremos que a vida em Cristo cura, fortalece e humaniza. Porque ‘Ele é o Vivente, que caminha a nossa lado, manifestando-nos o sentido dos acontecimentos, da dor e da

---

<sup>8</sup> Documento Final da *V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano*, DAp, 13.

<sup>9</sup> É sobre esses limites da razão que nos alertam João Paulo II, na encíclica *Fides et ratio*, e Bento XVI no discurso de Regensburgo.

<sup>10</sup> DI 4.

morte, da alegria e da festa'<sup>11</sup>. A vida em Cristo inclui a alegria de comer juntos, o entusiasmo por progredir, a paixão por trabalhar e por aprender, a alegria de servir a quem necessite de nós, o contato com a natureza, o entusiasmo dos projetos comunitários, o prazer de uma sexualidade vivida segundo o Evangelho e todas as coisas com as quais o Pai nos presentearia como sinais de seu amor sincero. Podemos encontrar o Senhor em meio às alegrias de nossa limitada existência e, dessa forma, brota uma gratidão sincera.”<sup>12</sup>

11. O encontro com Cristo é o ponto de onde partimos para reconhecer plenamente a sacralidade da vida e a dignidade da pessoa humana, mas esse reconhecimento não é exclusivo às pessoas de fé. Todo ser humano traz, em seu coração, o desejo de ter essa sacralidade e essa dignidade reconhecidas. “Bendizemos ao Pai porque, mesmo entre dificuldades e incertezas, todo homem aberto sinceramente à verdade e ao bem comum pode chegar a descobrir na lei natural, escrita em seu coração (cf. Rm 2,14-15), o valor sagrado da vida humana desde seu início até seu fim natural e afirmar o direito de cada ser humano de ver respeitado totalmente este seu bem primário. ‘A convivência humana e a própria comunidade política’<sup>13</sup> se fundamentam no reconhecimento desse direito”<sup>14</sup>.
12. Assim, com esperança e alegria renovadas, nos lançamos mais uma vez à defesa da vida, cientes de que essa é uma luta pessoal e social contra uma cultura de morte que se infiltra no coração das pessoas e contra as estruturas injustas que objetivamente trazem a morte a nós, brasileiros, e a nossos irmãos latino-americanos e caribenhos.

## **Objetivo Geral**

13. Levar a Igreja e a sociedade a defender e a promover a vida humana, desde a sua concepção até a sua morte natural, compreendida como dom de Deus e co-responsabilidade de todos, na busca de sua plenificação, a partir da beleza e do sentido da vida em todas as circunstâncias, e do compromisso ético do amor fraterno.

---

<sup>11</sup> Ibid.

<sup>12</sup> DAp, 356.

<sup>13</sup> EV 2.

<sup>14</sup> DAp, 108.

## Objetivos Específicos

14. Para que o objetivo geral possa ser atingido, a CF 2008 terá os seguintes objetivos específicos:

- Desenvolver uma concepção de pessoa (antropologia integral) capaz de fundamentar adequadamente, sem reducionismos, as ações em defesa da vida humana.
- Fortalecer a família como espaço primeiro da defesa da vida, através da maternidade e da paternidade responsáveis, do acolhimento aos idosos, doentes e sofredores.
- Fomentar a cultura da vida, através da educação, para o desenvolvimento pleno da afetividade, a co-responsabilidade entre homem e mulher, e a solidariedade entre todos.
- Trabalhar em unidade com pessoas de diversas posições culturais e diferentes religiões na busca da promoção da vida.
- Desenvolver nas pessoas a consciência crítica diante das estruturas que geram a morte e promovem a manipulação e comercialização da vida humana.
- Propor e apoiar políticas públicas que garantam a promoção e defesa da vida.
- Crescer na fé, vivida como amor a Deus e amor aos irmãos, respeitando a sacralidade de cada pessoa, imagem e semelhança de Deus e habitação da Trindade, valorizando todos os elementos de defesa da vida presentes em todas as religiões.

---

# I Ver - entre a cultura da vida e a cultura da morte

---

15. Logo no início da encíclica *Evangelium vitae*, João Paulo II associa “a grandeza e o valor precioso da vida humana” ao “valor incomparável de cada pessoa humana”<sup>15</sup>. Não é possível entender a defesa da vida humana senão como defesa da vida da pessoa humana. A vida humana não pode ser reduzida à sua dimensão biológica. O ser humano não é chamado apenas a sobreviver, mas a viver como pessoa, com toda a sua dignidade e desejo de plenitude. Cada um de nós possui um desejo infinito de amor, verdade, justiça, beleza que ninguém pode tirar ou reduzir e que nos servem de guia para orientar nossas escolhas e realizações na vida. Por outro lado, não podemos deixar de constatar na sociedade contemporânea diferentes formas de violência e de atentados contra a vida, em especial contra a pessoa humana, frutos de uma ética relativista que vem tentando se impor a qualquer preço.
16. A Campanha da Fraternidade de 2008 nos propõe assumir uma atitude corajosa em favor da vida, a partir da constatação do valor incondicional e inviolável da vida humana. Para isso, precisamos iniciar nossa reflexão partindo de uma visão integral da vida e da pessoa humana – a partir de sua realidade existencial – condizente com sua dignidade e que se contrapõe aos modelos reducionistas tão difundidos em nossa época.

## I.1 A PESSOA HUMANA E A CULTURA DA MORTE

17. Uma das principais estratégias de dominação em nossa sociedade é fazer com que não olhemos para nós mesmos com realismo. O poder sempre faz com que pensemos que nossos desejos e necessidades são aqueles proclamados pelos meios de comunicação e repetidos pela maioria. Mas quando a pessoa olha para si mesma

---

<sup>15</sup> EV, 2.



de forma consciente e refletida, percebe quais são seus verdadeiros desejos e necessidades, deixando de ser facilmente manipulável pelo poder.

18. Por isso, a primeira etapa em nosso percurso para ver a realidade nos levará a ver a nós mesmos como pessoa humana. Quem somos nós? O que nos aflige? Quais são nossos verdadeiros desejos? Para isso, procuraremos fazer uma “investigação existencial” sobre nós mesmos. A partir daí, nosso VER irá se expandindo, para compreender como, em nossa sociedade, se articulam os fatores que favorecem a cultura da vida e os que nos levam à morte.

### **I.1.a Um olhar integral sobre a pessoa humana**

19. Quando olhamos para nossa própria experiência humana, alguns elementos se tornam evidentes aos nossos olhos. Esses elementos podem se manifestar de modos muito diferentes, em função de nossa educação, dos desafios que a vida nos apresenta, das experiências tristes ou alegres que fizemos. Contudo, todos podemos identificá-los e, de alguma forma, temos que responder aos questionamentos e aos anseios que nos despertam.
20. A primeira experiência é o anseio por felicidade, por realização da nossa própria pessoa, de um desejo que orienta toda a nossa vida. Para alguns se manifesta como uma experiência unitária, de um grande desejo que engloba toda a vida e todas as suas dimensões – é a experiência dos grandes místicos e dos grandes apaixonados. Para outros, se fragmenta e se materializa em um conjunto de pequenos desejos e necessidades que constituem o próprio tecido da vida.
21. A segunda experiência constitutiva de nossa pessoa é a percepção do próprio “eu”, da própria individualidade e da própria dignidade. Eu não me confundo com os outros, eu não sou parte da minha mãe ou do meu pai<sup>16</sup>. Nesse processo, experimentamos a consciência da própria dignidade pessoal de forma mais clara ou mais confusa, dependendo de nossa história particular. É importante compreender que essa dignidade nos é intrínseca, isso é, não pode nos ser dada ou tirada. As pessoas podem receber, ao longo da vida, uma dignidade que não lhes é intrínseca, mas decorrente de suas realizações, de suas capacidades ou de seu poder. É a dignidade do grande líder, do herói, do político representante do povo, etc. Mas

---

<sup>16</sup> A psicologia do desenvolvimento nos mostra que essa percepção de ser uma outra pessoa, diferente dos pais, vai se desenvolvendo ao longo do amadurecimento da criança.pequena.

essas dignidades podem ser recebidas e perdidas porque dependem de condições da pessoa. A dignidade pessoal intrínseca nos pertence desde a concepção e nunca poderá nos ser tirada.

22. Todos fazemos, ainda, a experiência do desejo de liberdade. Essa é uma palavra que freqüentemente nos causa confusão. O que é ser livre? Por que não nos sentimos livres em certas situações? Como fazer para alcançar a liberdade? Não cabe aqui buscarmos as respostas para essas perguntas, mas apenas constatar que elas são constitutivas da nossa pessoa e da nossa vida.
23. Paralelamente à experiência da liberdade, fazemos a experiência da responsabilidade. Essa também é uma experiência que freqüentemente nos aparece de forma confusa, pois grande parte das responsabilidades com as quais vivemos nos foram impostas pelo ambiente ou pela organização social. Porém, existe uma responsabilidade original, da qual nenhum ser humano pode escapar: é a responsabilidade para com a própria vida, a percepção de que ela nos pertence e que devemos procurar fazer o melhor possível para nos realizarmos. Essa experiência está ligada, por exemplo, à insegurança dos jovens quando começam a fazer as opções que orientarão sua vida adulta, ou à profunda solidão que nos atinge quando devemos tomar decisões realmente difíceis.

### **I.1.b A pessoa humana, o amor e a vida**

24. A principal manifestação daquele desejo de felicidade, que está presente em todos nós, é o desejo de “amar e ser amado”. Mesmo quando parece que buscamos outras coisas, vemos que, no fundo, o amor é nosso objetivo último, e que os demais objetivos são caminhos para se chegar ao amor ou tentativas de fugir a essa necessidade maior.
25. A experiência de desejar outro ser humano que nos complete começa a se colocar para cada um ainda na adolescência e cresce à medida que amadurecemos. Esse desejo não é tratado da mesma forma nas diferentes culturas. Não será experimentado da mesma forma pelo adolescente índio e pelo jovem que habita a cidade grande, nem foi vivido por nossos bisavós da mesma forma como é vivido hoje. Contudo, quando olhamos para a nossa experiência humana e para a experiência humana de outros povos, tal como retratada nas artes e nos mitos, percebemos sempre esse mesmo desejo.

26. Em nenhum outro momento e contexto cultural da história as pessoas estiveram tão livres para amar como na sociedade ocidental do século XXI. Nunca foram tão bombardeadas pela idéia da necessidade do amor e de que o amor traz felicidade, quanto são hoje por nossos meios de comunicação (afinal, de que falam as telenovelas e os filmes no cinema?). Mas, nem por isto, somos mais capazes de encontrar a felicidade através do amor. Parece que temos até mais dificuldade. O que estará acontecendo em nossa sociedade?
27. A atitude mais primária do ser humano, na vivência de sua afetividade e sexualidade, é baseada apenas no **impulso sexual**. Essa atitude se dirige ao corpo da outra pessoa, que atrai por sua aparência física. Baseia-se na atração instintiva por outra pessoa: o envolvimento se dá pelo desejo e excitação sexual. A forma imediatamente superior é baseada na dimensão psicológica, a **vivência do impulso erótico**. Agora, a dimensão sexual não é abandonada, mas complementada por um desejo que abrange a emoção, a fantasia, o desejo de incluir o outro em seus sonhos. É a atitude de um casal de namorados apaixonados. A pessoa apaixonada está fascinada pela outra pessoa de modo mais abrangente, não só pelo seu corpo. O jeito de olhar, falar, a forma como se relaciona com as pessoas, o que é próprio dela, sua capacidade particular de fazer algo. O sentimento é intenso, porém fugaz. A **vivência do amor** assumida a partir da opção pelo outro é a forma mais elevada e mais plenamente humana de viver a sexualidade. Quem vive a atitude do amor tem consciência de que ama o outro por aquilo que ele é, não apenas porque tem um corpo atraente ou possui determinada característica que apaixone. Quem ama fica feliz pelo simples fato do amado existir<sup>17</sup>.
28. No desenvolvimento da atitude erótica para a atitude do amor, o erotismo não é perdido, mas valorizado e redimensionado num outro horizonte mais amplo e capaz de realizar ainda mais a pessoa. Nesse desenvolvimento, a pessoa vai passando de uma postura de cobrança e ânsia pelo outro para uma postura de doação e desejo de bem do outro. Essa trajetória corresponde à dinâmica do desenvolvimento afetivo de todo ser humano desde o seu nascimento, quando se encontra completamente dependente, até a sua maturidade, em que encontra o sentido de sua vida ao se doar a uma pessoa, a uma causa ou a um grande ideal

---

<sup>17</sup> Ver BRANDÃO, S .R. Afetividade e sexualidade para o adolescente. [http://www.pucsp.br/fecultura/textos/amor\\_humano/afetividade.html](http://www.pucsp.br/fecultura/textos/amor_humano/afetividade.html).

pelo qual faz a opção. De certa forma esta trajetória corresponde ao desenvolvimento de um relacionamento afetivo desde a atração inicial entre os enamorados até sua plena realização no matrimônio e a formação da família<sup>18</sup>. Como todo ser humano tem a necessidade de amar, mas também tem a necessidade de ser amado e de ser livre, quando a relação afetiva não evolui da atitude erótica até a atitude do amor, ela não alcança a realização pessoal e acaba por destruir o próprio relacionamento afetivo. A paixão se torna como fogo que consome a madeira que lhe dá vida, pois o desejo começa a sufocar a pessoa desejada, ao invés de lançá-la a sua realização.

29. Retornando à questão da afetividade em nossa sociedade, vemos que o amor – apesar de ser um tema central em nossos meios de comunicação – é visto basicamente sob uma ótica utilitarista e dominadora. O outro interessa só na medida em que nos serve, na medida em que nós o dominamos de alguma forma para que se ajuste a nossas necessidades. Assim, as pessoas não são ajudadas a chegar à maturidade de seu desenvolvimento afetivo, perdendo a possibilidade de alcançar realização pessoal por meio dessa experiência vital que é o amor<sup>19</sup>.

### I.1.c Os valores na cultura da morte

30. A forma como vemos a pessoa, as relações afetivas e a vida humana são determinadas pelos valores através dos quais organizamos nossas vidas. Quando procuramos entender quais são os valores que organizam nossa existência na sociedade atual, vemos que aqueles determinantes são, de um lado, a **autonomia do indivíduo** (freqüentemente identificada com a liberdade); e o **êxito**, o **sucesso individual**, de outro.
31. A **autonomia individualista** pode ser entendida como a possibilidade de se fazer tudo que se quer, sem nenhum limite externo. Ainda que muitos identifiquem autonomia e liberdade, pode ser útil para nossa discussão discernir os dois conceitos. Assim, é importante entender a liberdade como a capacidade de decidir sobre aquilo que nos constrói como seres humanos. Essa distinção é importante,

---

<sup>18</sup> Numa perspectiva filosófica e teológica, o papa Bento XVI descreve esse mesmo processo como o desenvolvimento do eros até o ágape em sua encíclica *Deus caritas est* (3-8).

<sup>19</sup> Esta constatação não pode ser confundida com um julgamento moralista da sexualidade – ainda que ela seja realmente exacerbada em nossa cultura. Isso também é um problema, mas aqui estamos tratando de ver a própria dinâmica do desenvolvimento afetivo, tal como ele se apresenta em nossa experiência e à luz da psicologia.

porque não poder fazer o mal pode ser uma limitação à nossa autonomia, mas não à nossa liberdade. Além disso, num mundo determinado pela autonomia de cada um, o grande problema da sociedade é como conciliar os interesses e os desejos conflitantes entre os indivíduos.

32. Por outro lado, em nosso mundo altamente competitivo, não basta ao ser humano viver bem. Ele deve ostentar os sinais de que atingiu seu objetivo – geralmente identificado com ter coisas e o poder. Assim, todas as relações, todas as coisas e todas as pessoas passam a ser vistas como instrumentos ou sinais do **êxito individual**. A questão aqui não é o desejo de alcançar um objetivo que mobiliza o ser humano em todas as condições sociais e em todas as culturas, mas é o pensamento de que o objetivo é ter êxito e vencer a competição com os demais.
33. Buscando apenas o próprio êxito e a própria autonomia individualista, as pessoas têm dificuldade de olhar para o outro, de cultivar o afeto e a solidariedade. Por isso, o individualismo também é uma marca do nosso tempo e se aprofunda a cada dia, até mesmo nos meios familiares e eclesiais. No contexto das relações afetivas, o individualismo vai minando a capacidade de doação ao outro e compromete as relações familiares, a amizade e a vida comunitária. No contexto da vida pública, reduz a participação político-social, pois relativiza a importância do bem comum como princípio de ético, além de deixar de lado a preocupação com o sofrimento humano, tornando o coração insensível e incapaz de exercer a caridade.
34. Coisas e pessoas passam a ter valor apenas na medida em que servem aos nossos objetivos particulares. A mentalidade dominante nas relações é a do “usar e descartar quando não serve mais”. As relações afetivas se tornam fugazes, o respeito à pessoa só existe na medida em que ela é “útil”. Cresce a tendência de descartar os idosos e não deixar nascer os deficientes, vistos como peças inúteis de nossa sociedade.
35. As pessoas, querendo afirmar seu êxito, buscam realizar-se através do consumismo desenfreado, reduzindo suas aspirações à satisfação de necessidades criadas pela sociedade, na sua maioria irreais ou supérfluas, como os modismos que marcam a nossa época e possuem uma existência muito curta. O consumismo também é alimentado pela indústria cultural e pela ideologia da tecnologia de ponta diante do que possuir um equipamento de última geração é fundamental. O consumismo reduz o objetivo da vida ao poder aquisitivo, de modo que a pessoa vale muito

mais pelo que ela tem do que pelo que ela é. Além disso, contribui para o esgotamento dos recursos naturais, ameaçando a sustentabilidade da vida.

36. A sociedade se torna marcada, entre outros aspectos, pelo egoísmo e pelo materialismo. Os horizontes da existência humana se reduzem à imanência e tudo o que existe só tem sentido enquanto concorre para o acúmulo de bens materiais.
37. A pessoa que dedica toda a sua vida ao próprio êxito, ao sucesso profissional e ao acúmulo de bens, como sinais exteriores de sua realização, tem a necessidade permanente de obter uma satisfação que compense os esforços realizados. Como tende a ver o outro cada vez mais como coisa, instrumento a ser usado, tem dificuldade em encontrar satisfação nas relações afetivas, o que depende da maturidade do relacionamento inter-pessoal. Aqui encontramos uma das causas do hedonismo. Para a mentalidade hedonista moderna, o valor maior é a realização da própria instintividade, tendendo cada vez mais a reduzir tanto a atitude do amor à atitude erótica como a atitude erótica à mera atitude sexual.
38. Por fim, outro aspecto da cultura atual é o imediatismo, que impede a visão da vida de uma forma global e como algo a ser construído, no seu todo, a cada momento e em cada situação particular. O imediatismo fraciona a vida em momentos e em necessidades momentâneas, fazendo com que a fração determine o todo e não o contrário, de modo que a vida se limita a aproveitar, numa correria louca, cada oportunidade, deixando se ser a construção de um projeto humano e pessoal.
39. Nesse quadro de valores construídos a partir da ânsia pelo êxito a partir do individualismo, do utilitarismo e do hedonismo, não conseguimos perceber a dignidade e os direitos inerentes à pessoa humana. Cada um passa a ter sua dignidade reconhecida apenas em função de sua capacidade de produzir e dominar. A própria vida humana esvazia-se de sentido e de valor em si mesma. Assim, como o ser humano só tem valor enquanto pode desempenhar certas funções na sociedade, também sua vida só tem valor enquanto ele desempenha tais funções.
40. Dessa forma, os ainda não-nascidos, os doentes, os idosos, os miseráveis, os famintos, os analfabetos, os marginalizados e os excluídos em geral perdem seu valor intrínseco. Constrói-se uma cultura da morte e da exclusão, que se amplia e vai atingindo a todos os desfavorecidos, pois todos eles parecem cada vez mais descartáveis na sociedade. Por fim, mesmo as relações mais íntimas vão se

contaminando por essa cultura da morte. A vida afetiva se torna efêmera, pois a pessoa amada deixa de ser importante logo que parece não dar mais prazer ao outro; o filho passa a ser visto como propriedade dos pais que decidem sobre ele em função de seus próprios interesses.

#### **I.1.d Os desafios da ciência e das novas tecnologias**

41. A vida sempre foi um dos principais mistérios para a humanidade e, por isso, sempre foi um de seus principais objetos de investigação. Nos tempos modernos, essa investigação passou a ser feita utilizando-se o chamado “método científico”. Trata-se de um conjunto de procedimentos sistemáticos que permitem que se chegue a um conhecimento sempre melhor do funcionamento dos fenômenos naturais. Seguindo esse método, o cientista, a partir de suas observações e de teorias anteriores, elabora hipóteses sobre esses fenômenos, realiza experimentos controlados através dos quais verifica se a natureza se comporta segundo as hipóteses e, se considerar uma hipótese válida, escreve uma teoria a respeito.
42. Esse método não garante que toda informação ou teoria científica seja verdadeira, mas sim que estamos num caminho que nos permite conhecer sempre mais a natureza. Vários autores procuraram discutir os limites desse método, evitando um “dogmatismo científico”, chamado freqüentemente de cientificismo. Em primeiro lugar, devemos entender que o método científico explica o funcionamento de um fenômeno, e não o seu significado. Através dele, por exemplo, podemos entender como se dá uma determinada morte, mas não o sentido da morte. Além disso, o método trabalha a partir de hipóteses. Se não temos hipóteses adequadas, não conseguimos descobrir como funcionam os processos. Por último, um conhecimento realmente novo que vá contra os demais conhecimentos já considerados válidos, sempre terá mais dificuldade de se firmar mesmo entre os cientistas<sup>20</sup>.
43. As ciências e as novas tecnologias são instrumentos poderosos tanto de auxílio quanto de ameaça à vida. Em teoria, o conhecimento sobre a natureza biológica e física não deveria ser influenciado por preconceitos, ideologias e interesses pessoais. Na prática, contudo, o caminho da pesquisa é influenciado por interesses de mercado, por interesses políticos assim como pelas convicções e opções éticas

---

<sup>20</sup> Uma boa introdução ao método científico e à filosofia da ciência pode ser encontrada em ALVES, R. *Filosofia da ciência*. Ed. Ars Poética.

dos pesquisadores. Uma célula sempre será uma célula, mas qual célula pesquisar, a importância de determinadas pesquisas ou o uso de um determinado conhecimento sobre as células são questões que dependem de decisões tomadas pelas pessoas, em função de suas opções e de suas consciências.

44. A principal característica das ciências naturais, após a II Grande Guerra Mundial, foi sua dependência crescente de novas e caras tecnologias para seu desenvolvimento. A ciência sempre dependeu de novas tecnologias para se desenvolver. Por exemplo, teria sido impossível descobrir a célula (em 1663) sem que tivéssemos o microscópio (inventado em 1590). Porém, ao longo do século XX, a ciência – como tudo o mais em nossa sociedade – passou a depender cada vez mais das inovações tecnológicas e, por isso, a necessitar cada vez mais de recursos financeiros.
45. Os cientistas mais influentes vêm se tornando, cada vez mais, líderes de equipes que movimentam várias pessoas e demandam grandes investimentos, realizados por fundos de pesquisas estatais ou empresas. Grande parte das pesquisas não é imediatamente aplicável para resolver problemas de saúde ou aumentar a produção econômica, mas mesmo essas pesquisas são denominadas “básicas”, pois se supõem que servirão de base para futuras pesquisas “aplicadas” à resolução desses problemas.
46. Equipes de pesquisadores, hoje, disputam entre si por recursos econômicos e êxito profissional. Como as empresas capitalistas competem no mercado basicamente com produtividade e preço – quem produz mais pode vender a um preço menor e com isso vende mais – as equipes de pesquisa também competem com produtividade e eficiência. Necessitam produzir muito e convencer os financiadores de que seus resultados realmente ajudarão a resolver os problemas<sup>21</sup>.
47. Graças a essa estratégia de formação de equipes e concentração de recursos em torno daquelas mais produtivas e eficientes, a pesquisa científica pode fazer grandes e rápidos progressos. No Brasil, por exemplo, entre 1981 e 2004, a

---

<sup>21</sup> O leitor interessado pode encontrar uma caracterização geral desse processo num artigo de SCHWARTZMAN, S. *Ciência e história da ciência*, 1976. [in] <http://www.schwartzman.org.br/simon/cciencia.htm>. Trata-se de um texto antigo, mas relativamente didático, e que ainda se revela válido para o entendimento do processo que estamos vendo.



produção científica cresceu cerca de 275%, enquanto o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu apenas cerca de 110%<sup>22</sup>.

48. Nesse processo competitivo, porém, critérios como prudência e respeito à pessoa humana algumas vezes parecem se tornar obstáculos ao crescimento do grupo e de sua produção. As equipes de pesquisadores se arriscam cada vez mais e trabalham com resultados cada vez mais incertos podendo colocar em risco as pessoas que aceitam participar de seus experimentos. Além disso, cada avanço é apresentado como se dele dependesse a solução definitiva para os problemas.
49. A indústria farmacêutica, por exemplo, protagonizou vários casos de pesquisas em que os direitos humanos foram violados. Populações pobres, minorias étnicas, presidiários, pessoas com deficiências foram sujeitadas a experiências de altíssimo risco, com resultados trágicos. Vejamos alguns exemplos clássicos<sup>23</sup>:
- Durante 40 anos (1932-1972), o Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos realizou um projeto sobre “sífilis não-tratada em homens negros”. A pesquisa envolveu 600 homens negros, 399 dos quais com sífilis e 201 sem a doença. O objetivo era observar a evolução da sífilis, na ausência de tratamento (o que não foi comunicado aos 600 homens pesquisados). No intervalo de tempo em que durou a pesquisa, descobriu-se a penicilina como possibilidade de tratamento, mas os participantes do estudo continuaram não recebendo informações sobre a doença. O estudo foi interrompido após uma denúncia no jornal *The New York Times*.
  - Ainda nos Estados Unidos, entre 1956 e 1970, foi realizada uma pesquisa em que médicos infectaram mais de 700 crianças que apresentavam quadro de deficiência mental, com o vírus da hepatite B, com o objetivo de desenvolver uma vacina.
  - À medida que os países desenvolvidos foram se conscientizando dessas violações dos direitos humanos, tais pesquisas foram se deslocando para os países pobres da África e da América Latina. Na África, nos anos 1998-1999, por exemplo, foi realizada uma pesquisa com 17.000 mulheres grávidas envolvendo o estudo da

---

<sup>22</sup> Ver BRASIL, MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. *Indicadores nacionais de ciência e tecnologia (C&T)*. [in] <http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/2042.html>.

<sup>23</sup> ALMEIDA, J.L.T. Um Novo Horizonte para a Ética em Saúde: a bioética. *Textos completos. Teses. ENSP-Fiocruz* [in] [http://portaldeseres.cict.fiocruz.br/transf.php?script=thes\\_chap&id=00002504&lng=pt&nrm=iso](http://portaldeseres.cict.fiocruz.br/transf.php?script=thes_chap&id=00002504&lng=pt&nrm=iso).

AIDS. O objetivo era determinar se um tratamento curto com AZT (de custo menor) poderia garantir uma redução da transmissão da mãe para o filho. A população foi dividida em dois grupos: o grupo de observação no qual se aplicaria o tratamento curto, e o grupo-controle, que não receberia tratamento, mas somente placebo (substância comprovadamente sem efeito curativo). Os sujeitos que participavam do grupo-controle não sabiam se estavam ou não sendo tratados, e as crianças que nasceram nesse grupo foram, em sua maioria, HIV-positivas<sup>24</sup>.

50. Esse tipo de pesquisa que desrespeita os direitos humanos, particularmente dos mais pobres e menos esclarecidos, continua sendo praticado até hoje. Para evitar que isso aconteça, as instituições de pesquisa e as universidades devem, por lei, contar com os chamados Comitês de Ética em Pesquisas, em que cientistas e representantes da população avaliam os projetos de pesquisa antes que se iniciem e podem impedir aqueles que desrespeitem os direitos humanos. Contudo, trata-se de um processo permanente e litigioso, pois os interesses econômicos sempre falam alto e procuram induzir as instituições a realizarem pesquisas mais rápidas e de menor custo, mesmo que apresentem questionamentos éticos.
51. Por outro lado, resultados ainda muito preliminares são oferecidos à população como definitivos ou como soluções garantidas para problemas dolorosos. É o caso da pesquisa com células-tronco embrionárias, que vem sendo apresentada como solução a várias doenças, sendo que ainda não apresentou nenhum resultado prático definitivo. Além disso, outras soluções igualmente viáveis são esquecidas e podem até deixar de ser desenvolvidas por falta de recursos.

### **I.1.e Um olhar sobre a juventude**

52. “Constatamos com preocupação que inumeráveis jovens do nosso continente passam por situações que os afetam significativamente: as seqüelas da pobreza, que limitam o crescimento harmônico de suas vidas e geram exclusão; a socialização cuja transmissão de valores já não acontece primariamente nas instituições tradicionais, mas em novos ambientes não isentos de uma forte carga de alienação; e sua permeabilidade às formas novas de expressões culturais, produto da globalização,

---

<sup>24</sup> CAPONI, S. A biopolítica da população e a experimentação com seres humanos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9 (2):445-455, 2004.

que afeta sua própria identidade pessoal e social. São presa fácil das novas propostas religiosas e pseudo-religiosas. As crises, pelas quais passa a família hoje em dia, produz profundas carências afetivas e conflitos emocionais”<sup>25</sup>.

53. “Estão muito afetados por uma educação de baixa qualidade, que os deixa por baixo dos níveis necessários de competitividade, somado aos enfoques antropológicos reducionistas, que limitam seus horizontes de vida e dificultam a tomada de decisões duradouras. Vê-se ausência de jovens na esfera política devida à desconfiança que geram as situações de corrupção, o desprestígio dos políticos e a procura de interesses pessoais frente ao bem comum. Constata-se com preocupação suicídios de jovens. Outros não têm possibilidades de estudar ou trabalhar e muitos deixam seus países por não encontrar neles um futuro, dando assim ao fenômeno da mobilidade humana e da migração um rosto juvenil. Preocupa também o uso indiscriminado e abusivo que muitos jovens fazem da comunicação virtual”<sup>26</sup>.

### **I.1.f O mundo das prisões**

54. “Uma realidade que golpeia a todos os setores da população, mas principalmente o mais pobre, é a violência produto das injustiças e outros males que durante longos anos está sendo semeado nas comunidades. Isto induz a uma maior criminalidade e, por fim, a que sejam muitas as pessoas que tem que cumprir penas em recintos penitenciários desumanos, caracterizados pelo comércio de armas, drogas, aglomeração, torturas, ausência de programas de reabilitação, crime organizado que impede um processo de reeducação e de inserção na vida produtiva da sociedade. No momento atual, os cárceres são com freqüência, lamentavelmente, escolas para aprender a delinquir”<sup>27</sup>.

## **I.2 VIDA, AFETIVIDADE E SEXUALIDADE**

55. Alguns dos temas mais importantes para a defesa da vida humana na atualidade se referem a questões que afetam a reprodução humana, como o aborto e a reprodução assistida (bebê de proveta). Como a reprodução e a vida afetivo-sexual

---

<sup>25</sup> DAp 444.

<sup>26</sup> DAp 445.

<sup>27</sup> DAp 427.

caminham lado a lado, a discussão desses temas tem como pressuposto a compreensão das questões afetivo-sexuais. A opção pelo aborto induzido é tomada, na maioria dos casos, a partir de uma relação sexual que, aparentemente, teve resultados indesejados. Compreender sua complexa problemática inclui, portanto, responder a algumas perguntas iniciais: Como e por que esse bebê foi gerado? Qual era a predisposição do casal que se relacionou sexualmente? Qual era seu entendimento sobre a própria sexualidade? Como cada um via e entendia o outro? Existia algum compromisso entre eles? Qual a mentalidade dominante na cultura atual? Que significado tem um filho?

### **I.2.a Os tempos atuais e o papel da sexualidade na vida humana**

56. Particularmente a partir do final do século XIX, a sociedade ocidental passou a ver a repressão sobre o sexo como uma das grandes causas de distúrbios e insatisfações nas pessoas. Freud, o principal introdutor do tema, considerava o ser humano como um ser movido por uma série de impulsos que se orientam para a satisfação de suas necessidades e de seu prazer. Para ele, haveria constante duelo entre a força do impulso sexual (libido) e a força repressora cultural, social, moral e religiosa (super-ego). O “ego” seria *nada mais que* o resultado da luta entre estas duas forças. Embora Freud reconhecesse que os desejos sexuais não poderiam ser satisfeitos imediatamente em qualquer contexto ou condição quando as pessoas convivem em sociedade, concluiu que a grande maioria dos problemas psicológicos viria de impulsos reprimidos. Vamos constatar, na sociedade atual, dois entendimentos que foram gerados a partir desta visão freudiana da sexualidade. Ambos estão equivocados em sua base, porque partem de uma visão errada de pessoa, reduzida apenas à dimensão corpórea e psíquica.
57. Alguns entenderam que Freud e a psicologia moderna mostraram que a repressão é inevitável na vida individual e social e que a forma para encontrar o equilíbrio pessoal viria pela repressão dos desejos imediatos para realizá-lo, de forma adequada, em outro contexto (sublimação). Uma vez que os impulsos realmente existem, eles deveriam ser disciplinados. O “eu” (ego) se estruturaria a partir desse controle dos impulsos e do direcionamento adequado para sua realização sendo que isso seria suficiente para ser alcançada a felicidade.

58. Outros entenderam que os padrões de comportamento deveriam ser contestados e rompidos para que se conquistasse o direito ao livre exercício da sexualidade a partir dos próprios impulsos. No mundo moderno, sempre houve pessoas, grupos e movimentos marcados por forte insatisfação com os valores vigentes, crescendo as reações contra o que seria somente convenção moralista. Ao longo do século XX essa insatisfação freqüentemente se manifestou nos chamados “movimentos de contracultura”, entre os quais, o mais conhecido foi o movimento hippie. Aos poucos suas críticas foram penetrando em toda a sociedade, moldando certa forma de pensar típica de nossos tempos.
59. A luta contra a repressão sobre o sexo e o discurso sobre a sexualidade se tornaram cada vez mais freqüentes e obsessivos. O que antes era reservado à discussão, em poucas ocasiões especiais, tornou-se obrigatório para todos. A “liberdade sexual” aos poucos foi se conformando a um discurso de exigências de mercado, sendo explorada para aumentar o lucro e expandir o capitalismo. É importante observar que essas constatações não partem apenas de reacionários defensores de uma sociedade reprimida do passado, mas de muitos analistas que se dedicaram a estudar e a compreender o discurso sobre a sexualidade no mundo atual<sup>28</sup>.
60. Mesmo que correndo o risco de simplificar demais, pode-se perceber que os discursos sobre a sexualidade em na sociedade atual podem tomar três rumos que geram atitudes diferentes baseadas em valores também diferentes entre si:
- Contra a “repressão sobre o sexo”, defende-se a posição de não estabelecer qualquer limitação à atividade sexual, deixando-a totalmente entregue à autonomia dos indivíduos.
  - Em “defesa dos valores tradicionais”, atitude que se contrapõe à primeira em nome da sabedoria e do bom senso da tradição, muitas vezes propondo a sublimação dos impulsos, cuja existência não pode ser negada.
  - A proposta que parte da visão integral da pessoa, chamada à partilha do amor, o que inclui o “compromisso entre afetividade e sexualidade”. Esta proposta entende a sexualidade vinculada à vida afetiva, assumida na busca do seu sentido, no diálogo inter-pessoal e na capacidade de dar respostas existenciais livres dentro de um projeto de vida.

---

<sup>28</sup> Ver, por exemplo, CHAUI, M. *Repressão sobre o sexo: essa nossa (des) conhecida*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

61. Em geral, o discurso das pessoas mistura as três posições em maior ou menor grau, mostrando a falta de conceitos claros, o que se tornou cada vez mais patente em nossa sociedade. Apesar das informações abundantes sobre sexualidade e apesar das contribuições das ciências nesse campo serem cada vez mais difundidas, as pessoas frequentemente não sabem como se posicionar diante das questões sexuais. Por outro lado, as opções referentes à sexualidade se tornam “bandeiras” políticas. Passa a existir uma imagem da vida sexual aparentemente liberal, mas que, muitas vezes, reproduz um esquema de poder dentro da sociedade.

### **I.2.b Afetividade, sexualidade, contracepção, prevenção e defesa da vida**

62. Atualmente, a procura pela liberação da atividade sexual enfrenta sempre dois problemas no cotidiano das pessoas: as doenças sexualmente transmissíveis, como a AIDS e a gravidez indesejada. O problema se agrava à medida que diminui a “idade da primeira relação sexual” e se multiplicam as relações sexuais fora do casamento<sup>29</sup>. Para enfrentar esses problemas, vêm sendo desenvolvidos métodos e técnicas de **prevenção** das doenças sexualmente transmissíveis (DST) e de **contracepção**. Entre as famílias, embora o problema das doenças sexualmente transmissíveis também aconteça, o maior problema tende a ser o da gravidez indesejada.
63. Tanto para aqueles que combatem qualquer forma de repressão sexual, quanto para os que têm uma posição de defesa incondicional dos valores tradicionais, é comum associar a liberação sexual justamente ao desenvolvimento desses métodos e técnicas de prevenção e contracepção, bem como à segurança que eles dão aos parceiros sexuais, tanto em relação à gravidez indesejada quanto às doenças sexualmente transmissíveis. Trata-se de uma visão tecnicista, no sentido de que a técnica determinaria por si só os comportamentos sem levar em conta o aprofundamento nas questões de valores e contra-valores.
64. Para os que apresentam a afetividade e a sexualidade a partir de uma visão integral da pessoa, o problema é mais complexo. Somente a questão técnica não explica a

---

<sup>29</sup> Adolescentes de 10 a 19 anos de idade responderam por 22% de cerca de 668 mil partos ocorridos em 2003. As mães com idade entre 10 a 14 anos foram cerca de 28 mil em todo o País. Entre 2002 e 2004, nota-se uma pequena tendência de queda da gravidez na adolescência nas Regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste; e uma relativa estabilidade no Norte e no Nordeste (Painel de Indicadores do SUS).

mudança dos costumes em relação ao sexo. As causas dessa mudança devem ser procuradas num conjunto de fatores que não excluem a questão técnica, mas que são sobretudo fatores ligados à educação, às expectativas do grupo social, às possibilidades de enfrentamento das dificuldades sócio-econômicas e, sobretudo, a desorientação devido à perda do sentido mais profundo da própria sexualidade.

65. Para os que consideram a questão apenas em seu **aspecto técnico**, o grande problema é de **informação e distribuição** dos recursos necessários à prevenção e contracepção (preservativos e pílulas anticoncepcionais, por exemplo). Nesses casos, a informação se resume basicamente em fornecer os dados necessários para o emprego dos métodos, dando pouca ênfase à reflexão sobre os aspectos verdadeiramente humanos envolvidos na atividade sexual. Essas questões são consideradas particulares e, por isso, não devem influenciar na apresentação dos métodos. Para os que defendem esta posição, a ampla distribuição dos recursos necessários à prevenção e à contracepção é uma medida satisfatória porque permite que um número elevado de pessoas possa manter relações sexuais com menor probabilidade de adoecerem ou de engravidarem.
66. Para os que consideram que o problema não é apenas técnico, mas envolve uma **dimensão de compromisso entre afetividade e sexualidade**, o problema não é apenas de informação, mas sim de **educação** e construção de oportunidades que propiciem o amadurecimento pessoal, a vivência de uma **sexualidade responsável**<sup>30</sup> e que responda a anseios existenciais mais profundos, muitas vezes desconhecidos pela própria pessoa. A educação afetivo-sexual considera que a pessoa deve compreender integralmente sua natureza biopsíquica espiritual, independente de sua opção religiosa confessional. A partir daí, que ela possa fazer as escolhas que considerar mais adequadas, com o pleno conhecimento dos problemas inerentes aos métodos de prevenção e contracepção e com o reconhecimento do apelo à vivência de uma sexualidade sadia.
67. Nessa perspectiva, apenas a distribuição ampla desses recursos preventivos não é satisfatória, porque leva a uma desobrigação das pessoas em relação à sua sexualidade, comprometendo todo o seu ser. Torna-se fundamental que, no campo

---

<sup>30</sup> O tema das relações afetivas e da sexualidade não é o foco central dessa Campanha da Fraternidade. Quem quiser se aprofundar no tema pode consultar PETRINI, G. *Relação nupcial, relação ocasional. Lexicon – Pontifício Conselho para a Família* - Gráfica Escolas Profissionais Salesianas, p. 825-836, 2007.

da prevenção, existam programas educacionais que proponham também a **abstinência** (no caso das pessoas solteiras) e a **fidelidade** (quando casados) como caminhos para uma vida sexual saudável e satisfatória. No campo da contracepção, defendem-se a maternidade e a paternidade responsáveis<sup>31</sup>, e particularmente, o “método natural”, que se baseia na prática de relações sexuais nos dias em que a mulher não está fértil<sup>32</sup>.

68. Existem estudos estatísticos mostrando tanto a eficiência de programas centrados apenas na informação e na distribuição de preservativos e pílulas, quanto de programas de educação afetivo-sexual, que consideram a questão da abstinência e da fidelidade<sup>33</sup>. Comparados esses estudos, não se pode esquecer de que trata-se de programas muito variados, que podem ter sido realizados de maneiras muito diferentes e recebem a forte influência da mídia. Deve-se levar em conta não apenas as estatísticas em geral, mas o conteúdo e a forma pela qual um determinado programa estará sendo implementado.
69. A defesa da vida implica que se faça sempre uma avaliação criteriosa da realidade existencial de cada um para propiciar a escolha de caminhos que auxiliem no desenvolvimento integral da pessoa. Quando se apresentam métodos e se planejam programas a serem implementados numa escola ou numa comunidade, deve haver sempre a preocupação de não ser omitida a verdade sobre a sexualidade em sua integralidade e a análise criteriosa das diferentes propostas de comportamento da sociedade atual.

### I.3 A VIDA NÃO-NASCIDA

70. Uma nova vida humana, a partir da Biologia e da Genética, começa no exato momento da **fecundação**, que é a penetração do espermatozóide no óvulo. Quando

---

<sup>31</sup> O planejamento familiar é diferente de “controle da natalidade”. Não se trata apenas de usar métodos que impeçam a gravidez, mas de um conjunto de práticas que levam o casal a assumir o número de filhos que considera mais adequado e a viver com maturidade a paternidade e a maternidade sobre os filhos que nascem.

<sup>32</sup> O “método natural” hoje em dia é muito mais do que o chamado “método da tabelinha”. Ele não se reduz a ver mecanicamente quais são os dias supostamente férteis da mulher com base na data da menstruação. Implica um acompanhamento de todas as variações do corpo da mulher ao longo do ciclo menstrual e na colaboração do homem. Por isso, é considerado um método mais rico do ponto de vista afetivo.

<sup>33</sup> SUAUDEAU, J. Sexo seguro. *Lexicon – Pontifício Conselho para a Família* - Gráfica Escolas Profissionais Salesianas, p. 861-884. 2007.



os dois gametas se unem, acontece o milagre da vida: forma-se uma identidade genética única, diferente da simples soma das características dos pais, portadora em si mesma de uma programação própria de desenvolvimento. Suas características constitucionais já estão definidas: cor da pele e dos olhos, estatura, tipo sanguíneo, temperamento, etc. Nem sua mãe poderá mudar o seu “ser-pessoa”. Necessita apenas de oxigênio, de alimento e de proteção para continuar o seu caminho como qualquer outro ser vivo precisa. Embora esteja na mãe, não é a mãe.

71. Constata-se, no desenvolvimento de cada novo ser humano, que as primeiras horas de aparente quietude após a fecundação, a fase de zigoto, de embrião etc., são etapas que caracterizam diferentes estágios de sua vida, assim como a infância, adolescência, maioridade ou velhice serão etapas de sua vida após o nascimento. Após seis a oito dias da fecundação, o embrião completa a nidificação, que é o processo de implantação na parede do útero, quando ainda faltam 7 a 9 dias para a primeira falha menstrual.
72. Alguns querem estabelecer este momento de implantação como o início da vida, porém o embrião vinha se desenvolvendo desde o momento da fecundação e chega vivo ao útero já com centenas de células formadas a partir da primeira célula-ovo. Não se pode afirmar que antes não havia um ser vivo da espécie humana que, inclusive estabelecia relações com sua mãe, enviando-lhe mensagens para garantir sua existência, usando uma linguagem bioquímica, hormonal e imunológica.
73. Com poucos dias de atraso menstrual, correspondendo de 21 a 23 dias da concepção, os batimentos cardíacos do embrião já podem ser identificados ao exame de ultra-sonografia. Neste período, também se forma o “tubo neural”, precursor do sistema nervoso central. Com 10 semanas de gestação, o novo ser humano apresenta todos os órgãos formados, até mesmo a sua impressão digital. É terminado o tempo embrionário e passa a ser chamado “feto”. Sua identidade, porém, é a mesma desde o momento da concepção até a morte. Não ocorre mudança de identidade nas etapas de seu desenvolvimento, seja intra-uterino, seja após seu nascimento. O embrião ou o feto não se confunde com o corpo da mãe nem se identifica com ela, mas tem sua identidade própria e apresenta uma capacidade própria de progredir por si só durante toda a sua existência.
74. Não é possível a fixação posterior em um determinado momento de seu desenvolvimento para definir o início da vida. É impossível negar que, com a união

dos 23 cromossomos do pai com os 23 cromossomos da mãe, surge um **novo** indivíduo da espécie humana a partir de uma combinação qualitativamente nova. Não é um ser “ainda morto” que virá a ser vivo um dia. *É um novo indivíduo, que apresenta um padrão genético e molecular distinto, pertencente à espécie humana e que contém em si próprio todo o futuro de seu crescimento.* Não pode, ainda, realizar atos propriamente humanos simplesmente porque ainda não atingiu a maturidade necessária para tal, porém isso não quer dizer que não seja humano, como continua a ser humana a pessoa durante o sono ou quando está em coma.

### I.3.a O aborto

75. Na medicina, considera-se como aborto espontâneo, a interrupção involuntária da gestação até a 20ª ou a 22ª semana. Como a partir desse tempo gestacional, há 40% de possibilidade daquele novo ser humano sobreviver fora do útero, a interrupção da gestação é chamada de parto prematuro.
76. Diversos países autorizam o “aborto provocado”<sup>34</sup> em etapas posteriores e, surpreendentemente, chegam a permiti-lo até o momento do parto sem levar em consideração a idade gestacional. Isto se trata evidentemente de um **infanticídio** porque, para a própria medicina, não se enquadraria como aborto. Entretanto, nesses países, usa-se o nome oficial de “aborto provocado” quando ocorre interrupção forçada da gravidez com a intenção de matar o feto, mesmo quando se trata de uma gravidez de nove meses.
77. Há diversas formas de realizar o aborto intencional: com medicamentos, com aspiração, com curetagem, pela cesárea, etc. Moral e eticamente todas as formas são igualmente graves. Evidentemente, repugna à moral natural matar uma criança e, por isso, os promotores do aborto procuram difundir formas de aborto que “apareçam menos” e que possam ser apresentadas como se fossem uma “descida da menstruação” ou “simples interrupção da gravidez”. Entretanto, todo aborto provocado nega a uma criança o direito de viver quando ela ainda não pode se fazer ouvir.
78. No Brasil, o aborto é proibido, constando no artigo 128 do Código Penal que ele não é punido em duas situações: - (a) quando realizado para salvar a vida da mãe:

---

<sup>34</sup> O termo encontra-se “entre aspas” por ser, como vimos no parágrafo anterior, aplicado incorretamente.

atualmente, com os recursos da medicina, esta situação é uma grande exceção, porque é possível procurar salvar a criança e a mãe, mesmo em casos de partos bastante prematuros; - (b) em gestação decorrente de estupro: seria pela compreensão para com a situação emocional sentida pela mãe por ter sofrido um trauma terrível. O estupro é um crime hediondo, infelizmente poucas vezes denunciado, e punido ainda menos vezes, mas o aborto não é solução nem nestes casos. Constitui mais uma violência sobre a mãe, além de que um crime não apaga a lembrança de outro crime. A família e a sociedade dificilmente aceitam uma criança assim gerada e, dessa maneira, colaboram para que a mãe se sinta também rejeitada. O aborto passa a ser indicado com a justificativa de que a criança irá ser sempre uma lembrança da violência sofrida. Não é o que se verifica na grande maioria das mães que levam a sua gravidez até o fim: quando ultrapassam a rejeição inicial, passam a amar seus filhos e os filhos se sentem particularmente gratos a suas mães. A imensa maioria dos casos de gestação indesejada não é constituída pelas gestações decorrentes do crime do estupro, porém estas comovem a opinião pública e são usadas como argumento para que se peça autorização legal para o aborto de forma geral.

79. Eventualmente, após grande pressão, tem-se obtido autorização judicial no Brasil para realizar aborto de fetos que apresentam malformações, embora isto seja ilegal. É o aborto eugenético: recusa em aceitar os “imperfeitos”. É usado também para diminuir a rejeição da opinião pública ao aborto, uma vez que todos reconhecem o grande sofrimento dos pais. Entretanto, disfarçadamente, já se faz no Brasil abortos por problemas que não são incompatíveis com a vida, notando-se uma relativização do respeito pelo ser humano até a sua morte natural e uma justificativa indevida no conceito de “doença incompatível com a vida”<sup>35</sup>. Verifica-se, ao mesmo tempo, a desvalorização da própria dignidade da mãe pela maneira como profissionais de saúde e até a mídia se referem a ela, ao chamá-la de “caixão ambulante”. Além disso, ocorre a grave infração ética de negar o direito à vida a uma criança doente ou deficiente.
80. Tramitam também projetos de lei que visam disfarçadamente a liberação total do aborto provocado para qualquer tempo de gestação, como é o caso do projeto de lei

---

<sup>35</sup> GOLLOP, T. R. e outros *Higroma cístico em Feto 45X – Diagnóstico precoce por ultrasonografia e amostra de vilo corial* RBGO, março 1995, Vol. 17, nº2, pg. 185/186.

1135/91, que visa revogar o artigo 124 do Código Penal, ao mesmo tempo em que afirma estar “apenas” liberando o aborto até as doze semanas. O Código Penal brasileiro, nesse artigo, afirma que constitui crime “Praticar Aborto em si mesma ou consentir que outrem lho provoque”. Caso esse artigo seja revogado, estará aberta a possibilidade da prática irrestrita do aborto voluntário. Mais ainda, conforme fatos ocorridos em outros países, os promotores do aborto passam a reivindicá-lo como um *direito*.

### I.3.b O aborto e a saúde pública

81. Tem sido divulgado pela mídia e até por autoridades públicas que a legalização do aborto seria um “mal necessário” porque o número de mortes de mulheres em decorrência da clandestinidade do aborto, chegaria a milhares anualmente. Entretanto, os dados oficiais de mortes maternas em decorrência de **todos os tipos** de aborto variam de 115 a 163, entre os anos de 1996 a 2004 (não constam os anos seguintes). Se retirarmos os números relativos aos casos que, com certeza, não foram devidos ao aborto provocado, chega-se ao número entre 70 a 108 mortes maternas anuais, ocorridas **possivelmente** por aborto provocado<sup>36</sup>. Lamenta-se profundamente que ocorra uma só morte materna por aborto clandestino, porém este resultado não justifica tratá-lo como problema de saúde pública.
82. Argumenta-se que o número de abortos diminui após a sua legalização. Não é o que se verificou em diversos países, mesmo após muitos anos. Como exemplo podem-se citar: - (a) Inglaterra e País de Gales: *de 1969 a 2002 houve aumento de 700%, partindo de 49.829 para 185.415 abortos*<sup>37</sup>; - (b) Espanha: *de 1986 a 2004 houve um aumento de 18196%, de 467 a 84985 abortos*<sup>38</sup>; - (c) China: *só em 2001 houve 6.284.844 abortos provocados*, mesmo após muitos anos de sua liberação<sup>39</sup>.
83. Outro argumento para liberação do aborto se baseia nos gastos com internação para curetagem uterina: aproximadamente 230 mil internações SUS/ano<sup>40</sup>, o que

---

<sup>36</sup> [www.datasus.gov.br](http://www.datasus.gov.br) (Informações de Saúde/Estatísticas vitais/Óbitos maternos/Categoria CID10).

<sup>37</sup> Abortion Statistics: England and Wales 2004; [www.spuc.org.uk](http://www.spuc.org.uk) 20/11/2005 .

<sup>38</sup> Ministerio de Sanidad y Consumo e Instituto Nacional de Estadística, 2005.

<sup>39</sup> <http://www.johnstonsarchive.net/policy/abortion/index.html#ST> 05/2007.

<sup>40</sup> [www.datasus.gov.br](http://www.datasus.gov.br) (Informações de Saúde/Estatísticas vitais/Óbitos maternos/Categoria CID10).

indicaria alto gasto do dinheiro público com o aborto clandestino, supondo-se que todos os casos seriam resultantes de métodos inseguros. Para isso se toma como referência o código internacional de doenças (CID-10) sobre as internações hospitalares de pacientes que foram submetidas à curetagem uterina ou à aspiração intra-uterina. Nesta rubrica estão também incluídas as curetagens por abortamento espontâneo incompleto, onde ficaram alguns restos, os óbitos involuntários de embriões e de fetos intra-útero, os restos placentários pós-parto normal, ou seja, são consideradas internações decorrentes de outras razões. Usa-se o número total como se fossem complicações de abortos clandestinos, caracterizando um erro que induz à conclusão estatística equivocada. Além disso, este argumento não encontra sustentação ao se verificar a realidade nos países onde foi liberado: o grande aumento do número de abortos assistidos como um “direito” provoca maior gasto da verba pública.

### **I.3.c O aborto como “mal necessário”**

84. Outro argumento usado como justificativa da necessidade de mudança nas leis brasileiras é o cálculo suposto de que aconteceriam um milhão e 100 mil abortos clandestinos/ano no Brasil. Argumenta-se: a legislação seria incoerente diante do fato concreto de que abortos clandestinos são realizados na prática. 1) Este número é calculado a partir de estimativas difíceis de serem comprovadas, inclusive porque se supõe que o método mais utilizado seria o químico com medicamentos de alto custo, a que a população pobre dificilmente teria acesso. Na realidade, não se sabe quantos abortos clandestinos ocorrem no Brasil. 2) Este argumento quanto à frequência com que ocorreria o ato clandestino não encontra fundamento ético. Muitos outros crimes e condutas inadequadas também ocorrem ilegalmente e não se pode pensar em “legalização do crime e das condutas inadequadas”, para que tudo ocorra “em segurança”, com apoio legal e financiado com verba pública.
85. Muitos se declaram contra o aborto, mas acham que, em algumas situações, seria a única solução para a mãe e até mesmo para o bebê, evitando que este seja abandonado ou mal amado no futuro. Com base em publicações bastante questionáveis em seu valor científico, cresce a idéia de que diminui a violência social com a menor natalidade de crianças não desejadas, sobretudo entre os pobres. Esta idéia expressa sério preconceito em relação à classe pobre, como se a

criança, uma vez nascida, fosse obrigatoriamente determinada para a desgraça, o que justificaria “matá-la por pena antecipada”.

86. Constata-se também uma visão imediatista sobre o que seria “bom” para a mulher. Conforme estudos internacionais, o aborto provocado fere profundamente a mulher que o pratica. Há trabalhos bem fundamentados que mostram aumento de 100% em quadros de ansiedade, depressão e idéias de suicídio entre as adolescentes submetidas ao aborto provocado, em relação às que haviam levado a gravidez até o final<sup>41</sup>.
87. Levantamento da mortalidade e morbidade associadas ao resultado da gestação em população feminina de nível econômico alto mostrou resultados semelhantes ao estudo realizado com mulheres de nível econômico baixo. Foi apurada maior porcentagem de problemas no aspecto psíquico e mental e também de casos de alteração na coagulação sanguínea, levando a doenças circulatórias e cerebrovasculares como derrames e outras patologias, entre as que tiveram aborto provocado<sup>42</sup>. Mesmo quando a mulher não se sente em condições para assumir uma gestação e inúmeros fatores concorrem para que esta seja indesejada, mesmo assim, ela é prejudicada pela realização do aborto, cujas conseqüências podem aparecer a curto, médio ou longo prazo.
88. Outro elemento que devemos levar em consideração é o machismo. Muitos homens procuram um relacionamento com as mulheres sem que este tenha uma relação pessoal de igualdade. Com isso, a mulher não é vista como pessoa, mas como mero objeto de prazer, e uma eventual gravidez nem sempre é levada em consideração, cabendo à mulher o ônus de leva-la adiante. O homem não assume sua responsabilidade diante da paternidade. Assim, em geral cabe à mulher evitar a gravidez, inclusive através de métodos prejudiciais à sua saúde, já que o machista não aceita os métodos naturais. No caso de uma gravidez indesejada, ou a mulher a

---

<sup>41</sup> FERGUSSON D. Revista de Psicologia e Psiquiatria Infantil (Journal of Child Psychology and Psychiatry) Nova Zelândia 2005 *cf.* Population Research Institute, Boletim para America Latina n°32 de 9/02/2006.

<sup>42</sup> GISSLER M e col. *British Journal of Medicine*, 313: 1431-4, 1996; REARDON David C. PhD e outros; Elliot Institute, Springfield III *Southern Medica Journal* vol. 95, n°8 August 2002; Presented at the First World Congress on Women's Health, Berlin, Germany March 2001.

assume sozinha todas as suas conseqüências, ou aborta, normalmente induzida pelo homem.

89. Cresce a argumentação de que o aborto não seria a primeira escolha de ninguém, porém, mesmo assim, a mulher deveria ter o direito de optar por ele se assim considerasse necessário. Impedi-lo seria uma violação do direito feminino em sua igualdade com o homem de só ter um filho quando o desejar. Ou seja, a luta pela emancipação da mulher exigiria o preço da liberação do aborto para que ela se torne efetivamente “dona de seu próprio corpo”. Este argumento ignora que a criança por nascer é *o outro ser* presente. Não é um simples órgão doente que se quer retirar. O argumento do “direito da mulher ao aborto” vem sendo defendido, sobretudo por diferentes redes feministas e por alguns intelectuais, identificando-se o princípio do prazer e do liberalismo como base desta tese. Este protesto não parte da classe mais pobre que deseja, na realidade, condições para ter e criar os seus filhos.
90. Se o ser vivo gerado é um *ser vivo humano*, lhe é devido igual respeito que se deve a toda pessoa humana. Consta na Constituição Federal brasileira, no **Art. 5º**: **“Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida ...”**. Por este motivo, ao surgir a pressão para a autorização do aborto, diante daquilo que não se pode questionar por ser uma cláusula imutável, pétrea, da Constituição Federal, são apresentadas dúvidas quanto à certeza do momento em que a vida de um novo ser humano se inicia.

### **I.3.d O financiamento externo para liberação do aborto**

91. Até a primeira metade do século XX, com exceção dos países comunistas, a prática do aborto ainda era vista como crime pela maioria dos povos. A pressão para sua legalização irrompeu inesperadamente em forma de avalanche entre as elites e as massas do primeiro mundo e, em alguns países da Ásia, na segunda metade do século. Isto ocorreu devido a diversas motivações que acabaram unidas, em nível internacional, com apoio político-econômico dos países desenvolvidos e com o apoio extremamente importante de Fundações relativamente livres para dispor de suas verbas. As diferentes raízes desta avalanche foram, entre outras: a preocupação em manter o poder por parte dos países ricos diante do temor da explosão demográfica

nos países em desenvolvimento e o temor de uma possível escassez de alimentos; a preocupação com o equilíbrio ecológico; a dificuldade de sobrevivência da população pobre nos grandes centros urbanos; a luta por uma cultura de exercício livre e sem compromisso da sexualidade; o desenvolvimento do feminismo como conquista do direito da mulher a não ter filhos<sup>43</sup>.

92. Criaram-se programas de financiamentos, sobretudo para pesquisa e distribuição de métodos anticoncepcionais, concomitantemente à luta para tornar livre o aborto. As reivindicações atingiram os países ricos, embora fossem dirigidas sobretudo aos países pobres, juntamente com outros projetos sociais, culturais e de saúde. *Em 1965*, o volume total de verbas destinadas à questão populacional (em que se incluem os programas citados) alcançou a cifra de US\$ 20 milhões. *Em 1968*, o presidente do Banco Mundial, **Robert McNamara**, anunciou oficialmente o envolvimento ativo do Banco Mundial nas medidas de controle populacional. As verbas foram crescendo ao longo dos anos com participações de outros países e de outras Fundações<sup>44</sup>.

93. Em 1994, a Conferência das Nações Unidas sobre População e Desenvolvimento do Cairo definiu um plano mundial de ação com quatro atividades principais: planejamento familiar, saúde reprodutiva (com o “direito” ao aborto), HIV/AIDS e programa de pesquisa básica e coleta de dados. Na avaliação feita em 2004, chegou-se ao financiamento aproximado de US\$ 6 bilhões anuais<sup>45</sup>. A preocupação com a diminuição da natalidade é identificada em citações como esta: “Em muitos casos, são necessários pelo menos cinco anos desde o início de um programa nacional de planejamento familiar para chegar à clara evidência de seu impacto sobre a fertilidade ... Somente a legalização do aborto, que pode alcançar impacto apreciável em menos de dois anos, afetaria a fertilidade mais rapidamente”<sup>46</sup>.

---

<sup>43</sup> *Ibidem*, cf. cp. I, II, III, IV.

<sup>44</sup> CRITCHLOW, Donald T. *Intended Consequences: Birth Control, Abortion, And The Federal Government in Modern America* Oxford University Press 1999.

<sup>45</sup> *Financial Resources Flows for Population activities in 2004 (UNFPA)* 0-89714-806-1 E/500/2006; *IPPF Safe Abortion Action Fund (SAAF)* [www.ippf.org](http://www.ippf.org) acess. 7/6/2007.

<sup>46</sup> *World Fertility Trends, 1974* R.T. Ravenholt and John Chao <http://www.ravenholt.com/wfs/world.zip>.



### I.3.e O desejo de ter filhos e a reprodução assistida (o bebê de proveta)

94. Embora a idéia predominante na sociedade seja da composição de famílias com 1 ou 2 filhos, a paternidade e a maternidade como expressão de uma necessidade própria da pessoa humana encontra-se também presente, apesar da inclusão da mulher na disputa profissional e apesar das exigências econômicas da sociedade de consumo. Em suas diferentes manifestações, é possível ser identificado o impulso afetivo, a generosidade de doação da própria vida, o respeito pela ação de Deus em cada nascimento, a alegria pela própria continuidade no filho. Mas, neste assunto, também se identifica a cultura dos “direitos”: o direito a ter um filho a qualquer custo. Esta necessidade, além de desenvolver pesquisas e tratamentos válidos para a esterilidade masculina e feminina, motivou o desenvolvimento de técnicas de *interferência direta* na reprodução.
95. A “fecundação artificial” ou “reprodução assistida” inclui procedimentos técnicos que procuram obter a concepção humana de maneira diversa do ato sexual natural. Pode ser por – (1) técnica que interfere diretamente no organismo da mulher, a fecundação *in vivo* (não se confunda com tratamentos de esterilidade que não interferem no ato sexual em si) e por – (2) técnica em que se manipulam os óvulos, os espermatozoides e os embriões em laboratório. Os embriões obtidos são transferidos ao útero, em geral até o quinto dia de vida, na expectativa de que se desenvolvam normalmente.
96. O primeiro “bebê de proveta” nasceu na Inglaterra em julho de 1978<sup>47</sup>. No Brasil, foi em outubro de 1984. Desde então, calcula-se que nasceram mais de 100 mil crianças no mundo através desta técnica reprodutiva. A procura pelo método artificial se dá quando existe dificuldade em alcançar uma gravidez. Conforme dados da Sociedade Americana de Fertilidade, o índice de infertilidade no mundo aumentou, oscilando entre 26 a 32%. A diminuição da fertilidade ocorre por diversas causas, como retardamento da gravidez, doenças infecciosas, prováveis efeitos de uso de hormônios, aumento de problemas ginecológicos e diminuição da fertilidade masculina. Mesmo reconhecendo o grande desejo de ter filhos nas pessoas com dificuldades de fertilidade, esta técnica tem apresentado problemas e

---

<sup>47</sup> STEPTOE, P.C. & EDWARDS, R.G. *Birth after the reimplantation of a human embryo*, Lancet II, pg 366, 1978.

questionamentos. O embrião, antes escondido no claustro materno, se tornou passível de experimentações.

97. Normalmente, a técnica inclui o hiper-estímulo dos ovários para a produção de diversos óvulos que são captados e fecundados em laboratório. Os embriões não depositados no útero são chamados de “excedentes”. Devem ser destruídos ou congelados a menos 196° C, na espera de uma próxima tentativa de gestação. No mundo todo, este fato levou à perplexidade sobre o que fazer com o acúmulo destes embriões congelados. Os pais experimentam um conflito, porque após o esforço para conseguir uma gravidez, agora têm filhos congelados! Muitas vezes os pais desaparecem, evidenciando a dificuldade em enfrentar o problema, num mecanismo de negação e cisão ou mesmo de desorientação, por não entenderem muito bem “o que” está congelado. A crioconservação ou congelamento é de alto custo e os laboratórios não têm motivos para conservar indefinidamente os embriões que, eticamente, não deveriam ter sido congelados. São problemas decorrentes de técnicas que manipulam o embrião como “objeto”. A partir deste fato, alguns cientistas desejam autorização para realizar experimentações com estes embriões, o que significa destruí-los.
98. Quando são inseridos diversos embriões no útero surge o risco da gravidez múltipla. É utilizada a técnica de “redução dos embriões”, que consiste em escolher embriões a serem eliminados. Normalmente, após certo tempo de desenvolvimento intra-uterino, são escolhidos aqueles que devem ser mortos com injeção intracardíaca (aplicada no coração do embrião ainda dentro do útero). Após ser confirmada a sua morte, são deixados no útero enquanto se espera o prosseguimento da gestação do embrião poupado. Este processo é uma outra forma de realização do aborto proibido por lei e, embora claramente um procedimento contra o direito à vida do ser em gestação, é realizado no Brasil.
99. A técnica da fertilização *in vitro* trouxe outras possibilidades totalmente questionáveis como: doação de óvulos e de espermatozóides por pessoas conhecidas ou não; doação de ovários; “mãe ou útero de aluguel”; embriões desenvolvidos após a morte do pai ou da mãe; filhos na menopausa; inseminação em mulheres que não querem pais para os seus filhos; clonagem; manipulação genética em gametas e em embriões; morte de muitos embriões para cada sucesso obtido; nascimento de gêmeos com distância de anos entre eles; pais “diferentes” (como avó que dá a luz a

neto, tia a sobrinho, etc.); possibilidade de “múltiplos pais” (biológico, a mãe de aluguel, o legal que “comprou o procedimento”, o que educa).

100. Sobretudo, daí decorrem dois outros graves problemas: a eugenia e a possibilidade de uso do embrião para experiências de diversos tipos, inclusive com a justificativa de busca da cura de doenças. Verifica-se que vai se tornando culturalmente aceita a morte de embriões gerados em laboratórios (equivalente ao aborto).

### **I.3.f As células-tronco**

101. Células-tronco são aquelas que têm a capacidade de se transformar em células de qualquer tecido do nosso corpo: músculos, ossos, etc. As demais células não têm essa capacidade. Uma célula da pele não pode, por exemplo, originar outra de músculo, mas uma célula-tronco pode se tornar célula da pele, célula muscular, célula nervosa, etc. A função das células-tronco no embrião é formar o organismo e, no adulto, sua função é repor as células mortas.
102. Existem dois tipos de células-tronco: as embrionárias (CTE) que, como o próprio nome diz, são as células do embrião humano nos seus primeiros dias, em uma etapa, que os estudiosos chamam de blastocisto - estrutura formada após sete dias da fecundação, ou seja, aos sete dias de vida da pessoa humana. Estas células são chamadas de totipotentes, isto é, têm a capacidade de se auto-renovar e se diferenciar nas células dos 256 tecidos do organismo humano. Já as células-tronco adultas (CTA) são células indiferenciadas que podem ser encontradas também após o nascimento, por exemplo, no cordão umbilical, na medula óssea, pele, e outros tecidos. São multipotenciais, tendo a capacidade de se auto-renovarem e se diferenciarem em vários tecidos humanos, mas, originalmente, nem todos.
103. Considerando esta capacidade de se diferenciar nos mais variados tecidos do nosso corpo, é possível compreender porque tantos pesquisadores estão interessados em sua utilização. As células-tronco podem revelar como as células se diferenciam e podem, talvez, funcionar como substitutas de outras células nos tecidos lesados ou doentes. Os resultados das pesquisas com células-tronco embrionárias ou adultas são diferentes:
- Experiências realizadas em ratos ou camundongos com células-tronco embrionárias têm demonstrado que, ao serem injetadas em outro organismo, elas

produzem, em cerca de 50% dos casos, tumores, chamados teratomas, que muito facilmente se transformam em tumores cancerosos. Estas células são também rejeitadas pelo organismo que recebe o transplante.

- O uso das células-tronco adultas, por outro lado, já tem alcançado resultados comprovados de melhora ou cura de doenças em seres humanos. Exemplos: uso para regenerar células lesadas do coração, como no caso de enfarte; para melhora de lesões da medula nervosa na paraplegia ou tetraplegia; para cura de doenças degenerativas cerebrais, como na doença de Alzheimer ou Parkinson; para implante nas mamas, em substituição às próteses atuais; em diversos tipos de transplantes, como para a cura de leucemia; para originar dentes naturais ou retrocesso de calvície; para formar pele a ser usada em casos de queimaduras e outras plásticas; para cura de diabetes, etc. Uma limitação de seu uso é que a técnica do auto-transplante (a pessoa recebe suas próprias células-tronco no local afetado) não pode ser indicada para pessoas com doenças genéticas.
- Recentemente foram obtidos resultados que permitiriam que as células-tronco adultas se comportassem como células-tronco embrionárias, ganhando a capacidade da totipotência (reprogramação celular). O desenvolvimento futuro dessa linha de trabalho possivelmente permitirá que as células embrionárias deixem de ser definitivamente usadas e sejam substituídas pelas células-tronco adultas<sup>48</sup>.

104. O grande problema ético que se apresenta no caso do uso de células-tronco embrionárias está no processo de sua obtenção: o embrião deve ser destruído! Mesmo sob o ponto de vista apenas biológico, sem discutir se o embrião merece ser chamado “pessoa”, esse fato faz diferença: é destruída uma novidade biológica, única na espécie. Nunca será possível “criar” outra igual. Nas palavras de 57 (cinquenta e sete) expoentes do mundo acadêmico e científico norte-americano, em documento divulgado em 27 de outubro de 2004: “Baseado nas evidências disponíveis, ninguém pode predizer com certeza se elas (células tronco embrionárias humanas), em alguma época, produzirão benefícios clínicos e, muito menos, se produzirão benefícios que não sejam obtíveis por outros meios menos

---

<sup>48</sup> Uma apresentação geral do processo pode ser lida em GIRARDI, G. Reprogramação celular pode evitar debate ético. *O Estado de São Paulo*, 7 de junho de 2007. Ver também BAKER, M. From skin cell to stem cell. *Nature*, 7 de junho de 2007 [in] <http://www.nature.com/stemcells/2007/0706/070607/full/stemcells.2007.6.html;jsessionid=AC1678CFF4DBDE0ABD65D2EF689D0B0A#top>.

problemáticos do ponto de vista ético. (...) Porque políticos, interesses biotecnológicos e mesmo alguns cientistas exageraram publicamente a ‘promessa’ das células tronco embrionárias, as percepções públicas desse enfoque tornaram-se tortuosas e irrealistas”<sup>49</sup>.

105. Quais embriões seriam usados para tais pesquisas? Aqueles que não foram transferidos para o útero da mãe, após o processo de fecundação “in vitro” (com o consentimento dos pais). No Brasil, é permitido fecundar um número maior do que os que são transferidos e congelar os chamados embriões excedentes. O destino a dar a tais embriões é motivo de sérias discussões. Dar um limite de anos para o congelamento, como fator discriminante para sua viabilidade ou não, parece não corresponder sempre à realidade: já aconteceu um embrião congelado por seis anos ter conseguido se desenvolver e chegar ao nascimento<sup>50</sup>. Em 2002, após passar 13 anos como embrião congelado a -235° C, nasceu na Califórnia, a menina Laina Beasley, aparentemente sem problemas, apenas com uma antecipação de 5 semanas. Seus pais, Debbie e Kent Beasley, haviam processado o médico dr. Richard Asch quando descobriram que ele utilizava óvulos e embriões de suas pacientes em outras mulheres ou os enviava para pesquisa, sem autorização dos responsáveis. Debbie e Kent conseguiram reaver oito dos doze embriões que haviam deixado congelados e um deles, Laina, cresceu normalmente<sup>51</sup>. Verificou-se, também, que o embrião não viável para a gestação, não preenche os parâmetros exigidos para uma pesquisa.

### **I.3.g A eugenia, seleção de sexo e o projeto dos pais em relação aos filhos**

106. Ao se verificar o sucesso da fecundação, antes da transferência do embrião para o útero, se faz o exame genético em uma ou mais células para diagnosticar possíveis doenças (como a síndrome de Down, por exemplo). Se comprovadas, os embriões são eliminados, “descartados”. Esta seleção é evidentemente eugênica: eliminação dos considerados inferiores e defeituosos. A técnica tem se prestado também a matar embriões que não são adequados à “encomenda” dos pais: que não sejam do sexo preferido ou que tenham algum gene que possa, *talvez*, vir algum dia a manifestar

---

<sup>49</sup> Carta de 57 cientistas ao senador Jonh Kerry, Los Angeles Times, 27/10/04.

<sup>50</sup> “Congelamento de embriões cria gêmeos com 6 anos de diferença”, O Globo 26/05/2005. Disponível em: [www.jornaldaciencia.org.br](http://www.jornaldaciencia.org.br) .

<sup>51</sup> BioNews London, 07/09/2002.

algum problema. Verifica-se não só o conceito do “direito ao filho”, como o “direito àquele filho determinado que o pai ou a mãe planejam”. Não impera o respeito pelo filho acolhido como dom, mas impera a prioridade de preencher o “objeto” dos planos pessoais dos pais. São apresentadas escusas aparentemente racionais como “não quero que meu filho venha a sofrer” ou “o que será de meu filho quando eu morrer?” que se entende como preocupação, mas que não justificam a negativa do direito à vida.

## **I.4 A VIDA, O SOFRIMENTO E A MORTE**

107. A motivação básica do ser humano é seu desejo de encontrar um sentido para sua vida e torná-lo realidade. Hoje em dia, porém, esse desejo de sentido se vê frustrado em escala mundial. É cada vez maior o número de pessoas com um sentimento de ausência de sentido, freqüentemente acompanhado de um sentimento de vazio, que se manifesta na falta de interesse pela própria vida, na confusão de valores e referenciais, na ausência de iniciativa para fazer algo ou mudar algo no mundo.
108. Por outro lado, a pessoa humana é capaz de encontrar esse sentido sempre, em todas as circunstâncias da vida: no trabalho, quando pode dar algo de si ao mundo; através de sua capacidade de criar e produzir; no relacionamento, quando pode receber algo da vida, através da vivência da beleza ou do amor. E não somente nisso, em que pode ver algo gratificante, mas também diante das condições mais difíceis da existência (situações-limite), ou seja, é possível encontrar sentido no próprio sofrimento.
109. Descobrir o sentido da vida significa assumir a responsabilidade e cumprir a missão que ela nos propõe em cada circunstância. Se assim olhamos para a vida, como alguém que a ela responde, somos capazes de dizer-lhe “sim” sempre e, conseqüentemente, vamos ter um respeito incondicional diante da vida de cada ser humano.

### **I.4.a A vida diante do sofrimento**

110. A experiência do sofrimento é inseparável da condição humana. Quando o sofrimento bate à nossa porta, nós o reconhecemos de modo muito particular, isto é, somente nós entendemos o que este significa como perplexidade, como limitação,

como sentimento de um mal que nos atinge. Também não podemos deixar de ver com respeito reverente o sofrimento alheio, como não podemos deixar de constatar a porção de sofrimento que cabe a todos aqueles que estão vivendo as situações nas quais se faz necessária a defesa da vida.

111. Diante de uma gravidez indesejada – para tomarmos um exemplo – quantas mulheres não vivem a angústia da dúvida em relação a sua continuidade ou a sua interrupção? Quais são as suas condições físicas, psicológicas, morais, familiares, econômicas, para assumir com segurança esse filho? Quantas não são vítimas de preconceitos, de abandono por parte do companheiro, ou vítimas da pobreza e da violência? No caso de uma adolescente, esta poderá perder sua oportunidade de estudo ou ser rejeitada pela família; no caso de uma gravidez após os quarenta anos, esta mulher terá maior chance de ter um filho com deficiência. Essas são algumas das inúmeras possibilidades decorrentes de uma gravidez indesejada, que configuram uma situação de sofrimento, o qual se apresenta à pessoa como um “mal” ou, ao menos, é sentido como tal.
112. Na chamada “pós-modernidade”, com a relativização dos valores fundamentais e a complexidade dos problemas éticos – especialmente na área da saúde –, a absolutização do “princípio da autonomia”, o triunfo de uma ética utilitarista e baseada no prazer, a dor e o sofrimento devem ser minimizados ao máximo, uma vez que estão destituídos de qualquer sentido. O sofrimento não tem lugar na vida pessoal como uma experiência legitimamente humana: por que, então, não eliminá-lo? Além do que o sofrimento é instrumentalizado pelas forças favoráveis ao aborto ou à eutanásia para comover a sociedade no sentido de abrir caminho para a aceitação e oficialização de tais práticas.
113. Por outro lado, a partir de uma visão de pessoa que se faz responsável pelo próprio destino, o sofrimento assume uma outra conotação. É possível adotar uma “atitude correta” diante de todos os tipos de sofrimento que acometem nossa vida, até diante das situações mais desesperadoras (já que podemos ser vítimas de uma situação que não podemos mudar), mudando-nos a nós mesmos. Existe sempre uma possibilidade de mudança de atitude frente à situação vivenciada: “transcendendo-

nos e dando assim testemunho da faculdade mais humana do homem: a de transformar uma tragédia pessoal em triunfo”<sup>52</sup>.

114. Quando assumimos um sofrimento, fazendo-o nosso, crescemos e sentimos que nos fortalecemos diante da vida. O sofrimento deixa, assim, de ser algo que oprime e passa a ser uma tarefa de vida intransferível e que abre para novas possibilidades de realizações na vida pessoal, familiar, profissional e social. O verdadeiro resultado do sofrimento é, pois, um processo de amadurecimento e enriquecimento pessoal. Portanto, a defesa da vida é uma exigência incondicional, mesmo nas situações mais dolorosas e condicionantes. Não para esperar atitudes “heróicas” de quem sofre e que, muitas vezes, não está em condições de assumi-las; mas para dar-lhe a oportunidade de caminhar para uma resposta livre e pessoal em favor da própria vida.

#### **1.4.b A morte e a dignidade da pessoa**

115. Verifica-se que o desenvolvimento da tecnologia levou a humanidade à tentação da onipotência e, ao mesmo tempo, a ciência e os “profissionais da ciência” a se transformarem no absoluto que norteia as condutas. Foi retirada a naturalidade da morte como se ela tivesse sido expropriada das pessoas<sup>53</sup>. Há condutas de “ter que tentar de tudo até o último momento” independente da efetividade das medidas técnicas. Há a ilusão de dominar a morte ao decidir sobre o “momento certo” de morrer. Há a tristeza de não estar junto dos entes queridos no momento da morte e acontece, também, a rejeição de estar junto aos pacientes terminais. Entretanto, não existe vida sem morte e a morte persiste sendo o grande desafio. Porém, *morte* é diferente do *morrer*. A morte é um fato, um acontecimento inevitável, inacessível à compreensão humana diante do qual cabe a resignação. O *morrer*, por outro lado, é um processo, uma vivência existencial incomunicável, insistentemente desafiante que pede uma atitude interior. Entretanto, assim como sucede com a dor, é uma vivência individual que pode ser amparada em uma interação com pessoas queridas e com a equipe de saúde.

---

<sup>52</sup> FRANKL V.E. *El hombre en busca del sentido último – El análisis existencial y la conciencia espiritual del ser humano* Ed. Paidós Barcelona, Espanha, 1999, pág. 189.

<sup>53</sup> D´ASSUMPCÃO, E.A. *Bionatologia e Bioética*, Ed. Paulinas, SP, Brasil, 2005.



116. **Suicídio:** no Brasil e em todo o mundo, eleva-se progressivamente a estatística de suicídio e de tentativa de suicídio, inclusive entre a população cada vez mais jovem, atingindo até crianças<sup>54</sup>. Identifica-se logo que a maior porcentagem está na classe média e alta, levando à interrogação por que isto acontece em plena sociedade da abundância e do bem-estar. Conforme pesquisa realizada pela Unesco, a taxa geral de suicídio no Brasil entre 1993 e 2002, cresceu 39% . Como no resto do mundo, o número aumentou muito nas faixas mais idosas da população, porém, entre 15 a 24 anos, aumentou 31%, somando 1.637 casos. Segundo a Organização Mundial de Saúde, o suicídio está entre as três maiores causas de mortes de jovens nos países desenvolvidos. A cada cinco minutos, um deles se mata no mundo. Há uma década esses números não param de subir. É um fenômeno global<sup>55</sup>.
117. **Suicídio assistido:** segundo diversas pesquisas realizadas, aumenta o grito de pessoas procurando um “para que viver”<sup>56</sup>. Com o aumento do *vazio existencial*, percebe-se o avançar do caminho para o suicídio, chamado “assistido”, permitido legalmente em alguns países europeus. É o suicídio com assistência médica, geralmente com um ritual que busca disfarçar a solidão, o desespero e a depressão, procurado por pessoas sadias ou em diferentes fases de uma doença. Tem-se a ilusão de não se submeter à morte e de determinar qual o seu processo de morrer. No Brasil, este procedimento constitui um crime.
118. **Morte cerebral:** Não se pode negar que, hoje, os progressos tecnológicos recuperam a saúde em doentes, antes considerados “condenados”. As Unidades de Terapia Intensiva apresentam diariamente este avanço, mas ao mesmo tempo, os métodos artificiais podem manter o coração e os pulmões funcionando mesmo quando todos os órgãos já se encontram falidos e não se encontra mais vida própria naquele corpo. A morte cerebral é a perda irreversível de todas as capacidades para integrar as funções vitais que acontece com a destruição do encéfalo, incluindo o tronco cerebral e a região bulbar. Foram definidos parâmetros aceitos quase universalmente onde são incluídas pré-condições, critérios de exclusão e intervalo de tempo entre os testes clínicos. Os critérios são mais rigorosos quando se referem a

---

<sup>54</sup> ZAVASCHI, M. L. *Suicídio Infantil* Diálogo Médico 1994, pg.20.

<sup>55</sup> COTES, P. *Juventude roubada – Estudo da Unesco mostra que o suicídio entre os jovens brasileiros cresceu 31% em dez anos* – Época – Comportamento – 21/06/2004.

<sup>56</sup> FRANKL, V.E. *Psicoterapia Y Humanismo ¿Tiene un sentido la vida?* Fondo de Cultura Economica México 1984, pg. 17 a 46.

crianças. É a impossibilidade do retorno à vida que, se confirmada pelos responsáveis, possibilita a doação de órgãos.

119. **Paciente terminal** é aquele que, em virtude de falência grave e irreversível de um ou vários órgãos, não apresenta qualquer perspectiva de recuperação do quadro clínico e caminha inexoravelmente para a morte. Não há perspectiva de cura, qualquer que seja o tratamento proposto, porém não é sinônimo de paciente muito grave ou em coma e não é o mesmo de paciente em morte cerebral. Pode estar consciente ou não. Para que seja considerado como terminal ele deve apresentar os critérios de falência grave e irreversível de um ou vários órgãos, embora não se possa dar um tempo exato para a sua morte.
120. **Eutanásia** é o homicídio direto e deliberado de um ser humano, geralmente praticado por médico. De modo distorcido, é considerada uma prática por compaixão, a chamada “boa morte”. Nesta ótica, a eutanásia tem como objetivo terminar com um sofrimento insuportável, baseado no suposto direito de um doente ou de seus responsáveis de escolher e decidir o momento e a maneira como ele deveria morrer. Em países onde a eutanásia é praticada, podemos ver frequentemente que mais do que um ato compassivo pela dor insuportável, detecta-se um ato de intolerância para com o sofrimento, intolerância com o que sofre, um ato de violência para com os fracos, embora se reconheça a imensa dificuldade em acompanhar um processo lento de morte ou de incapacidade progressiva.
121. **Eutanásia neonatal e infantil**: já é aplicada na Holanda. Na Inglaterra, já é permitido deixar morrer recém-nascidos de até 24 semanas de gestação, mesmo que haja esperança de sobrevivência. Recentemente, médicos entraram com pedido de autorização para realizar a eutanásia em recém-nascidos com problemas graves de saúde ou com deficiências congênitas. O procedimento se enquadra na eugenia: a eliminação, praticada pelo Estado, dos incapacitados, para “melhorar a raça”, com apoio ou não dos familiares. São eliminados os “indesejáveis”. Exemplo recente é o que aconteceu por ocasião do nazismo. É o mesmo delito que se pratica por aborto na eliminação de bebês considerados deficientes ou com outros deficientes e doentes.
122. **Cuidados Paliativos**: são os cuidados de apoio dedicados a uma pessoa doente: conforto físico, psicológico e espiritual, presença dos entes queridos, ambiente sereno, compreensão quanto às suas necessidades e preocupações, manutenção dos recursos ordinários e, se indicados, massagens, exercícios ou outros recursos de

apoio. São assim denominados quando não há indicação de tratamento clínico ou cirúrgico possível para uma enfermidade avançada. Deveriam ser a preocupação constante do pessoal e da organização de um serviço de saúde, bem como a iniciativa de orientar os familiares neste mesmo aspecto. Entretanto, com raras exceções, verifica-se pouca atenção nas instituições quanto ao tratamento paliativo. Infelizmente, quanto aos familiares, em geral as iniciativas de cuidado ficam a cargo do bom senso, sem uma orientação profissional adequada.

123. **Recursos ordinários:** são obrigatórios para que não se antecipe a morte, realizando uma eutanásia disfarçada, ou até muito cruel, como quando se deixa um paciente sem hidratação e sem nutrientes. São cuidados ordinários, obrigatórios para qualquer paciente, inclusive os terminais, e incluem procedimentos não agressivos e terapias básicas. Respiradores artificiais, entubação, máquinas de UTI e cirurgias maiores geralmente se enquadram entre os cuidados extraordinários.
124. **Distanásia:** consiste no uso de *recursos extraordinários* de terapêutica em um paciente terminal, procurando adiar sua morte a qualquer custo. É também chamada de “obstinação terapêutica”, normalmente trazendo maior sofrimento ao paciente, podendo até impedir o conforto dos cuidados paliativos. É a conduta o posta à eutanásia. Pode acontecer por inexperiência da equipe de saúde, pela dificuldade em comunicar a verdade à família, pela não aceitação da morte por parte dos responsáveis e, infelizmente, pode acontecer por interesses econômicos da instituição ou dos médicos.
125. Os custos com os tratamentos intensivos ainda são extraordinariamente altos. Conforme palavras de um médico publicamente conhecido no Brasil como defensor do aborto: “... Nos países do primeiro mundo, o ônus de uma criança defeituosa recai primordialmente sobre o Estado. Este, por sua vez, provê a família com recursos adequados de reabilitação e insere o deficiente, da melhor maneira possível, dentro da sociedade”. E, referindo-se aos programas de detecção de anomalias fetais em países desenvolvidos: “Simplesmente não interessa ao Estado arcar com número maior de deficientes de toda a natureza (...) Nos Estados Unidos são gastos três bilhões de dólares por ano com crianças seqüeladas por paralisia cerebral, apenas para darmos um exemplo...”<sup>57</sup> Como estes, somam-se argumentos quanto à

---

<sup>57</sup> GOLLOP, T.R. *Ética em Medicina Fetal* Femina abr./94, Vol.22 n°4, Resumos - Feto 94

impossibilidade de o Estado manter os altos custos dos tratamentos da tecnologia mais moderna.

126. **Mistanásia** (morte infeliz) é a morte causada pela fome, em um país que compartilha pouco as riquezas, apesar de, por exemplo, exportar toneladas de alimentos e de arriscar transformar as poucas terras férteis do nordeste num imenso campo de cana-de-açúcar para a produção e exportação de álcool. Isso acontece porque, no país dos latifúndios, os trabalhadores rurais são ignorados e optam por viverem sem teto nas grandes cidades. Acontece também porque a falta de saneamento básico mata crianças de diarreia. Acontece porque crianças recém-nascidas do nordeste têm uma expectativa de vida menor do que de um adulto no sul do país. Acontece porque aumenta o número dos desempregados. Acontece porque doentes e portadores de deficiências, por problemas sócio-econômicos ou políticos, não chegam a entrar no sistema de saúde e morrem por falta de assistência médica.

#### **I.4.c O morrer no atual contexto cultural**

127. “Numa cultura em que a pergunta a respeito do sentido da vida é posta entre parêntesis e a consciência de sermos mortais é sistematicamente removida, a experiência da morte adquire um duplo e oposto significado: ela parece um *paradoxo* inaceitável, sobretudo quando trunca inesperadamente uma existência aberta a um futuro rico de promessas, ou aparece como *libertação* de uma existência sem sentido, talvez irreversivelmente submersa pela angústia e pelo sofrimento. Quando se perde o sentido da dor, não resta senão o desespero quando nasce a tentação de pôr fim, possivelmente com doçura, à amargura do viver.” ... “Nestes últimos anos a controvérsia referente à eutanásia saiu do cenário tradicional de episódio dramático provocado por sofrimentos insuportáveis e concluído com um gesto de compaixão inverossímil. Ela se propõe hoje principalmente como uma escolha (*death by choice*) que pretende ser reconhecida ou como expressão de pluralismo, ou como alternativa imposta pelas mudanças da assistência sanitária, ou ainda como uma exigência de respeito à vontade e autonomia de quem prefere a morte à vida.”<sup>58</sup> Assim, o suicídio ou a eutanásia já vem sendo defendido por alguns como um “direito”.

---

<sup>58</sup> PAULA, I.C. Eutanásia. *Lexicon – Pontifício Conselho para a Família* - Gráfica Escolas Profissionais Salesianas, p. 310-311, 2007.

128. “É necessário chegar ao coração do drama vivido pelo homem contemporâneo: *o eclipse do sentido de Deus e do homem*, típico de um contexto social e cultural dominado pelo secularismo que, com os seus tentáculos invasivos, não deixa de pôr à prova as próprias comunidades cristãs. (...) É no *íntimo da consciência moral* que se consuma o eclipse do sentido de Deus e do homem. (...) Mas, em certo sentido, é posta em questão também a ‘consciência moral’ *da sociedade*: esta é, de algum modo, responsável, não só porque tolera ou favorece comportamentos contrários à vida, mas também porque alimenta a ‘cultura da morte’, chegando a criar e consolidar verdadeiras e próprias ‘estruturas de pecado’ contra a vida.”<sup>59</sup>

## I.5 A SOCIEDADE E AS AMEAÇAS À VIDA

### I.5.a A ameaça da pobreza

129. A pobreza e a exclusão social são, objetivamente, grandes ameaças à vida em nossa sociedade atual. Na prática, essa ameaça à vida acontece através de três fenômenos principais:

- A falta dos recursos básicos para uma vida digna e, até mesmo, para a sobrevivência física das pessoas.
- A precariedade do sistema público de saúde e seguridade social, que afeta gestantes, crianças, doentes e idosos, particularmente.
- A falta de instrução, que dificulta o acesso e a livre opção por comportamentos e/ou tratamentos que defendam a vida e mantenham sua qualidade.

130. Por traz desses processos se evidencia um bem conhecido processo de desenvolvimento capitalista, onde o lucro se tornou um valor maior que a pessoa humana. Contudo, outros aspectos importantes devem ser levados em consideração no contexto atual:

- A crise de sustentabilidade do Estado, que atinge, em graus diferentes, países de todo o mundo. Os programas públicos de seguridade social, um ganho dos trabalhadores ao longo do tempo, foram se tornando muito caros para os Estados, que tendem cada vez mais a se “desonerar” desses programas. Com isso, ao

---

<sup>59</sup> JOÃO PAULO II *Evangelium Vitae*, EV, 21, 24.

mesmo tempo em que se avança em algumas conquistas sociais, se recua em outras.

- Por outro lado, existe um movimento em toda a sociedade no sentido de reconhecer o combate à exclusão social e às condições de vida subumanas como objetivos sociais fundamentais. Isso tem gerado numerosas atividades a partir de organizações não-governamentais e programas de governo.

### **I.5.b A ameaça da violência**

131. As mortes violentas no campo e na cidade são grandes ameaças à vida em nosso país. É comum que se diga que a impunidade ou a pobreza sejam as causas dessa violência, e muitos defendem o emprego de mais violência, só que aplicada pela polícia, como solução para o problema. Porém, os estudos frequentemente têm apontado para outros rumos<sup>60</sup>.
132. Particularmente no que diz respeito à violência urbana, os estudos têm mostrado que a violência das forças policiais só tende a agravar o problema, ao invés de resolvê-lo. Sem dúvida, a impunidade é uma causa da violência, porém o aumento da violência não reduz a impunidade e sim aumenta a possibilidade de que se cometam novas injustiças. A questão fundamental é de garantir a punição, dentro da lei, aos culpados. Isso pode ser conseguido com o aumento da eficiência da polícia e não com o aumento da sua truculência.
133. A situação dos presídios brasileiros também exige um olhar cuidadoso. Os casos noticiados pela imprensa de grandes chefes de grupos criminosos vivendo confortavelmente em prisões de segurança máxima, levaram a população a pensar que essa é a situação típica em nossas cadeias. Para a grande maioria dos presos, porém, a realidade é muito diferente. Como os presídios estão superlotados, as condições de vida são precárias, o ambiente é extremamente violento, as nossas prisões frequentemente são lugares onde se incita ao crime e à violência, ao invés de recuperar o preso.
134. Nas periferias das grandes cidades, a violência, o crime e o tráfico de drogas são cada vez maiores. Muitos se perguntam: será que a pobreza é a causa da violência?

---

<sup>60</sup> As análises sobre violência urbana aqui apresentadas são tiradas da página *Violência e cultura*, do Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP, [http://www.pucsp.br/fecultura/pessoa\\_sociedade/textos\\_violencia.html](http://www.pucsp.br/fecultura/pessoa_sociedade/textos_violencia.html).

Em primeiro lugar, é notório que grandes líderes do crime organizado não costumam morar em favelas. Por outro lado, a ausência do Estado, a falta de perspectivas e de modelos a seguir torna muitas pessoas, sobretudo jovens e adolescentes, muito vulneráveis diante das promessas de dinheiro fácil, de aventura e de proteção da parte dos corruptores. No entanto, quem trabalha nas comunidades de periferia sabe muito bem como seus moradores são acolhedores, honestos, trabalhadores, pessoas da paz e do bem, que sonham e lutam por um mundo mais justo e solidário. São, sim, vítimas da violência e da truculência de uma minoria criminosa, que se impõe à população, não raro com a conivência de pessoas que deveriam zelar por sua segurança.

135. Associar pobreza a violência pode gerar grandes injustiças na avaliação das pessoas. Milhares de moradores de certos bairros das grandes cidades sequer ousam apresentar o próprio endereço quando encaminham currículos com a finalidade de obter um emprego. O simples fato de morar em certas regiões já é suficiente para estigmatizá-los, como se fossem todos delinquentes. Além disso, várias cenas de violência gratuita têm sido divulgadas pela mídia, tendo como autores jovens de famílias abastadas. A violência pode ser uma reação de uma pessoa que não se sente acolhida pelo ambiente em que se encontra, seja por sua exclusão sistemática das condições mínimas para uma vida digna, seja por relações pessoais inadequadas e/ou violentas. Assim, pode haver pessoas violentas em qualquer lugar do tecido social<sup>61</sup>.

## **I.6 AS AMEAÇAS À VIDA E O MEIO AMBIENTE**

136. Objetivamente, nunca antes o ser humano teve tanto poder sobre a natureza quanto tem na atualidade. Tanto o desenvolvimento tecnológico como o próprio crescimento populacional fizeram com que a ação do homem fosse muito mais radical e muito mais extensa em todo o planeta. Como a vida, em todas as suas formas, depende de um complexo conjunto de processos naturais para se manter, formando a chamada “sustentabilidade da vida”, essa intervenção do ser humano em escala planetária pode trazer graves conseqüências para a população humana e para todos os demais seres vivos na Terra. Entre essas ameaças, aquela que se tornou mais conhecida recentemente é a do efeito estufa e do aquecimento global.

---

<sup>61</sup> Este assunto será aprofundado na CF 2009.

137. Muitas vezes pensamos que a consciência ecológica atual e todas as lutas em defesa do meio ambiente e das espécies em perigo é consequência apenas das ameaças à sustentabilidade da vida em nossos tempos. Porém, a consciência ecológica se deve também a fatores culturais, associados à desilusão do homem moderno com o modo de vida da sociedade burguesa. Essa desilusão levou as pessoas a procurarem, na harmonia com a natureza, a inspiração para um modo de vida alternativo e mais humano. Exemplos desse modo de pensar são bem conhecidos na história da literatura como, por exemplo, os romances *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, na Inglaterra, *O Guarani*, de José de Alencar, no Brasil, e *Walden*, de Henry Thoreau, nos Estados Unidos.
138. Na segunda metade do século XX, com o aumento das ameaças ao meio ambiente e o agravamento da crise de valores dentro da sociedade burguesa, a questão ecológica foi ganhando cada vez mais força e se tornando uma nova fonte de valores. As pessoas, desiludidas com os valores impostos pela sociedade e cada vez mais distantes da experiência religiosa, procuraram na natureza valores e modelos de conduta. A própria palavra “bioética”, que hoje se refere a um ramo do conhecimento que discute principalmente as implicações éticas da biomedicina, foi criada para designar uma ética que nascesse do respeito à natureza.
139. A problemática ambiental trará duas questões para os debates sobre a defesa da vida, que procuraremos ver a seguir. Uma iluminação mais adequada será apresentada na sessão do JULGAR. As questões são:
- Qual o valor da vida humana diante das demais formas de vida?
  - Se a população mundial está aumentando e o número de habitantes representa uma ameaça à sustentabilidade da vida, não é justo evitar o aumento populacional a qualquer custo?

### **I.6.a A questão ecológica e o valor da vida humana**

140. Alguns ambientalistas, diante do preocupante fenômeno da extinção das espécies e da ação do ser humano sobre a Terra, propõem que toda a vida é sagrada e a atenção dada a uma forma de vida em especial é maior ou menor conforme o seu risco de extinção. Nessa linha de raciocínio, o valor fundamental é a biodiversidade em si, que deve ser mantida no maior valor possível, e cada vida conta por sua contribuição a esse todo. Para retomarmos um debate que se tornou famoso inclusive



no Brasil, um ovo de uma espécie de tartaruga-marinha em extinção pode realmente ser mais importante que um bebê humano, pois os seres humanos não estão em extinção. Assim, nessa linha de reflexão, seria perfeitamente coerente uma postura em favor do aborto e em defesa das espécies ameaçadas de extinção.

141. Outra linha de reflexão considera que a natureza é o modelo ideal para uma vida sadia e harmoniosa, e as condutas humanas devem combater qualquer ameaça à vida. Nessa perspectiva, nenhuma forma de vida – inclusive a humana – poderia ser sacrificada, a não ser que seja absolutamente necessário. Tendem a valorizar os chamados “métodos naturais” de controle da natalidade e a condenar o aborto, pois representa uma violência contra a vida e contra o corpo da mulher, que já está preparado na gravidez para seguir com seu papel de mãe.

### **I.6.b A questão demográfica e a vida humana**

142. A ecologia – entendida como um ramo específico das ciências que estuda a relação entre os organismos e seu ambiente – mostrou com suas pesquisas que deve haver um equilíbrio entre o tamanho da população, os recursos consumidos por ela e os recursos disponíveis no ambiente. Geralmente, as populações de organismos mais simples, como os micróbios, insetos e outras espécies tendem a crescer muito depressa e frequentemente ultrapassam o ponto de equilíbrio entre consumo e oferta de recursos, o que ocasiona grandes crises populacionais: o número de indivíduos cresce muito além do possível e, depois, devido a intensas taxas de mortalidade, diminuí até valores muito pequenos. Organismos mais complexos, como mamíferos e aves, geralmente evoluíram no sentido de adquirir mecanismos biológicos que controlam o crescimento populacional, evitando essas crises populacionais. Geralmente esses métodos, entre os animais, funcionam através da redução da taxa de natalidade em populações muito grandes.
143. Desde a Idade Média, o crescimento da população humana mundial foi acontecendo de forma cada vez mais rápida. A humanidade havia demorado desde sua origem até 1800 para atingir um bilhão de pessoas, mas bastaram mais 125 anos para chegar ao segundo bilhão. No final do século XX, a população mundial ganhou um bilhão de habitantes em apenas 13 anos<sup>62</sup>. Por isso, na segunda metade do século

---

<sup>62</sup> CORSON, W.H. *Manual global de ecologia*. Editora Augustus, 1996.

XX, se temia que a população crescesse até uma catástrofe populacional, semelhante à que acontece com as espécies de crescimento populacional muito intenso.

144. Aos poucos, contudo, foi se percebendo que, com a espécie humana, as coisas seriam diferentes:

- Os animais e as plantas utilizam os mesmos recursos, da mesma forma, ao longo das gerações. Já a espécie humana, por causa da cultura, utiliza recursos diferentes em função do nível de vida e da educação das populações. Por exemplo, no início dos anos 80 do século passado, um cidadão de Nova York produzia cerca de três vezes mais lixo que um cidadão de cidades de baixa renda do sul da Ásia. A diferença era devida ao poder aquisitivo e à qualidade de vida. Contudo, a produção de lixo dos habitantes das grandes cidades europeias, com poder aquisitivo e qualidade de vida muito próximos daqueles de Nova York, equivalia à metade do lixo de um nova-iorquino. A diferença, no caso, era cultural: os padrões de consumo dos europeus eram diferentes daqueles dos americanos. Portanto, mudanças radicais no uso dos recursos podem ser conseguidos com mudanças técnicas e culturais.
- Além disso, percebeu-se que o ritmo de crescimento da população estava diminuindo nos países ricos do mundo. Já no final do século XX, a população dos países europeus, Estados Unidos, Canadá e Japão, estava próxima da estabilidade. Hoje, vários países europeus apresentam crescimento populacional negativo<sup>63</sup>. Como parece existir uma relação direta entre aumento dos indicadores de desenvolvimento econômico e redução do crescimento populacional, parece possível supor que já caminhamos para um ponto de estabilidade para a população mundial, mesmo que isso ainda demore muitos anos.

145. Com isso, o problema demográfico foi ganhando novos contornos: a questão não era mais o esgotamento dos recursos mundiais, mas sim a pobreza. Os países pobres, com menos recursos para garantir o desenvolvimento humano de suas populações, deveriam parar de crescer porque não tinham condições de garantir condições adequadas de vida para as crianças e jovens cada vez mais numerosos. Vários

---

<sup>63</sup> DUMONT, G.F. Implosão demográfica na Europa? *Lexicon, termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas*, p. 515-530. 2007.

estudos internacionais mostraram, de fato, que os indicadores de qualidade de vida eram sensivelmente piores em países pobres e com altas taxas de natalidade<sup>64</sup>.

146. Ao falar de qualidade de vida, é importante que perguntemos quais são os critérios adotados para a determinação de seus indicadores e o que legitima a escolha desses critérios. Muitas vezes esses indicadores respondem a critérios econômicos e não levam em consideração a condição humana como um todo.

### **I.6.c Por que o crescimento populacional é diferente em países pobres e países ricos?**

147. Um discurso muito difundido sustenta que a população dos países pobres cresce mais que a dos países ricos porque os pobres não conhecem os métodos anticoncepcionais ou porque barreiras culturais impedem-nos de aderir a esses métodos. Esse discurso tem justificado, em todo o mundo, políticas agressivas e quase compulsórias de controle da natalidade<sup>65</sup>.
148. Esse discurso não vê, contudo, a situação concreta das famílias pobres e de suas estratégias de sobrevivência. O que leva uma população pobre a ter muitos filhos? Em primeiro lugar, a tradição do grupo populacional. Adultos que cresceram em famílias numerosas tendem a repetir, em suas famílias, a estrutura na qual foram criados. Porém, a tendência de reduzir o número de filhos ocorre com muita frequência quando a família se estabelece na periferia das grandes cidades e os filhos começam a estudar.
149. Acontece que, no mundo rural tradicional, sem um sistema confiável de seguridade social, famílias maiores dão mais segurança a seus membros que famílias pequenas. Muitos filhos significam muitos braços para dividir o trabalho na doença e na velhice ou mesmo para o trabalho cotidiano. Além disso, quando a formação profissional exigida é pequena e pode ser dada em casa, os filhos logo ajudam os pais no trabalho.
150. Na cidade atual ou na agricultura mais moderna, a situação é diferente. O sistema de seguridade social, mesmo quando imperfeito, dá segurança para o trabalhador.

---

<sup>64</sup> CORSON, W.H. *op.cit.*

<sup>65</sup> SCHOOPYANS, M. Controle dos nascimentos e implosão demográfica. *Lexicon, termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas*. 2007; JOSEPH, R. Fertilidade e continência. *Lexicon, termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas*, p. 443-452. 2003.

Agora os filhos precisam estudar para poder entrar de forma adequada no mercado de trabalho, e não podem ficar com seus pais – que frequentemente trabalham fora de casa. Ter muitos filhos, nesse contexto, não traz mais segurança à família, mas, pelo contrário, a torna mais frágil. Por isso, à medida que acontece um verdadeiro desenvolvimento social, mais pessoas vão optando livremente por famílias menos numerosas e as taxas de crescimento populacional caem, sem que haja necessidade de um controle estatal da natalidade.

#### **I.6.d Conclusão**

151. Como se pode perceber, os desafios que a própria realidade nos apresenta em torno à defesa da vida são muito grandes, variados e complexos. Além disso, muitos interesses estão em jogo. No entanto, o Reino que Jesus veio anunciar é o Reino da Vida: “Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Cabe aos seus discípulos-missionários a tarefa de defender, resgatar, restaurar e promover a vida, particularmente a vida humana, tão ameaçada em nossos dias. É o que veremos na próxima seção.

---

## II Julgar – Deus indica o caminho da vida

---

152. Diante da complexa realidade que nos é apresentada, percebemos que o grande desafio da humanidade é saber discernir entre os conhecimentos e as práticas que levam a uma plenitude de vida e os conhecimentos e práticas que desviam deste caminho, colocando-se a serviço da morte. Desenvolver a capacidade de discernir torna-se, hoje, uma necessidade fundamental para o bem viver.
153. Isso acontece ao menos por duas razões. A primeira encontra-se na linha de uma convergência de ciências que se conjugam para oferecer um volume nunca antes imaginado de conhecimentos e de poder sobre a vida. A segunda, é a dúvida sistemática da cultura moderna com relação aos valores que constroem realmente essa plenitude da vida humana.
154. Nesse discernimento, o chamado a julgar significa exercer a recomendação de São Paulo, de “examinar tudo e reter o que é bom” (1Tes 5,21), o verdadeiro caminho da vida. O juízo cristão, mais que uma condenação, é um convite à verdadeira vida (cf. Rm 2,1-13).
155. Sem uma compreensão adequada do que seja a relação entre a experiência da fé e o exercício da razão, nosso discernimento não será adequado, pois não corresponderá às exigências de nossa humanidade, nem permitirá o diálogo com aqueles que partem de outras posições.
156. “Não poderá nunca existir contradição entre a fé e a ciência porque ambas têm origem em Deus. É o mesmo Deus que dá ao homem, seja à luz da razão, seja à luz da fé”, diz o Catecismo da Igreja Católica<sup>66</sup>. Isso quer dizer que a experiência da fé, vivida de forma séria e não formalista, e uma reflexão intelectual honesta e profunda, inclusive valendo-se dos avanços da ciência e das discussões da filosofia, nos conduzem a resultados semelhantes.

---

<sup>66</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 159.

157. A mesma relação deve existir entre as normas morais e a liberdade do ser humano. João Paulo II, na encíclica *Veritatis splendor (O esplendor da Verdade)*, nos lembra que “O que a lei ordena está escrito nos seus corações” (Rm 2,15). A pessoa humana, para realizar-se plenamente, deve seguir uma “lei natural”, um dinamismo inerente ao seu modo de ser, que não está em contradição com sua liberdade, mas – pelo contrário – lhe dá maior valor. As aparentes contradições entre essa “lei natural” e a liberdade se devem a uma visão reduitiva da pessoa humana, que considera que apenas aquilo que é instintivo seria natural. Uma visão integral não deve levar à censura do corpo, com todas as suas manifestações biopsíquicas, mas considerar a pessoa numa unidade que leva em conta todas as suas inclinações biológicas e espirituais”<sup>67</sup>.
158. “A origem e o fundamento do dever de respeitar absolutamente a vida humana devem-se encontrar na dignidade própria da pessoa, e não simplesmente na inclinação natural para conservar a própria vida física” – continua João Paulo II. “Assim, a vida humana, mesmo sendo um bem fundamental do homem, ganha um significado moral pela referência ao bem da pessoa, que deve ser sempre afirmada por si própria”<sup>68</sup>. Ou seja, só quando olhamos para a nossa dignidade intrínseca, enquanto pessoas, percebemos o sentido último da defesa da vida humana. A luta contra o aborto, ou contra a manipulação de embriões humanos, por exemplo, nunca será adequadamente compreendida se pensarmos o embrião apenas como um ser vivo a mais. Só quando olhamos, tanto para ele quanto para nós mesmos como seres humanos dotados de uma dignidade que não pode ser tirada, é que percebemos a importância de defender a vida humana.
159. Vejamos como Deus nos indica – desde suas primeiras manifestações ao homem no Livro do Gênesis, até tornar-se presente em nosso cotidiano através da Igreja – esse caminho da vida.

## II.1 A VIDA, DOM DE DEUS

160. “A Bíblia mostra reiteradamente que, quando Deus criou o mundo com sua Palavra, expressou satisfação, dizendo que era ‘bom’ (Gn 1,21), e quando criou o ser

---

<sup>67</sup> Cf. *Veritatis splendor*, VS, 12, 37, 46-50.

<sup>68</sup> VS, 50.

humano, homem e mulher, disse que ‘era muito bom’ (Gn 1,31). O mundo criado por Deus é belo. Procedemos de um desígnio divino de sabedoria e amor”<sup>69</sup>. A percepção da beleza e da bondade da vida é compartilhada, exaltada e proclamada por homens e mulheres em todas as culturas humanas. Representam a primeira porta através da qual o ser humano compreende o significado da vida e a importância de defendê-la.

### II.1.a A beleza da vida nos conduz a Deus

161. A beleza e a bondade manifestas na criação foram consideradas, tradicionalmente, um caminho para se chegar ao conhecimento de Deus e de seu amor. “O homem, com a sua inteligência, é capaz de ‘conhecer a constituição do universo e a força dos elementos (...), o ciclo dos anos e a posição dos astros, a natureza dos animais mansos e os instintos dos animais ferozes’ (Sb 7,17.19-20)... raciocinando precisamente sobre a natureza, pode-se chegar ao Criador: ‘Pela grandeza e beleza das criaturas, pode-se, por analogia, chegar ao conhecimento do seu Autor’ (Sb 13,5)”<sup>70</sup>.

162. Porém, muitas vezes, nos tempos atuais, não temos essa percepção e, então, “tudo o que acontece na nossa terra e na nossa vida parece apenas ocasional, marginal, um produto irracional”. Escandalizamo-nos com o mal no mundo e nos perguntamos como pode o mal ser compatível com a bondade do Criador. Para superarmos esse escândalo, diz Bento XVI, “temos realmente necessidade do Deus que se fez carne e que nos mostra que Ele não é apenas uma razão matemática, mas que esta razão originária também é Amor”<sup>71</sup>. Mas essa beleza e essa bondade não se manifestam se permanecemos imobilizados, descomprometidos com a obra da Criação. Pelo contrário, exigem uma opção que compromete nossa liberdade, através da adesão a Cristo e do amor aos irmãos, em particular por aqueles que sofrem.

163. Lemos, ainda no livro do Gênesis, que “o Senhor deu esta ordem ao homem: Podes comer do fruto de todas as árvores do jardim; mas não comas o da árvore da ciência do bem e do mal, porque, no dia em que o comeres, certamente morrerás” (Gn 2,16-17). Com esta imagem, os autores sagrados não alimentam nenhum tabu e

---

<sup>69</sup> DAp, 28.

<sup>70</sup> JOÃO PAULO II. *Fides et ratio*, FR, 19.

<sup>71</sup> Cf. BENTO XVI. Respostas dadas a jovens de Roma e do Lácio, em 6 de Abril 2006, [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/speeches/2006/april/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060406\\_xxi-wyd\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20060406_xxi-wyd_po.html).

nem oferecem guarida para qualquer espírito anti-científico, como se o conhecimento fosse responsável pelos desvios humanos. Esse relato procura nos mostrar que não podemos decidir a partir de nossas próprias intenções, o que venha a ser o bem e o mal. Pelo contrário, existe uma objetividade, inscrita na natureza, que determina o que é bom e o que é mau. O caminho para a realização de nossa liberdade não passa por definirmos, por nós mesmos, o que é bom e o que é mau, mas sim em aderir ao caminho do bem que, por obra de Deus, está inscrito em nossa própria natureza<sup>72</sup>.

164. Assim, o livro do Gênesis aponta para a origem e o sentido mais profundo de todas as coisas. Ainda que os primeiros capítulos não possam ser tomados como relatos históricos, devem ser tomados como marcos que traduzem uma experiência profunda e constante da humanidade, no sentido de anunciar o caminho da vida e denunciar os descaminhos que conduzem à morte. De maneira muito significativa, os dois primeiros capítulos ressaltam que os planos originais de Deus são de felicidade e não de desgraça; de realização e não de frustração; de vida e não de morte.

### **II.1.b A vida é sempre um bem**

165. “A vida é sempre um bem. Esta é uma intuição ou até um dado de experiência, cuja razão profunda o homem é chamado a compreender. Por que motivo a vida é um bem? Esta pergunta percorre a Bíblia inteira, encontrando já nas primeiras páginas uma resposta eficaz e admirável. A vida que Deus dá ao homem é diversa e original, se comparada com a de qualquer outra criatura viva, dado que ele, apesar de aparentado ao pó da terra (cf. Gn 2,7; 3,19; Jó 34,15; Sl 103,14; 104,29), é, no mundo, manifestação de Deus, sinal da sua presença, vestígio da sua glória (cf. Gn 1,26-27; Sl 8, 6). Isto mesmo quis sublinhar Santo Ireneu de Lião, com a célebre definição: ‘A glória de Deus é o homem vivo’<sup>73</sup>. Ao homem foi dada uma dignidade sublime, que tem as suas raízes na ligação íntima que o une ao seu Criador: no homem, brilha um reflexo da própria realidade de Deus”<sup>74</sup>.

166. No Livro do Gênesis, o homem é colocado no vértice da atividade criadora de Deus, como seu coroamento, no termo de um processo que vai do caos indefinido até

---

<sup>72</sup> VS, 35.

<sup>73</sup> S. IRENAEI. *Adversus Haereses*, IV,20,7: PG 7,1057

<sup>74</sup> EV, 34.



à criatura mais perfeita. Assim, deve “encher e dominar a terra”(cf. Gn 1,28) como Deus ordenou ao homem e à mulher, mas também “cultivar e guardar” a vida (cf. Gn 2,15). O ser humano tem um primado sobre as coisas, mas estas estão entregues à sua responsabilidade, de modo que ele deve usá-las com sabedoria, respeitando-as em seus limites e sua natureza, e não subjugando seus semelhantes, nem tentando reduzi-los ao estatuto de coisa<sup>75</sup>.

### II.1.c A compreensão da pessoa humana a partir do Livro do Gênesis

167. No primeiro ciclo de suas “catequeses sobre o amor humano”, reunidas no livro *Homem e mulher os criou*, João Paulo II elabora uma verdadeira antropologia teológica, a partir de reflexões sobre os dois primeiros capítulos do Gênesis, que apresentam duas narrativas sobre a criação do homem. Tendo como referência a própria experiência humana, tais reflexões têm como objetivo compreender a pessoa naquilo que é **essencialmente humano**, e tal concepção define o que seu autor chama de uma “antropologia adequada”.
168. A primeira constatação antropológica dessa análise é a de que o ser humano é capaz de refletir sobre seu ser e seu existir no mundo. Sua interioridade é exatamente o que o distingue como pessoa dos demais seres. Ele é criado junto ao mundo visível, porém lhe é superior, chamado a dominá-lo e a subjugá-lo. Tendo recebido de Deus a incumbência de nomear os seres, percebe que é distinto deles e, ao mesmo tempo, se dá conta de sua “solidão original”. A partir dessa primeira experiência como ‘adam – “homem” –, fica evidente sua **subjetividade**, expressa na capacidade de **autocompreensão**. “Estar só” em meio à criação significa que ele está só diante de Deus, na busca de sua própria identidade, e percebe o que ele “não é”.
169. Ao criar o ser humano, o Criador como que se recolhe em si mesmo para tomar a decisão: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26). Criado na relação com o Criador, ele não pode ser compreendido por categorias deduzidas do mundo material, embora ele seja também corpo. Na segunda narrativa da criação (Gn 2,4ss.), já se encontra o primeiro registro dessa auto-compreensão do homem, o primeiro testemunho da consciência humana. Outra característica da pessoa humana é a **autodeterminação**, o que se pode depreender da seqüência da narrativa bíblica,

---

<sup>75</sup> Idem.

quando aparece o decisivo momento da opção, da vontade livre frente à árvore do bem e do mal.

170. Essa reflexão remonta ao “princípio”, isto é, coincide com a vida do ser humano desde sua criação, em seu estado de “inocência original”, até o momento em que deve decidir entre a morte e a vida, quando passa ao estado de pecado. Esta original inocência do ser humano é sua dimensão de ser “à imagem e semelhança de Deus”, que continua sendo válida como referência da verdade sobre seu ser, apesar de seu estado decaído. Em diálogo com os fariseus sobre a questão da indissolubilidade do casamento (Mt 19,3ss), Cristo faz referência a essa ordem original de Deus; e quando os fariseus falam que Moisés permitiu a carta de divórcio àqueles que queriam repudiar sua mulher, recordou que “desde o princípio não era assim”. Aqui já está implícito todo o mistério da redenção operada por Cristo, que pressupõe a realidade da pessoa em sua inocência original, como foi pensada e criada por Deus.
171. “Não é bom que o homem esteja só; vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda” (Gn 2,18). O tema da solidão do homem apresenta um segundo aspecto fundamental para a compreensão da “antropologia adequada”: o sentido da **solidão original** abre caminho para o sentido da **unidade original** do homem e da mulher, que tem suas raízes na criação do ser humano como masculino e feminino. Essa unidade não elimina a necessária complementaridade entre o homem e a mulher, o que no texto de Gn 2, aparece num segundo momento. Primeiro, o homem é um ser do mundo visível, mas que o ultrapassa; segundo, o ser humano é masculino e feminino.
172. Antes da criação da “auxiliar que lhe corresponda”, o torpor no qual o homem se imerge é como uma forma de preparar o novo ato criador de Deus. E a solidão original do homem é ultrapassada na dupla unidade de homem e mulher. A solidão do homem experimentada em sua interioridade se abre, assim, como caminho para a **comunhão de pessoas**. E revela a sua transcendência.
173. Desse modo, o homem se torna imagem e semelhança de Deus não só mediante a própria humanidade (intimidade, consciência, liberdade), mas também mediante sua constitutiva abertura para o outro (auto-transcendência), que se realiza na comunhão de pessoas, que o homem e a mulher formam desde o começo. A solidão, portanto, que é parte do ser pessoa (tanto do homem como da mulher) faz com que o ser humano adquira consciência de ser alguém original e único dentro da criação, ao mesmo tempo em que ele é um ser aberto, chamado à comunhão.

174. “Homem e mulher ele os criou” (Gn 1,27) como sinal de que o amor é o tecido constitutivo da pessoa humana. A pessoa é imagem e semelhança de Deus porque traz em si aquela qualidade divina que é a comunhão. Se “Deus é amor”, como nos ensina São João, a pessoa humana é chamada a ser amor desde a sua origem (em sua constituição “homem e mulher”). Como “comunhão de pessoas” a imagem espelha seu modelo, o Deus uno e trino.
175. Dentro dessa visão, o corpo humano assume um significado profundo, uma vez que manifesta a reciprocidade da comunhão entre homem e mulher. Masculinidade e feminilidade expressam sua capacidade de exprimir o amor. Tal significado determina a atitude, isto é, o modo de viver o corpo. O corpo-sexo não pode ser tratado, portanto, sem a pessoa, sem a consciência de ser um dom especial. Daí decorre a necessária consciência da dignidade da corporeidade e sexualidade humanas.

#### II.1.d O próprio Deus indica o caminho da felicidade e da vida

176. Na *Evangelium Vitae*, João Paulo II lembra que o próprio Deus anuncia, pela boca de Moisés, o caminho da felicidade e da vida: “Também para nós, ressoa claro e forte o convite de Moisés: ‘Vê, ofereço-te hoje, de um lado, a vida e o bem; do outro, a morte e o mal. (...) Coloco diante de ti a vida e a morte, a felicidade e a maldição. *Escolhe a vida, e então viverás com toda a tua posteridade*’ (Dt 30, 15.19). É um convite muito apropriado para nós, chamados cada dia a ter de escolher entre a «cultura da vida» e a «cultura da morte». Mas o apelo do Deuteronômio é ainda mais profundo, porque nos chama a uma opção especificamente religiosa e moral. Trata-se de dar à própria existência uma orientação fundamental, vivendo com fidelidade e coerência a Lei do Senhor: ‘Recomendo-te hoje que *ames o Senhor, teu Deus, que andes nos seus caminhos, que guardes os seus preceitos, suas leis e seus decretos. (...) Escolhe a vida, e então viverás com toda a tua posteridade. Ama o Senhor, teu Deus, escuta a sua voz e permanece-Lhe fiel, porque é Ele a tua vida e a longevidade dos teus dias*’ (Dt 30,16.19-20)”<sup>76</sup>.
177. A encíclica continua lembrando, contudo, que é a fé em Cristo que permite a compreensão plena da mensagem do Deuteronômio: “A decisão incondicional a favor da vida atinge em plenitude o seu significado religioso e moral, quando brota, é

---

<sup>76</sup> EV, 28.

plasmada e alimentada pela *fé em Cristo*. Nada ajuda tanto a enfrentar positivamente o conflito entre a morte e a vida, no qual estamos imersos, como a fé no Filho de Deus que Se fez homem e veio habitar entre os homens, “para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10): *é a fé no Ressuscitado, que venceu a morte; é a fé no sangue de Cristo “que fala melhor do que o de Abel” (Hb 12,24)”*<sup>77</sup>.

## II.2 O ENCONTRO COM CRISTO NOS CONVIDA A ESCOLHER A VIDA

178. Já Santo Agostinho observava que o Novo Testamento se encontra presente no Antigo e que o Antigo revela seu sentido mais profundo à luz do Novo. O que no Antigo Testamento muitas vezes aparece em forma simbólica e apontando para o futuro, à luz do Novo Testamento revela sua verdadeira fisionomia em Jesus Cristo, o Filho de Deus que assumiu totalmente a condição humana. Nele se cumprem todas as promessas e nele se manifesta definitivamente o caminho da vida. “Jesus Cristo, verdadeiro homem e verdadeiro Deus, com palavras e ações e com sua morte e ressurreição inaugura no meio de nós o Reino de vida do Pai”<sup>78</sup>.

### II.2.a Uma postura de acolhida

179. Quando observamos o modo de ser de Cristo no Evangelho, uma das primeiras características que nos impressionam é seu profundo amor para com todos que O procuram. O Documento de Aparecida<sup>79</sup> nos lembra que “Jesus, o Bom Pastor, quer nos comunicar a sua vida e se colocar a serviço da vida. Vemos como ele se aproxima do cego no caminho (cf. Mc 10,46-52), quando dignifica a samaritana (cf. Jo 4,7-26), quando cura os enfermos (cf. Mt 11,2-6), quando alimenta o povo faminto (cf. Mc 6,30-44), quando liberta os endemoninhados (cf. Mc 5,1-20). Em seu Reino de vida Jesus inclui a todos: come e bebe com os pecadores (cf. Mc 2,16), sem se importar que o tratem como comilão e bêbado (cf. Mt 11,19); toca leprosos (cf. Lc 5,13), deixa que uma prostituta unja seus pés (cf. Lc 7,36-50) e, de noite, recebe Nicodemos para convidá-lo a nascer de novo (cf. Jo 3,1-15). Igualmente,

---

<sup>77</sup> Idem.

<sup>78</sup> DAp, 143.

<sup>79</sup> DAp, 353.

convida seus discípulos à reconciliação (cf. Mt 5,24), ao amor pelos inimigos (cf. Mt 5,44) e a optarem pelos mais pobres (cf. Lc 14,15-24)”.

180. Essa **postura de acolhida** está na base de todos os relacionamentos vividos por Cristo. Contrasta radicalmente com a postura desumana que está por traz do aborto ou da eutanásia. Nesses casos, a vida humana não é acolhida integralmente. Ela deve passar por “uma prova” (testes genéticos, aptidão física, etc.), ser adequada aos interesses ou possibilidades das pessoas (não pode “dificultar” a vida dos demais).
181. Uma postura de não-acolhida, contrária ao exemplo de Cristo, tende a gerar realidades cada vez menos acolhedoras e mais violentas. Um exemplo bem conhecido: como uma criança que sabe que seus pais, antes do nascimento, fizeram um teste genético e teriam feito um aborto caso ela não fosse normal, tratará desses mesmos pais quando esses se tornarem idosos e cada vez mais dependentes e limitados fisicamente? Aplicando a mesma lógica de “não acolhida”, de estabelecer condições para aceitar o outro, não tenderá o filho a abandonar os pais, se afastando deles cada vez mais? Ainda que as ações de todo ser humano estejam entregues, em última instância, à sua liberdade, quando não acolhemos ao outro criamos um clima cada vez mais propício a novas experiências de não acolhida e de violência.
182. Por outro lado, quando imitamos o exemplo de Cristo, e acolhemos o outro gratuitamente, sem que ele necessite nos provar nada, nem atender a qualquer pré-requisito, criamos uma dinâmica de acolhida crescente. Cada pessoa que se sente acolhida adquire uma postura humana onde se torna mais fácil acolher e aceitar o outro, onde a violência é mais difícil.
183. Assim, “diante do *subjetivismo hedonista*, Jesus propõe entregar a vida para ganhá-la, porque “quem aprecia sua vida terrena, perdê-la-á” (Jo 12,25). É próprio do discípulo de Jesus gastar sua vida como sal da terra e luz do mundo. Diante do *individualismo*, Jesus convoca a viver e caminhar juntos. A vida cristã só se aprofunda e se desenvolve na comunhão fraterna. Jesus nos disse “um é seu mestre e todos vocês são irmãos” (Mt 23,8). Diante da *despersonalização*, Jesus ajuda a construir identidades integradas”<sup>80</sup>.

---

<sup>80</sup> DAp, 110.

## II.2.b O Bom Pastor e a dignidade da pessoa humana

184. A pessoa que olhar para si mesma, perceberá que essa postura de acolhida incondicional do outro, ainda que possa trazer dor e sofrimento, é a mais adequada à sua experiência humana. A não-acolhida implica não só a escolha do caminho aparentemente mais fácil, mas a censura de um desejo de bem, de dar e receber amor, que está no coração de cada um. O seguimento de Jesus não violenta, mas – pelo contrário – exalta nossa humanidade.
185. Contudo, essa lógica da acolhida, do amor ao próximo, atinge seu vértice na figura do Bom Pastor, aquele que dá a vida pelas suas ovelhas (Jo 10,7ss). E mais: Ele, tendo cem ovelhas, abandona noventa e nove delas para ir em busca da única perdida (Mt 18,12-14). Agora, a lógica da acolhida parece ir longe demais! Que o bom se sacrifique pelos maus não nos parece justo, nem que o pastor possa deixar noventa e nove ovelhas desprotegidas para partir em busca de uma única perdida!
186. Essa atitude de Jesus, contudo, condiz profundamente com o desejo maior de nosso coração. Todos nós ansiamos por esse amor incondicional e gratuito por nossa pessoa. Por isso Jesus ainda insiste que até mesmo os cabelos de nossa cabeça estão contados (Mt 10,30).
187. Com tudo isso, Cristo anuncia a dignidade única de cada pessoa humana. Somos amados de modo especial, de modo único, não somos apenas parte de uma multidão, somos parte de um povo, mas – dentro desse povo – temos um valor único e irrepetível<sup>81</sup>. A experiência da dignidade inerente à pessoa nasce em nós a partir da experiência de sermos amados. Uma pessoa que não fez a experiência de ser amada não perde a sua dignidade natural, mas terá muito mais dificuldade de perceber-se dotada dessa dignidade. Por isso, a Igreja irá valorizar tanto, ao longo da história, a importância da família: é na celular familiar que a criança fará pela primeira vez a experiência de ser amada e, portanto, compreenderá o valor da própria pessoa e da própria dignidade.

---

<sup>81</sup> É importante aqui perceber que as pessoas podem receber, ao longo da vida, uma dignidade que não lhes é intrínseca, mas decorrente de suas realizações, de suas capacidades ou de seu poder. É a dignidade do grande líder, do herói, do político representante do povo, etc. Mas essas dignidades podem ser recebidas e perdidas, dependem de condições da pessoa. A dignidade intrínseca nos pertence desde a concepção e nunca poderá nos ser tirada. Pode não ser reconhecida, como acontece no aborto, no tratamento injusto dado aos presos, mas nunca é perdida – aconteça o que acontecer.

188. A percepção de ser pessoa, de ter essa dignidade que não pode ser tirada, não depende do cristianismo. Trata-se também aqui de uma experiência que pode ser considerada natural a cada um de nós, mesmo que de forma confusa ou parcial. Em cada cultura, homens e mulheres percebem, de alguma forma, sua individualidade, mas foi a partir do cristianismo que essa percepção se difundiu e atingiu sua consciência plena<sup>82</sup>. A partir daí, a dignidade da pessoa humana se tornou o fundamento do Direito e da autoconsciência de cada um de nós.

### II.3 A VIDA NO ESPÍRITO E A IGREJA

189. Para quem não se coloca à luz da revelação, não é possível perceber a mensagem mais profunda da Palavra de Deus, da qual a Igreja é porta-voz. Por isto mesmo, para muitos se torna difícil hoje compreender o sentido dos Dez Mandamentos, e mais difícil ainda abraçá-los como caminho de vida. Eles apresentam a manutenção da vida e seu desenvolvimento com base nas leis naturais colocadas já no coração do homem. Ao chegar às portas da terra prometida, num discurso de despedida, Moisés, recorda a vocação que Deus confiara ao seu povo e mostra por onde passam os caminhos da felicidade e da realização tanto das pessoas, quanto das sociedades. Vale a pena recordar o ponto central deste discurso, ressaltando algumas palavras: “Eis que hoje ponho diante de ti a vida e a felicidade, a morte e a desgraça. Se obedeceres aos mandamentos do Senhor teu Deus, ... amando ao Senhor teu Deus, seguindo seus caminhos e guardando seus mandamentos... viverás e te multiplicarás e o Senhor teu Deus te abençoará na terra em que vais entrar... Mas se o teu coração se desviar e não escutares, se te deixares arrastar para adorar e prestar culto a outros deuses, eu vos declaro ... que certamente perecereis... **Escolhe, pois, a vida...** amando ao Senhor teu Deus, escutando sua voz e apegando-te a ele. Pois isto significa vida para ti e tua permanência estável sobre a terra que o Senhor jurou dar a teus pais, Abraão, Isaac e Jacó” (Dt 30,15-20).”

190. O Pai foi claramente anunciado no Antigo Testamento e fez entrever obscuramente o Filho. O Novo Testamento revela o Filho e o Espírito de Deus. Agora este Espírito que habita nos corações se manifesta com toda a clareza indicando o tempo da Igreja na sociedade e nas culturas. Moisés viu Deus “face a

---

<sup>82</sup> MAUSS, M. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. [in] *Sociologia e antropologia*. Vol. 1, EPU/EDUSP, 1974.

face”. Ele acolheu o Espírito de Deus e soube o que era necessário para aquele povo, para aquele tempo. “O mundo não o vê e não o conhece, mas vocês o conhecem porque ele está com vocês e estará em vocês.” (cf. Jo 14,17) A experiência do Espírito na Igreja é o que se identifica na sua história e na sua Tradição. Portanto, o tempo da Igreja é o tempo do Espírito que revela e confirma a verdade e na verdade dá acesso à realidade em sua revelação original.

191. Ao dar a vida em abundância, o Espírito faz reconhecer o próprio dom da vida que deve ser partilhado e defendido. Ele apresenta as leis inscritas na natureza que expressam o caminho gravado no coração das coisas e das pessoas. “Ao recebê-lo, todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas” (cf. At 2). A “língua nova” é um sinal do coração transformado que rompe as barreiras das raças, das culturas e faz com que cada um entenda na sua “própria língua”. É o diálogo que se pode fazer em torno da verdade passando através das diferenças pessoais e institucionais. A verdade que deve ser anunciada hoje é a verdade da beleza e da sacralidade da vida humana.

### **II.3.a O valor da vida e a dignidade da pessoa humana na história da Igreja**

192. Desde os primeiros tempos, a comunidade cristã percebeu que seguir os ensinamentos de Cristo significava reconhecer a dignidade da pessoa humana e o valor da vida. Para nós que vivemos na sociedade contemporânea, muitas vezes se torna difícil perceber a importância que o cristianismo teve para a compreensão do valor da pessoa humana no Império Romano.
193. Convidando os maridos a serem fiéis a suas esposas como Cristo o foi à Sua Igreja (Ef 5,25), defendendo que os escravos fossem tratados como irmãos em Cristo (Fl 1,15-17), a unidade entre todos os batizados (1 Cor 12,13), incentivando o cuidados com os pobres e desamparados (At 4,34-35), anunciando o valor da caridade (1 Cor 13,1s), os primeiros cristãos foram desde logo percebendo a dignidade da pessoa e anunciando-a como elemento integrante da Boa Nova<sup>83</sup>.

---

<sup>83</sup> Uma apresentação curta e de fácil compreensão sobre a ligação íntima entre o cristianismo e a percepção da dignidade da pessoa humana pode ser vista em AZEVEDO, R. *Você também é cristão, ateu. Mesmo que não queira.* [in] <http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2007/05/voc-tambm-cristo-ateu-mesmo-que-no.html>.



194. Desde cedo, também, os cristãos se posicionaram contra o aborto, reconhecendo a dignidade do embrião humano. Algumas discussões, que até hoje são trazidas a público, se devem a questões de conhecimento biológico e não de concepção teológica ou filosófica. Assim, Santo Tomás de Aquino considera que existe o aborto a partir do momento que a alma entra no feto. Porém, segundo seus conhecimentos de biologia reprodutiva, isso não aconteceria logo no momento da fecundação.
195. Assim, a compreensão das questões relativas à defesa da vida depende não apenas do ensinamento da Igreja, mas também da compreensão das questões científicas envolvidas. Por isso, para um correto discernimento dessas questões, são publicados frequentemente **documentos** que nascem da reflexão, a partir do ensinamento da Igreja, sobre os avanços da ciência. Esses documentos são instrumentos de trabalho preciosos, que nos permitem perceber que a Igreja é viva e dinâmica, interagindo permanentemente com a realidade que a circunda.

## **II.4 DISCERNINDO ENTRE OS CAMINHOS DA VIDA E OS CAMINHOS DA MORTE**

196. O Espírito dá o dom do discernimento. Por aí se percebe o grande desafio da humanidade: saber discernir entre os conhecimentos que se conjugam com a sabedoria de vida e os conhecimentos que se desviam desta sabedoria, colocando-se a serviço da morte. Desenvolver a capacidade de discernir se torna hoje uma necessidade fundamental diante dos paradoxos encontrados.

### **II.4.a Discernimento sobre a pessoa humana**

197. Todas as vezes que fragmentamos a pessoa humana – considerando-a apenas em sua dimensão corpórea, ou a partir de suas emoções e impulsos, ou ainda como mero fruto da cultura em que está inserida –, incorremos num sério reducionismo. A pessoa é uma unidade indivisível, ao mesmo tempo em que é uma totalidade corporal, psíquica e espiritual. Mas a dimensão especificamente humana, aquela que distingue o ser humano dos demais seres do mundo sensível, é sua dimensão espiritual.
198. Ao tomar consciência desse núcleo espiritual ou existencial, a pessoa é impelida ao encontro com o mundo, ao encontro com o outro e ao encontro com Deus.

Portanto, a pessoa só se compreende a si mesma do ponto de vista da transcendência, como um ser aberto, orientado para mais além de si mesmo.

199. A compreensão de si mesma, porém, se dá, sobretudo, no acontecer real que é a vida, onde a pessoa se experimenta em atos conscientes. Reconhece, assim, que é livre apesar dos condicionamentos presentes em sua vida. E essa liberdade a faz sentir-se responsável por seus atos e perante seu destino; ou seja, em todas as circunstâncias, pode assumir uma ou outra atitude diante dos condicionamentos que lhe cabe viver, como também diante das situações que lhe cabe participar.
200. O homem é, portanto, o único ser que tem em suas próprias mãos a faculdade de escolher seu caminho de vida: ele faz essa experiência de ser alguém situado no mundo, que lhe apresenta diversas perspectivas, afrontando a possibilidade de desperdiçar sua vida ou aproveitá-la, através de suas ações e suas opções. Sua liberdade, porém, não se confunde com arbitrariedade, opinião subjetiva; é, ao contrário, uma liberdade responsável, isto é, a pessoa é alguém capaz de responder às situações que a vida lhe coloca ou lhe impõe, tendo diante de si um universo de valores que a orientam.
201. A pessoa pode, portanto, dar-se conta de seu valor como ser único, original e irrepetível, descobrindo assim sua dignidade como ser humano. Ao mesmo tempo, essa consciência tem um preço, ou mesmo um risco: a tarefa de viver de acordo com tal dignidade, no permanente exercício da liberdade responsável, assumindo seu processo vital de crescimento e amadurecimento.

#### **II.4.b Discernimento diante dos avanços das ciências**

202. Deus criou todos os seres humanos com o desejo de conhecer a verdade e de encontrá-Lo. Por isso nos lançamos na aventura do conhecimento e da investigação sobre a realidade<sup>84</sup>. Porém, para que essa busca pelo conhecimento atinja seu verdadeiro objetivo, é necessária uma postura adequada. A ciência existe para o bem de todas as pessoas e não para a afirmação de poder dos indivíduos.
203. Por isso, na encíclica *Fides et ratio*<sup>85</sup>, João Paulo II escreveu: “Não posso, enfim, deixar de dirigir uma palavra também aos *cientistas*, que nos proporcionam, com as

---

<sup>84</sup> Cf. JOÃO Paulo II. *Fides et ratio*, FR, 16

<sup>85</sup> FR, 106.

suas pesquisas, um conhecimento sempre maior do universo inteiro e da variedade extraordinariamente rica dos seus componentes, animados e inanimados, com suas complexas estruturas de átomos e moléculas. O caminho por eles realizado atingiu, especialmente neste século, metas que não cessam de nos maravilhar. Ao exprimir a minha admiração e o meu encorajamento a estes valorosos pioneiros da pesquisa científica, a quem a humanidade muito deve do seu progresso atual, sinto o dever de exortá-los a prosseguir nos seus esforços, permanecendo sempre naquele horizonte *sapiencial* onde aos resultados científicos e tecnológicos se unem os valores filosóficos e éticos, que são manifestação característica e imprescindível da pessoa humana. O cientista está bem cômico de que a busca da verdade, mesmo quando se refere a uma realidade limitada do mundo ou do homem, jamais termina; remete sempre para alguma coisa que está acima do objeto imediato dos estudos, para os interrogativos que abrem o acesso ao Mistério”.

204. Neste horizonte sapiencial, percebemos que nem tudo o que é possível é bom. Nem todas as possibilidades abertas pela ciência trazem o bem para as pessoas. A prática da ciência deve, portanto, submeter-se ao juízo ético, buscando sempre aquilo que é bom para o ser humano. Trata-se de buscar aquela lei natural que está “inscrita no coração do homem”. Contudo, deve-se ter em mente que essa lei natural, ainda que inscrita no coração, só pode ser adequadamente percebida na busca sincera pela verdade e com o reconhecimento da dignidade intrínseca da pessoa humana<sup>86</sup>.
205. Há uma bioética que descreve opiniões e posturas, analisa conquistas científicas sem assinalar *como* algo deve ser. Baseia-se em termos de benefícios e cálculo de riscos deixando a prioridade para a opção individual. É pragmática e procura resolver as questões por consenso negociado, por acordos. Evita entrar nas questões polêmicas relativas ao aborto, eutanásia, tecnologia e procriação, experimentação com os embriões. Entretanto, a bioética é um ramo da ética e, por definição, deve orientar para a ação. Deve esclarecer e propor caminhos para as opções da sociedade. A bioética que se fundamenta claramente na visão integral de pessoa insiste na busca pessoal de raízes que alicercem respostas fundamentadas na realidade própria da pessoa humana e de seu meio ambiente. Esta é a bioética de inspiração personalista integral que insiste na necessidade de uma objetividade universal que foge do subjetivismo e do relativismo ético.

---

<sup>86</sup> Ver VS, 54-64.

#### II.4.c Discernimento diante da esterilidade conjugal

206. A dificuldade para ter filhos deve ser acolhida com muita solicitude porque freqüentemente traz grande sofrimento ao casal que os deseja. Inclusive, parece digno de elogios que todos os recursos sejam procurados para conseguir o intento quando este não acontece espontaneamente. Entretanto, o filho não é algo devido nem um objeto de propriedade dos pais. Deveria ser sempre acolhido como um *dom* resultante da doação recíproca dos pais e não como um *direito*. São válidos os tratamentos para ser superada a esterilidade que não cheguem à fecundação assistida, que intervém no próprio ato sexual e na intimidade de mútua doação e encontro inter-pessoal que possibilita a geração da vida.

207. “As várias *técnicas de reprodução artificial*, que pareceriam estar a serviço da vida e que, não raro, são praticadas com esta intenção, na realidade abrem a porta a novos atentados contra a vida. Para além do fato de serem moralmente inaceitáveis, porquanto separam a procriação do contexto integralmente humano do ato conjugal, essas técnicas registram altas percentagens de insucesso: este diz respeito não tanto à fecundação como, sobretudo, ao desenvolvimento posterior do embrião... Além disso são produzidos às vezes embriões em número superior ao necessário para a implantação no útero da mulher e esses, chamados ‘embriões excedentes’, são depois suprimidos ou utilizados para pesquisas que, a pretexto de progresso científico ou médico, na realidade reduzem a vida humana a simples ‘material biológico’, de que se pode livremente dispor.”<sup>87</sup> Não cabe à razão aceitar que o fato de gerar uma criança no laboratório, seguido da manipulação para avaliar sua normalidade, envolva na eliminação de tantos outros embriões seja compatível com a dignidade da pessoa humana.

#### II.4.d Discernimento diante da gestação indesejada

208. Sem dúvida, não se pode negar que o aborto clandestino traz maior risco para a mulher, porém o fato de que ele seja praticado, em maior ou menor número, não permite sua admissão como um “mal menor”. O fundamento da democracia é o direito à vida e a igualdade de dignidade entre todos os seres humanos: é sua

---

<sup>87</sup> Cf. *Ibid.*, n.14

condição indispensável, sua razão de ser. É um sistema político que deve se alicerçar nos direitos humanos fundamentais que não são passíveis de discussão ou voto: devem ser assumidos como cláusulas pétreas porque antecedem a própria democracia. Mais ainda, a democracia deve existir *para* esses direitos e deveres fundamentais da pessoa humana, que expressam diferentes aspectos da sua dignidade, do seu ser pessoa. Este fato não pode admitir exceção. Deve atingir qualquer ser humano, onde quer que se encontre e sob qualquer condição, independente do valor que outros lhe confirmam.

209. É preciso o discernimento para perceber que a ameaça à vida em seu início vem sendo apresentada como *legítima expressão da liberdade individual que há de ser reconhecida e protegida como verdadeiro e próprio direito*<sup>88</sup>. O aborto anuncia uma *concepção de liberdade* que exalta o indivíduo que pode se fazer ouvir. Não há como se admitir o aborto “em alguns casos”. Não se pode aceitar a eliminação de uma pessoa inocente em nenhum caso. Esta é uma lei inscrita no coração do homem e descoberta pela luz da razão, independentemente das discussões de caráter científico ou filosófico sobre o exato momento do início da vida. A terminologia ambígua usada ao se referir ao aborto provocado como “interrupção voluntária da gravidez” ou “normalização da menstruação” tendem a esconder a sua real natureza e atenuar sua gravidade perante a opinião pública. No entanto, o que está em questão é sempre a morte direta e intencional de um ser humano.
210. A mulher também se torna vítima do aborto provocado, e ela deve ser sempre acolhida com compreensão, inclusive porque numerosas situações dolorosas podem tê-la levado a esta decisão. Como dizem alguns, “ninguém escolhe o aborto porque gosta”. Esse fato, porém, não pode ser usado para justificar o erro que se pretende legalizar.
211. “É *dever dos cidadãos* colaborar com os poderes civis para o bem da sociedade, num espírito de verdade, de justiça, de solidariedade e de liberdade”. “A submissão às autoridades legítimas e o serviço do bem comum exigem que os cidadãos cumpram seu papel na vida da comunidade política”<sup>89</sup>. No entanto, o cidadão “é obrigado em consciência a não seguir as prescrições das autoridades civis quando

---

<sup>88</sup> Cf. EV,18

<sup>89</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 2239.

estes preceitos são contrários às exigências da ordem moral, aos direitos fundamentais das pessoas ou aos ensinamentos do Evangelho”. “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mt 22,21). “É preciso obedecer antes a Deus que aos homens” (At 5,29)<sup>90</sup>.

212. Os profissionais da saúde têm o dever de acolher a todos. No entanto, têm, também, o direito e o dever de se opor ao aborto, inclusive através da *objeção de consciência* e da *recusa de obediência*. O homem deve ser educado para assumir a sua responsabilidade na gestação de uma nova vida e não abandonar a mulher em sua angústia. Só desta maneira é possível resgatar a família como célula básica do organismo social.
213. É preciso manter a atenção para o discernimento diante de projetos de lei que visam ampliar a legalização do aborto a partir de casos muito raros, mas que mobilizam a opinião pública. Isso é tanto mais necessário numa sociedade que aceita cada vez mais a cultura da qualidade de vida com critérios subjetivos, materialistas e hedonistas, em substituição à sacralidade da vida, e que rejeita o sentido de qualquer sofrimento. Faz-se necessário o esclarecimento da população, da mídia e do poder público e evidenciar claramente o movimento eugenético que vem sendo inadvertidamente assumido quando se concorda em selecionar aqueles que os pais e a sociedade escolherão como merecedores da oportunidade de viver.

#### **II.4.e Discernimento diante da manipulação do embrião**

214. Não se pode negar o início bem determinado de um novo ser humano: este é o momento da grande novidade – a fecundação. Desde a fecundação até a sua morte, os processos vitais acontecem de forma interna, contínua, coordenada e gradual. O zigoto é um sujeito individual da espécie humana com possibilidade de desenvolvimento. Sendo **um bem em si**, deve ser respeitado no plano ético e protegido no plano jurídico, qualquer que tenha sido a sua origem. Esta evidência até hoje permanece consolidada nos livros textos de Embriologia, professados nas escolas médicas e em trabalhos de Biologia do Desenvolvimento. Cada vez mais se verifica que o destino biológico do ser humano está traçado desde o primeiro dia, desde a concepção. A expressão “pré-embrião” não é adequada, causa confusão e é usada para conquistar uma liberdade de manipulação que não se justifica.

---

<sup>90</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 2242.

215. A avaliação moral do aborto provocado deve aplicar-se também às diferentes formas de intervenção sobre os embriões humanos, mesmo quando, aparentemente, visam um bem, como a pesquisa para cura de doenças. “O embrião humano não é somente vida humana potencialmente pessoa, mas já é uma pessoa atual em seu ser, no sentido essencial e substancial do termo pessoa, ainda que não apresente um funcionamento consciente, reflexivo e interativo-comunicativo, depositário de interioridade e com capacidade de expressar-se corporalmente. (...) Portanto, sua natureza humana é um bem que a razão reconhece e a fé afirma como dom de amor proveniente de um Deus Pai”<sup>91</sup>.

#### II.4.f Discernimento diante da vida afetivo-sexual

216. É preciso superar o reducionismo biológico e psicológico para captar a pessoa humana em toda a sua dignidade, na sua essência. Corporeidade e espiritualidade unidas, a pessoa manifesta a possibilidade e a necessidade que lhe é própria de se doar, de se relacionar com o *tu*, o que faz surgir o *nós*, incluindo a relação com o *Tu* transcendente. Diante da cultura comprovadamente subjetivista, onde se diz que cada um toma as decisões conforme a sua própria consciência, definindo a sua verdade e determinando o seu próprio bem, o campo afetivo-sexual se apresenta como um desafio, na aparente impossibilidade de qualquer definição quanto ao *certo* e ao *errado*.

217. Em particular, destacando a convivência homem-mulher numa conjugação de vidas, constatamos que ela não é uma simples convivência afetiva subordinada a um impulso natural. O homem e a mulher são chamados a ultrapassar a busca apenas de sua própria satisfação, para chegar a um encontro inter-pessoal, onde se busca o bem do outro. O corpo, de fato, é constitutivo do ser de cada um, e revela a própria pessoa, além de ser condição indispensável e caminho para que cada um realize o projeto de sua existência. Renovando a descoberta do sentido profundo do próprio corpo como revelador da pessoa integral, é possível viver em plenitude a beleza da vida afetivo-sexual.

218. O relacionamento afetivo-sexual **humano** é um caminho para a superação do individualismo e da busca exclusiva pelo próprio prazer. A partir do amor atração (*Eros*), o casal é chamado a crescer no amor companheiro ou amizade (*Philia*) até

---

<sup>91</sup> LAGO, Elena *Bioética personalista* Ed. Patris Argentina, 2006, pg 121.

chegar ao amor oblato (*Ágape*), e, assim, se dispor ao desafio de uma construção em que cada um descobre a si mesmo e auxilia o outro na descoberta de sua identidade pessoal. Pode-se contemplar, então, uma verdadeira escola de amor, onde se reconhecem os passos para uma maturidade progressiva.

219. “A castidade significa a integração correta da sexualidade na pessoa”. “A sexualidade, na qual se exprime a pertença do ser humano ao mundo corporal e biológico, torna-se pessoal e verdadeiramente humana quando é integrada na relação de pessoa a pessoa, na doação mútua integral e temporalmente ilimitada do homem e da mulher”<sup>92</sup>.
220. “Todo batizado é chamado à castidade. O cristão ‘se vestiu de Cristo’ (cf. Gl 3,27), modelo de toda castidade”<sup>93</sup>. Note-se, porém, que castidade não é sinônimo de virgindade. Já ensinava Santo Ambrósio: “Existem três formas da virtude da castidade: a primeira, dos esposos; a segunda, da viuvez; a terceira, da virgindade. Nós não louvamos uma delas excluindo as outras. Nisso a disciplina da Igreja é rica”<sup>94</sup>.
221. É condição necessária para tal projeto existencial, a disposição sincera para o compromisso permanente e a fidelidade. Assumidas estas condições, a castidade se torna uma via de desenvolvimento e de atenção à felicidade do outro. A superação da fragilidade do simples impulso físico, do sentimentalismo, da vontade de fazer valer os próprios desejos, do excesso de sensibilidade, é o terreno firme para a superação da posse do outro como *um bem para si*, um bem egoísta a ser usado porque “*é meu*”. Este é o terreno fértil para formação de pessoas que realmente respeitem a vida e a dignidade humana em sua realidade existencial.

#### **II.4.g Discernimento diante da pobreza**

222. A pobreza é uma das grandes ameaças à vida em nosso país. A exclusão social que priva as pessoas das condições materiais para terem uma vida digna é totalmente contrária à mensagem cristã.

---

<sup>92</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 2337.

<sup>93</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 2348.

<sup>94</sup> Santo Ambrósio, *De Viduis* 23; PL 225A. Apud *Catecismo da Igreja Católica*, 2349.



223. A contracepção e o aborto não podem ser considerados soluções para os problemas decorrentes da pobreza. Na verdade, se alguém opta por não ter um filho em função das dificuldades materiais, isso não é uma solução para seu problema, porém mais uma privação pela qual essa pessoa estará sofrendo. A educação para uma sadia paternidade e maternidade responsáveis, com condições adequadas de acompanhamento e dentro de uma sociedade justa e fraterna, ajudará o casal a dimensionar livremente sua família, respeitando e aceitando o desígnio de Deus para eles e garantindo as condições para o desenvolvimento de seus filhos.
224. Nessa perspectiva, a luta pela defesa da vida implica na luta:
- contra tudo aquilo que em nossa sociedade gera exclusão e marginalização social;
  - por melhores condições de saúde e educação;
  - em favor de uma paternidade e uma maternidade responsáveis sadias e conformes à dignidade da pessoa humana.

#### **II.4.h Discernimento diante da violência**

225. Uma grave causa da violência nas grandes cidades é a não-acolhida da pessoa, quer do ponto de vista material e econômico, quer do ponto de vista afetivo e psicológico. Não se sentindo acolhida, não raro a pessoa responde de modo violento à sociedade que não a acolhe.
226. Se a pessoa encontra um contexto familiar e social no qual se sente acolhida e valorizada, consegue enfrentar grandes dificuldades, sem assumir uma postura violenta. Por outro lado, pessoas de bom nível sócio-econômico, mas que vêm de situações familiares ou de contextos sociais em que não fizeram a experiência de serem acolhidas, podem assumir posturas violentas.
227. Por isso, a luta contra a violência e pela defesa da vida não deve se basear no uso da força, mesmo que ela seja necessária em alguns momentos extremos, mas sim na criação de espaços e comportamentos de acolhida para todos.

#### **II.4.i Discernimento diante do sofrimento**

228. Discernir diante do sofrimento é descobrir seu valor e seu sentido, e como pode ajudar alguém a realizar plenamente sua humanidade. A vida só é plena quando vivida como oferta de si ao outro, em sua dimensão de amor – ágape. Da mesma

forma o sofrimento. Ele não tem sentido em si mesmo e, quando podemos evitá-lo, devemos fazê-lo. Só é possível encontrar sentido no sofrimento – aquele que não podemos evitar – se somos capazes de vivê-lo “por algo” ou “por alguém”. Ou seja, quando o descobrimos e assumimos em sua dimensão sacrificial. Aqui nos deparamos com uma realidade profunda, que nos aproxima do mistério da cruz, e que pode dotar de sentido pleno a vida humana, inclusive em seus momentos mais dolorosos.

229. É fundamental ter presente que, da mesma forma que a própria vida humana, o sofrimento e a dor podem abranger diversas dimensões: física, psíquica, social e espiritual. João Paulo II, em sua carta apostólica *Salvifici doloris*, sobre o sentido cristão do sofrimento humano, nos remete à reflexão sobre o valor salvífico do sofrimento. O Papa reconhece que é muito difícil encontrar uma resposta adequada e convincente sobre o “porquê” do sofrimento. Ele é, em primeiro lugar, um mistério, e sempre são insuficientes nossas explicações a seu respeito. Para abordá-lo de maneira adequada, diz João Paulo II, nossa atenção deve voltar-se para a revelação do amor de Deus. “Cristo introduz-nos no mistério e ajuda-nos a descobrir o « porquê » do sofrimento, na medida em que nós formos capazes de compreender a sublimidade do amor divino”<sup>95</sup>.
230. Portanto, somente o acolhimento da Palavra de Deus revelada pode oferecer-nos uma resposta satisfatória, já que ela é a única capaz de iluminar plenamente essa realidade do sofrimento tão presente em nossa vida. “O Amor é ainda a fonte mais plena para a resposta à pergunta acerca do sentido do sofrimento. Esta resposta foi dada por Deus ao homem na Cruz de Jesus Cristo”<sup>96</sup>.
231. Na sua vida pública, Cristo mostrou-se sempre próximo e solidário a cada pessoa que sofre. “Curava os doentes, consolava os aflitos, dava de comer aos famintos, libertava os homens da surdez, da cegueira, da lepra, do demônio e de diversas deficiências físicas; por três vezes, restituiu mesmo a vida aos mortos. Era sensível a toda a espécie de sofrimento humano, tanto do corpo como da alma. Ao mesmo tempo ensinava; e no centro do seu ensino propôs *as oito bem-aventuranças*, que são dirigidas aos homens provados por diversos sofrimentos na vida temporal. Estes são

---

<sup>95</sup> JOÃO PAULO II. *Salvifici doloris*, SD, 13.

<sup>96</sup> Idem.

os ‘pobres em espírito’, ‘os aflitos’, ‘os que têm fome e sede de justiça’, ‘os perseguidos por causa da justiça’...”<sup>97</sup>.

232. Ao mesmo tempo, Cristo sofreu, ele mesmo, todo tipo de contrariedade e adversidade, até o momento crucial de sua subida à Jerusalém, onde seria condenado, flagelado e crucificado. E foi através de seu sofrimento assumido por amor, por meio da cruz, que venceu o mal e o pecado que assolavam a vida de toda a humanidade e de toda a história humana. Cristo fez a oblação de si mesmo por amor. Ofereceu sua vida em sacrifício pela nossa salvação. “Realizando a Redenção mediante o sofrimento, Cristo *elevou* ao mesmo tempo o *sofrimento humano ao nível de Redenção*”<sup>98</sup>. E dessa forma podemos unir nosso sofrimento ao de Cristo, e participar, de algum modo – como dizia São Paulo (cf. Cl 1,24) – no mistério da redenção. Em Cristo, nenhum sofrimento fica destituído de sentido.
233. Se buscamos sentido para o nosso próprio sofrimento, qual não deve ser nossa atitude para com aquele que sofre! João Paulo II coloca a parábola do bom samaritano como modelo dessa atitude de “compaixão” frente ao sofridor, diante do qual não nos é lícito “passar adiante”. “Quem se fez próximo daquele homem?”, perguntou Jesus aos doutores da lei (cf. Lc 10,36). *Bom Samaritano é todo aquele que se detém junto ao sofrimento de um outro ser humano, seja qual for o seu sofrimento*<sup>99</sup>. Compadecer-se, neste caso, significa disponibilidade interior.
234. Comover-nos diante do irmão que sofre é uma atitude perfeitamente humana e cristã; mas tal compaixão deve nos impelir a atos concretos. “Bom Samaritano, portanto, é, afinal, todo *aquele que presta ajuda no sofrimento*, seja qual for a sua espécie; uma ajuda, quanto possível, eficaz”<sup>100</sup>. E aqui retoma-se o sentido sacrificial do sofrimento, pois o Bom Samaritano não poupou esforços e deu de si mesmo ao outro; mais ainda, deu-se ao outro. Como diz João Paulo II: “Tocamos aqui um dos pontos-chave de toda a antropologia cristã. O homem não pode encontrar a sua própria plenitude a não ser no dom sincero de si mesmo”<sup>101</sup>.

---

<sup>97</sup> SD, 16.

<sup>98</sup> SD, 19.

<sup>99</sup> Cf. SD, 28.

<sup>100</sup> Ídem.

<sup>101</sup> Ibidem.

235. Se em nosso mundo está tão presente o sofrimento, sob todas as formas possíveis, quanto mais não deve estar presente o amor, o acolhimento àquele que sofre. “O mundo do sofrimento humano almeja sem cessar, por assim dizer, outro mundo diverso: o mundo do amor humano”<sup>102</sup>. O amor – ágape é o amor totalmente desinteressado, capaz de sacrificar-se pelo outro, e só neste sentido se pode falar de solidariedade e amor fraterno. A parábola do bom samaritano “em si mesma, exprime *uma verdade profundamente cristã* e, ao mesmo tempo, muitíssimo humana universalmente”<sup>103</sup>. De fato, à medida que nos tornamos seguidores de Jesus Cristo e com Ele nos parecemos, mais humanos nos tornamos. Nossa cristianização é a medida de nossa humanização.
236. “São Paulo fala dos diversos sofrimentos e, em particular, daqueles em que os primeiros cristãos se tornavam participantes «por causa de Jesus»”. Estes sofrimentos lhes permitem “participar na obra da Redenção, realizada mediante os sofrimentos e a morte do Redentor. *A eloqüência da Cruz e da morte*, no entanto, é completada com *a eloqüência da Ressurreição*”. Na Ressurreição, o ser humano encontra “uma luz completamente nova, que o ajuda a abrir caminho através das trevas cerradas das humilhações, das dúvidas, do desespero e da perseguição”. “O mistério da paixão está contido no mistério pascal. As testemunhas da paixão de Cristo são, ao mesmo tempo, testemunhas da sua Ressurreição”<sup>104</sup>.
237. A Ressurreição, por sua vez, revelou a glória definitiva, “que na Cruz de Cristo era completamente ofuscada pela imensidão do sofrimento”. “Aqueles que participam nos sofrimentos de Cristo, estão também chamados, mediante os seus próprios sofrimentos, para tomar parte *na glória*”<sup>105</sup>. São Paulo exprime esta idéia em diversas passagens. Aos Romanos, escreve: “E, se somos filhos, somos também herdeiros: herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, se, de fato, sofremos com ele, para sermos também glorificados com ele. Eu penso que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que há de ser revelada em nós” (Rm 8,17-18).

---

<sup>102</sup> SD, 29.

<sup>103</sup> Ídem.

<sup>104</sup> Cf. SD, 20-21.

<sup>105</sup> Cf. SD, 22.

## II.4.j Discernimento diante da morte

238. Ao longo da história, a morte sempre foi para todos os povos algo inevitável, fascinante e, ao mesmo tempo, indecifrável e ameaçador. A maneira de encará-la influenciou e segue influenciando o comportamento e os valores de cada civilização. O medo de morrer é natural, instintivo diante do desconhecido, da dor, da imobilização, do temor ao “nada” existencial. A negação da morte, por outro lado, é algo cultural, rejeição da realidade da vida, rejeição aos próprios limites. Esta negação se manifesta de diferentes formas nos dias de hoje, em nossa sociedade que valoriza a força, o prazer, a beleza da juventude, a vitalidade e a produtividade, enquanto a morte representa o sofrimento, a imobilidade, a impotência, o fracasso da ciência.

239. “*A morte é o termo da vida terrestre*. Nossas vidas são medidas pelo tempo, ao longo do qual passamos por mudanças, envelhecemos e, como acontece com todos os seres vivos da terra, a morte aparece como o fim normal da vida. Este aspecto da morte marca nossas vidas com um caráter de urgência: a lembrança de nossa mortalidade serve também para recordar-nos de que temos um tempo limitado para realizar nossa vida”<sup>106</sup>. Por outro lado, *a morte é transformada por Cristo*. “Jesus, o Filho de Deus, sofreu também Ele a morte, própria da condição humana”. “A obediência de Jesus transformou a maldição da morte em bênção”<sup>107</sup>. Graças a Ele, a morte cristã tem um sentido positivo: “Para mim, viver é Cristo, e morrer é lucro” (Fl 1,21).

240. Essa visão é expressa de forma admirável na Liturgia da Igreja: “Senhor, para os que crêem em vós, a vida não é tirada, mas transformada. E, desfeito nosso corpo mortal, nos é dado, nos céus, um corpo imperecível”<sup>108</sup>. Por isso, o fiel pode exclamar, com São Paulo: “Quem nos separará do amor de Cristo? Tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo, espada?” “Mas, em tudo isso, somos mais que vencedores, graças àquele que nos amou. Tenho certeza de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potências, nem a altura, nem a profundidade, nem outra criatura qualquer será

---

<sup>106</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 1007.

<sup>107</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 1010; cf. Rm 5,19-21.

<sup>108</sup> Missal Romano, *Prefácio dos Defuntos* I.

capaz de nos separar do amor de Deus, que está no Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8,35-39).

241. **A morte é o grande momento da vida**, seja para aquele que a experimenta, seja para quem está junto dele. É uma grande mestra que pode ensinar como viver intensamente cada instante diante da fragilidade pessoal, da vivência da própria finitude e, sobretudo, para conquistar a humildade. Pode-se afirmar que cada pessoa tem o *direito de viver a própria morte*, quando ela se apresenta como inevitável, como oportunidade única e definitiva de tomar consciência do “si mesmo”. Isto é totalmente diferente de *determinar* a própria morte: é assumir o *morrer*.
242. A vivência da morte é a oportunidade pessoal e intransferível de descoberta definitiva do valor da vida e de seu sentido último, cuja busca é própria da pessoa humana. No mundo descrito pela ciência, está ausente a indagação sobre o sentido último da existência humana. Isso não significa que este sentido não exista. Significa, sim, que a ciência não tem condições de atingi-lo, o que não lhe dá condições de negá-lo. Afinal de contas, a vivência pessoal da morte não pode ser analisada: ela acontece no mais íntimo da pessoa, portanto num plano radicalmente diferente daquele da lógica científica<sup>109</sup>.
243. “Mesmo quando a morte é considerada iminente, os cuidados comumente devidos a uma pessoa doente não podem ser legitimamente interrompidos”<sup>110</sup>. Sem esses recursos ordinários, a morte é antecipada ou induzida propositalmente. São cuidados ordinários, obrigatórios a qualquer paciente, inclusive os terminais, as cotas básicas de nutrientes, eletrólitos e água indispensáveis à manutenção da vida.
244. “O emprego de analgésicos para aliviar os sofrimentos do moribundo, ainda que com o risco de abreviar seus dias, pode ser moralmente conforme à dignidade humana, se a morte não é desejada, nem como fim, nem como meio, mas somente prevista e tolerada como inevitável. Os cuidados paliativos constituem uma forma privilegiada de caridade desinteressada. Por esta razão devem ser encorajados”<sup>111</sup>.

---

<sup>109</sup> FRANKL, V.E. *El hombre en busca del sentido último – El análisis existencial y la conciencia espiritual del ser humano* Ed. Paidós Espanha 1999, pg. 49 a 53.

<sup>110</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 2279.

<sup>111</sup> *Ibidem*.

245. É preciso que se possibilite a cada paciente o conforto de sua própria fé. O cristão é chamado a viver este momento em intimidade com Cristo e na certeza do Amor infinito de Deus. O profissional da saúde, quando fortificado na mesma fé, reconhece no paciente o próprio Cristo, estabelecendo com ele uma verdadeira aliança de amor. Cada paciente tem direito, então, a uma atenção individualizada, que considere sua realidade pessoal integral corporal, psicológica, social e espiritual.
246. “A interrupção de procedimentos médicos onerosos, perigosos, extraordinários ou desproporcionais aos resultados esperados pode ser legítima. É a rejeição da ‘obstinação terapêutica’. Não se quer dessa maneira provocar a morte; aceita-se não poder impedi-la. As decisões devem ser tomadas pelo paciente, se tiver a competência e a capacidade para isso; caso contrário, pelos que têm direitos legais, respeitando sempre a vontade razoável e os interesses legítimos do paciente”<sup>112</sup>.
247. A questão econômica e nenhum outro motivo podem determinar a decisão pela *eutanásia disfarçada* ou explícita como, também, não pode ser o fator determinante para a utilização de recursos extraordinários que acabem se identificando com a *obstinação terapêutica* ou *tratamento fútil*. Junto com a excelência técnica, deve-se ter como referência o valor humano mais alto do amor, da solidariedade, da compaixão – estar junto ao sofredor, superando os princípios de base pragmática e utilitarista. Apenas a eficiência profissional integrada ao claro valor da vida e da dignidade da pessoa humana poderá impedir o apressar da morte e, também, impedirão o prolongamento do sofrimento através de medidas ineficazes, sem retirar em qualquer instante os cuidados paliativos a que todos têm direito. Estes são os princípios para uma morte humanamente vivida, sem sofrimentos provocados e assumida até o seu fim natural: a **ortotanásia**.

#### II.4.k Conclusão

248. A escolha de critérios é suma importância para que a análise de uma determinada questão tenha fundamentos sólidos e possa, de fato, conduzir à superação de problemas. A Igreja apresenta como critérios para analisar os problemas relacionados à defesa da vida o Evangelho e a sua doutrina bi-milenar, além de sua história de esforço contínuo para que a vida aconteça sempre mais de acordo com o plano de Deus. Se deixarmos de lado esses critérios, além de cairmos na

---

<sup>112</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 2278.

superficialidade, corremos o risco de nos tornarmos uma instituição filantrópica em nada diferente das demais. De fato, “só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do ser humano”<sup>113</sup>.

---

<sup>113</sup> GS, 22.



---

## III Agir em defesa da vida

---

249. Quando pensamos em ações em defesa da vida, é importante que nos livremos de qualquer redução moralista do tema, olhando-o em sua globalidade e a partir da experiência de nosso pertencer a Cristo. “Quando cresce no cristão a consciência de pertencer a Cristo, em razão da gratuidade e alegria que produz, cresce também o ímpeto de comunicar a todos o dom desse encontro. A missão não se limita a um programa ou projeto, mas em compartilhar a experiência do acontecimento do encontro com Cristo, testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa a pessoa, de comunidade a comunidade e da Igreja a todos os confins do mundo (cf. At 1,8)”<sup>114</sup>.
250. O Documento de Aparecida nos convida firmemente a vivermos a caridade numa postura de serviço e de transformação da sociedade: “De nossa fé em Cristo nasce também a solidariedade como atitude permanente de encontro, irmandade e serviço. Ela há de se manifestar em opções e gestos visíveis, principalmente na defesa da vida e dos direitos dos mais vulneráveis e excluídos, e no permanente acompanhamento em seus esforços por serem sujeitos de mudança e de transformação de sua situação”<sup>115</sup>.
251. Além disso, nos apresenta a promoção humana como um processo integral, que considera a pessoa em todas as suas dimensões<sup>116</sup>: “Entendemos, além disso, que a verdadeira promoção humana não pode se reduzir a aspectos particulares: ‘Deve ser integral, isto é, promover a todos os homens e a todo homem’<sup>117</sup>, a partir da vida nova em Cristo que transforma a pessoa de tal maneira que ‘a faz sujeito de seu próprio desenvolvimento’<sup>118</sup>. Para a Igreja, o serviço da caridade, assim como o anúncio da Palavra e a celebração dos sacramentos, ‘é expressão irrenunciável da própria essência’<sup>119</sup>”. Nessa perspectiva, vejamos quais ações podem ser desenvolvidas em defesa da vida humana, numa visão integral de pessoa.

---

<sup>114</sup> DAp, 145.

<sup>115</sup> DAp, 394.

<sup>116</sup> DAp, 399.

<sup>117</sup> GS, 76.

<sup>118</sup> PP, 15

<sup>119</sup> DCE, 25

### **III.1 A EXIGÊNCIA DA CARIDADE: UMA POSTURA DE ACOLHIDA E DE DISCERNIMENTO DIANTE DAS AMEAÇAS À VIDA**

252. Diante das muitas ameaças à vida humana em nossa sociedade, o primeiro chamado que recebemos é o de acolher gratuitamente o outro, cientes de que esse é o grande mandamento que Cristo nos deixou. Diz o Documento de Aparecida<sup>120</sup>: “Iluminados pelo Cristo, o sofrimento, a injustiça e a cruz nos desafiam a viver como Igreja samaritana (cf. Lc 10,25-37), recordando que ‘a evangelização vai unida sempre à promoção humana e à autêntica libertação cristã’<sup>121</sup>”.
253. E mais: “A missão do anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo tem uma destinação universal. Seu mandado de caridade alcança todas as dimensões da existência, todas as pessoas, todos os ambientes da convivência e todos os povos. Nada do humano pode lhe parecer estranho. A Igreja sabe, por revelação de Deus e pela experiência humana da fé, que Jesus Cristo é a resposta total, superabundante e satisfatória às perguntas humanas sobre a verdade, o sentido da vida e da realidade, a felicidade, a justiça e a beleza. São as inquietudes que estão arraigadas no coração de toda pessoa e que pulsam no mais profundo da cultura dos povos. Por isso, todo sinal autêntico de verdade, bem e beleza na aventura humana vem de Deus e clama por Deus”<sup>122</sup>.
254. Viver essa postura de caridade e acolhida, particularmente no contexto das complexas ameaças à vida em nossa sociedade, implica criarmos as condições para um correto discernimento sobre qual é a cultura da vida, pois muitas vezes o que nos é apresentado como caminho da vida conduz verdadeiramente à morte. Assim, as ações que brotam da caridade e necessárias para um justo discernimento são aquelas que nos permitem “escolher a vida”.

#### **III.1.a Desenvolver a espiritualidade da vida**

255. Para que a cultura da vida possa ser promovida de modo autêntico, vivo e vibrante, cabe a cada um de nós buscar um relacionamento mais íntimo com o Deus da Vida, viver uma espiritualidade fundada na oração, nos sacramentos e na vida

---

<sup>120</sup> DAp, 27.

<sup>121</sup> DI, 3.

<sup>122</sup> DAp, 380.

fraterna, a partir do que nos foi revelado pela Sagrada Escritura e do que nos foi comunicado pela Tradição da Igreja nestes mais de vinte séculos de existência. Desenvolver a espiritualidade da vida é crescer na fé, que se manifesta no amor a Deus e aos irmãos, respeitando a sacralidade de cada pessoa, imagem e semelhança de Deus e habitação da Trindade.

256. No espírito do Documento de Aparecida, o testemunho é uma componente chave na vivência da fé, capaz de atrair e mobilizar outras pessoas e segmentos da sociedade num mesmo compromisso em favor da cultura da vida. Para isso, é necessário desenvolver a capacidade de extasiar-se diante da Criação, acolhendo-a como dom de Deus que se renova e se atualiza de maneira especial em cada ser humano que nasce, cresce ou chega ao entardecer da vida.

### **III.2 CONSCIENTIZAR E AGIR PARA DESENVOLVER A VIDA**

257. “Tem-se de começar por *renovar a cultura da vida no seio das próprias comunidades cristãs*. Muitas vezes os crentes, mesmo até os que participam ativamente na vida eclesial, caem numa espécie de dissociação entre a fé cristã e as suas exigências éticas a propósito da vida, chegando assim ao subjetivismo moral e a certos comportamentos inaceitáveis. Devemos, pois, interrogar-nos, com grande lucidez e coragem, acerca da cultura da vida que reina hoje entre os indivíduos cristãos, as famílias, os grupos e as comunidades das nossas Dioceses. Com igual clareza e decisão, teremos de individuar os passos que somos chamados a dar para servir a vida na plenitude da sua verdade. Ao mesmo tempo, devemos promover um confronto sério e profundo com todos, inclusive com os não crentes, sobre os problemas fundamentais da vida humana, tanto nos lugares da elaboração do pensamento, como nos diversos âmbitos profissionais e nas situações onde se desenrola diariamente a existência de cada um”<sup>123</sup>.

258. “Assistimos hoje a novos desafios que nos pedem ser voz dos que não têm voz. A criança que está crescendo no seio materno e as pessoas que se encontram no ocaso de suas vidas são um apelo de vida digna que grita aos céus e que não pode

---

<sup>123</sup> EV, 95.

deixar de estremecer-nos”<sup>124</sup>. Diante da banalização da vida e de tantas formas de atentado contra a dignidade humana, somos chamados a nos preparar de todas as formas para agir em defesa da vida humana desde a fecundação até sua morte natural.

259. Uma das características mais marcantes da nossa época é o subjetivismo que, a cada dia, avança também no campo da ética e da moral. É de suma importância, portanto, assumir a tarefa da formação da consciência moral, que se baseia em valores objetivos, absolutos e universais. “No fundo da própria consciência, o homem descobre uma lei que não se impôs a si mesmo, mas à qual deve obedecer; essa voz, que sempre o está a chamar ao amor do bem e fuga do mal, soa no momento oportuno, na intimidade do seu coração: faze isto, evita aquilo. O homem tem no coração uma lei escrita pelo próprio Deus; a sua dignidade está em obedecer-lhe, e por ela é que será julgado. A consciência é o núcleo mais secreto e o sacrário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser”<sup>125</sup>.

260. Assim, todo o trabalho de conscientização e ação em defesa da vida humana deve ser pautado por uma antropologia que não reduza a pessoa a aspectos meramente biológicos, psicológicos ou sociais, mas que contemple aquela dimensão especificamente humana que caracteriza a pessoa como um ser-que-decide e como um ser responsável.

### **III.2.a Conscientizar através de uma educação afetivo-sexual integral**

261. Ultrapassando o reducionismo de uma educação afetivo-sexual orientada unicamente para a prevenção de doenças e da gravidez indesejada, faz-se urgente, em todas as etapas da vida, em especial na fase da adolescência, uma educação orientada aos seguintes aspectos:

- promoção do exercício livre e responsável da sexualidade visando o amadurecimento da pessoa;
- descoberta gradativa e consciente da própria sexualidade, como riqueza a ser explorada no processo do conhecimento de si e do outro;

---

<sup>124</sup> Dap, 467.

<sup>125</sup> GS, 16.

- compreensão da sexualidade como sinal da capacidade de comunicação e comunhão entre as pessoas.

262. Podem ser realizadas atividades tais como:

- Promover cursos de educação afetivo-sexual para pais, priorizando os aspectos formativos sobre os informativos e valorizando o testemunho de vida com sua imensa capacidade formadora para a criança e o adolescente.
- Desenvolver nas escolas, especialmente as católicas, uma educação afetivo-sexual que leve em conta a integralidade da pessoa e as diversas fases de sua maturação pessoal, capacitando de forma permanente os docentes.
- Produzir e distribuir materiais (cartilhas, manuais, audiovisuais) que forneçam subsídios consistentes para pais, educadores e demais profissionais que atuam na formação de crianças e adolescentes, especialmente das áreas de saúde e da educação.
- Incluir o tema da educação afetivo-sexual nos programas de formação para a catequese, crisma e pastoral da juventude, oferecendo aos adolescentes e jovens uma autêntica educação para o amor, a qual requer a formação para a castidade e o respeito pelo significado esponsal do corpo.
- Reformular os cursos de noivos para que contemplem de forma mais ampla e aprofundada o sentido do matrimônio e da sexualidade humana.
- Valorizar o papel singular da mulher na família e na sociedade, aprofundando a reflexão sobre o ser feminino em complementaridade com o ser masculino, ressaltando seu protagonismo no acolhimento e promoção da vida, bem como trabalhando pela superação de toda forma de discriminação, violência e exploração.
- Implantar e fortalecer, nos hospitais, clínicas e postos de saúde, programas de orientação e prevenção sexual que garantam um atendimento individualizado de modo que favoreçam o acompanhamento da pessoa, especialmente do adolescente, na sua circunstância pessoal e social, além de incluir trabalhos em grupo.

### **III.2.b Conscientizar para o valor da família**

263. É no seio da família que o ser humano aprende a ser “verdadeiramente humano”.

A experiência do perdão, da partilha, da correção, das alegrias e tristezas vividas em

família forma o ambiente privilegiado e insubstituível para desenvolver a cultura da vida. Assim, a vinda de um novo ser, embora muitas vezes não sem dificuldades, encontra na família a acolhida esperada para seu bom desenvolvimento.

264. Também é no ambiente familiar que se encontram as melhores condições para acolher tanto o idoso como a pessoa doente. Deparar-se com o sofrimento e com a limitação é sempre tarefa exigente, tanto para quem passa pela dor como para quem está ao lado. A doença e a velhice podem muitas vezes “desfigurar” o ser humano, esconder sob uma limitação a face saudável da pessoa que aí vive. Uma família apoiada para viver tal situação certamente descobrirá o sentido do sofrimento, que vai torná-la ainda mais presença renovadora no mundo.

265. A CF quer valorizar o imenso potencial de acolhimento da família, propondo:

- Apoiar e fortalecer a família na sua missão de educar os filhos nos autênticos valores humanos e cristãos, bem como de desenvolver atitudes de solidariedade, assistência e partilha com doentes e idosos no âmbito familiar.
- Incentivar a criação de centros que ofereçam aos casais programas de formação em paternidade e maternidade responsáveis e sobre o uso dos métodos naturais de controle da natalidade “como pedagogia exigente de vida e amor”<sup>126</sup>.
- Promover uma pastoral familiar capaz de ajudar cada família a redescobrir sua missão, e acompanhá-la nas dificuldades que interferem na realização da mesma.
- Assegurar que se organizem, seja nos hospitais e clínicas, seja nos asilos e domicílios, serviços de cuidados paliativos com profissionais que tratem com dignidade os doentes terminais até sua morte natural e sejam um apoio para seus familiares.
- Promover a formação de leigos competentes e animá-los a organizarem-se para defender a vida e a família contra todos os ataques a que estão expostas, incentivando-os a participar em organismos de decisão, nacionais e internacionais.

---

<sup>126</sup> EV, 97.

### **III.2.c Incentivar a reflexão nos ambientes acadêmicos, científicos e técnicos**

266. O avanço científico e tecnológico contribui grandemente para a melhoria da qualidade de vida das pessoas e para a compreensão da natureza. Porém, para não perder sua razão de ser, a ciência precisa da ética que, voltada para o bem, irá pautar as pesquisas científicas sem o perigo de violar a dignidade da pessoa humana e a lei da natureza.

267. Para tanto, sugerimos algumas ações:

- Promover fóruns, seminários e congressos que estudem e analisem temas concretos da atualidade acerca da vida humana, especialmente no que se refere à inviolabilidade do direito à vida desde a concepção até a morte natural.
- Apoiar as instituições católicas, locais onde se fomentam o espírito e a prática cristã, a fim de que sejam ambientes propícios para o estudo, a reflexão e a realização de ações para o desenvolvimento da cultura da vida, bem como para a tomada de posições públicas ante as questões tratadas pela CF.
- Incentivar as universidades e os centros de investigação a promoverem cursos de pós-graduação em Bioética Personalista, tão raros hoje no Brasil.
- Incentivar a formação e o fortalecimento das comissões de ética médica e de enfermagem pautadas no modelo da Bioética Personalista, a fim de ajudar no discernimento das situações diárias vividas pelos profissionais da saúde.
- Incentivar a elaboração de teses e pesquisas científicas em todos os campos do conhecimento voltadas às grandes temáticas da Bioética.
- Introduzir nos cursos superiores das áreas de humanas, biomédicas e de bioengenharia a Bioética como componente curricular.
- Capacitar profissionais, especialmente das áreas de Saúde, Educação e Direito, no que diz respeito à formação da consciência, a fim de ocuparem espaços na sociedade e promoverem articulações e parcerias para a realização da tarefa de promover e defender a vida.

### **III.2.d Atuar junto aos meios de comunicação social**

268. As grandes questões nacionais passam pelos meios de comunicação que, a princípio, devem fornecer as informações de forma objetiva e isenta de partidarismo ideológico, sobre os assuntos que veicula, a fim de que o público forme a sua própria opinião. Sabemos, no entanto, que nem sempre é assim. É fundamental, pois, que se tenha um espírito crítico frente aos noticiários, como também aos programas de entretenimento e educação.

269. Quantas vezes aqueles que defendem a vida ficam inertes frente ao direito e ao dever de expressar as próprias convicções! Há um espaço na mídia a ser preenchido pelos promotores da vida – espaço garantido pela democracia – a fim de contribuir com a formação de opinião sobre os assuntos polêmicos em pauta.

270. Uma postura pró-ativa frente aos meios de comunicação pode resultar em diferentes ações, entre as quais:

- Buscar outras fontes que complementem e confrontem as informações recebidas pela mídia, para se ter uma visão mais crítica e imparcial das mesmas.
- Atuar junto aos meios de comunicação, através do envio de artigos, cartas, participação em debates e entrevistas, para o que se faz necessário um preparo técnico adequado.
- Sugerir pautas aos jornais através do relacionamento com assessores de imprensa e agentes da pastoral da comunicação, buscando o envolvimento dos mesmos na causa da defesa da vida humana.
- Criar espaços na Internet para discutir os assuntos levantados pela CF, a fim de atingir principalmente os jovens.
- Produzir filmes, peças publicitárias, programas de rádio e músicas que ajudem a compor e fortalecer a mentalidade em favor da vida.

### **III.3 AÇÕES (DA COMUNIDADE) PARA DEFENDER A VIDA**

271. Diante da realidade de ameaças à vida, nossas comunidades são chamadas a viver um verdadeiro protagonismo em sua defesa, através de uma série de atividades



muitas vezes simples, mas de grande alcance humano, impacto social e valor evangélico.

### **III.3.a Acolher a gestante em dificuldade e seu filho**

272. A defesa da vida implica mobilizar-se principalmente para acolher e buscar soluções para as diversas situações que colocam em risco iminente a vida humana, e que se apresentam como verdadeiros desafios a serem enfrentados com a prontidão e a urgência que a caridade exige.

273. Algumas ações são primordiais para a mudança desta situação:

- Acompanhar as associações femininas que lutam para superar situações difíceis, de vulnerabilidade ou de exclusão.
- Promover o diálogo com autoridade para a elaboração de programas, leis e políticas públicas que permitam harmonizar a vida de trabalho da mulher com seus deveres de mãe de família.
- Apoiar e acompanhar pastoralmente e com especial ternura e solidariedade às mulheres que decidiram não abortar, e acolher com misericórdia àquelas que abortaram, para ajudá-las a curar suas graves feridas e convidá-las a serem defensoras da vida.<sup>127</sup>
- Organizar casas de acolhida – centros de referência em todas as regiões do Brasil – com acompanhamento específico para socorrer e atender, com compaixão e solidariedade, as gestantes com risco de provocar um aborto.
- Impulsionar centros paroquiais e diocesanos com uma pastoral de atenção integral à família, especialmente àquelas que estão em situações difíceis: mães adolescentes e solteiras, pessoas que sofrem violência doméstica, pessoas da terceira idade etc.<sup>128</sup>
- Ajudar a criar possibilidades para que as crianças rejeitadas e abandonadas consigam, pela caridade cristã, condições de acolhida e adoção, e possam viver em família.
- Divulgar serviços de saúde que atendam integralmente a pessoa humana e não somente “a doença”.

---

<sup>127</sup> Cf. DAp, 469, g.

<sup>128</sup> Cf. DAp, 437, f.

- A título de motivação e exemplo, divulgar serviços de saúde que atendam desde o pré-natal, parto, pós-parto, orientando quanto aos métodos de planejamento natural e esclarecendo sobre todos os métodos anticoncepcionais.

### **III.3.b Apoiar os menores em situação de risco**

274. “Merece especial atenção a etapa da adolescência”. Os adolescentes “estão na idade da procura de sua própria identidade, de independência frente a seus pais, de descoberta do grupo. Nesta idade, facilmente podem ser vítimas de falsos líderes constituindo grupos. É necessário estimular a pastoral dos adolescentes, com suas próprias características, que garanta sua perseverança e o crescimento na fé”<sup>129</sup>.
275. Divulgar serviços de saúde que acompanhem os recém-nascidos mais frágeis em seu desenvolvimento.
276. Solicitar, em todas as cidades, a criação de berçários e creches e organizar comissões para o seu controle.
277. Participar das diferentes comissões municipais de saúde, de educação, de proteção à mulher e ao menor.
278. Conhecer, divulgar e criar dentro da realidade de cada local, os serviços de atendimento ao menor que promovem o lazer, a profissionalização, a sensibilidade artística e a criatividade.

### **III.3.c Trabalhar junto às pastorais desenvolvendo a ação em defesa da vida**

279. Em nome de Jesus Cristo, a Igreja tem o compromisso e a autoridade para anunciar e defender a vida em todas as suas manifestações, especialmente a vida humana. Fiel à sua missão e sendo “perita em humanidade”, tem consciência da necessidade de um preparo constante e sólido, para então animar, exortar e subsidiar as pastorais e os vários setores da sociedade para o exigente trabalho de promover e defender a dignidade da pessoa humana.
280. Entre as formas de conscientização e atuação possíveis no âmbito eclesial estão:

---

<sup>129</sup> Dap, 442.

- Privilegiar o tempo quaresmal, no qual se dá a CF, como momento propício para a conversão, para a mudança de mentalidade frente a assuntos que requeiram esclarecimentos à luz da fé e da razão, a fim de que os fiéis busquem coerência entre fé e vida.
- Fortalecer em nível nacional o Comitê de Bioética da CNBB no seu papel de dar subsídios que garantam a fidelidade e o respeito à doutrina do Magistério da Igreja sobre a vida; para que seja a instância que investigue, estude, discuta e atualize a comunidade no momento em que o debate público o requeira.
- Resgatar documentos do Magistério da Igreja referentes a uma antropologia cristã, através da formação de grupos de estudo nas paróquias, escolas, comunidades e movimentos.
- Utilizar os meios de formação como homilia, catequese, encontros, cursos, escolas da fé, para aprofundar temas relativos à defesa da vida, a fim de atingir as pessoas que participam da vida eclesial.
- Conhecer e aprofundar o estudo da Bioética Personalista através da promoção de palestras e cursos destinados a presbíteros, diáconos, religiosos religiosos, leigos e leigas, com especial atenção às pastorais da criança, do menor, da juventude, da família, da saúde, juventude, da educação e da sobriedade.
- Incentivar a formação, em todas as dioceses do Brasil, de Comissões em Defesa da Vida, para servirem como referência permanente para a causa da CF.
- Promover nas dioceses cursos sobre família e questões éticas para bispos, presbíteros, agentes de pastorais que possam ajudar a fundamentar com solidez os diálogos e condutas acerca dos problemas e situações particulares sobre a vida.
- Realizar articulações e parcerias com todas as pessoas e movimentos em favor da vida, de modo que possam conceber e desenvolver iniciativas em conjunto.
- Valorizar o diálogo ecumênico, inter-religioso e intercultural para que, através da explicitação de valores comuns, possamos juntos encontrar caminhos de colaboração solidária na defesa e na promoção da vida.

- Denunciar uma mentalidade que não vê no pai de família mais do que um instrumento de produção e ganância, relegando-o inclusive na família a um papel de mero provedor.
- Criar consciência sobre a importância da Amazônia para toda a humanidade. Apoiar a Igreja que vive na Amazônia, com os agentes pastorais e recursos financeiros necessários para que siga proclamando o evangelho da vida e desenvolva seu trabalho pastoral na formação de leigos e sacerdotes através de seminários, cursos, intercâmbios, visitas às comunidades e material educativo.

### **III.4 A TRANSFORMAÇÃO DAS ESTRUTURAS VISANDO UMA VIDA DIGNA PARA TODOS**

281. A luta pela vida tem também uma dimensão clara de participação política e luta pela transformação das estruturas injustas. Não basta operar no âmbito de nossa consciência pessoal e de nossas comunidades. É preciso perceber que todas as ações que fazemos se somam na construção de uma sociedade mais justa e fraterna para todos.

#### **III.4.a As obras de caridade e a defesa da vida**

282. A comunidade cristã tem uma longa tradição de construção de obras de caridade que buscam ser uma resposta contra as ameaças à vida em todos os tempos. Fazem parte desse conjunto as Santas Casas de Misericórdia, as creches e orfanatos, os asilos, etc.

283. Houve época em que muitos na Igreja pensaram que essas atividades eram meramente assistencialistas e, por isso, deveriam ser aos poucos abandonadas em favor de instituições similares geridas pelo Estado. Hoje, com o crescimento da importância das organizações não-governamentais e com a dificuldade dos Estados em financiar todos os serviços que deveriam fornecer aos cidadãos, essa visão vem mudando e essas instituições voltam a ser valorizadas.

284. Vemos que as instituições católicas de saúde, educação, assistência à criança e ao idoso, quando bem geridas, são modelos e referência para as instituições estatais. É que a vivência da caridade, que é um dos pontos fortes dessas instituições, cria

condições adequadas para uma assistência muito mais adequada aos que estão sofrendo ou em situação de fragilidade, como mostra Bento XVI na encíclica *Deus caritas est*. Além disso, a caridade não é um privilégio dos cristãos, mas algo a que todos os seres humanos são chamados. Por isso, as instituições católicas não fazem algo diferente do que deve e pode acontecer nas demais instituições, apenas conta com um incentivo próprio para isso, que é a experiência do amor de Cristo.

285. Isso não quer dizer que tudo que acontece nessas instituições seja bom, ou que elas não devam se submeter – como todas as demais – ao acompanhamento e fiscalização dos órgãos do governo. Trata-se apenas de saber valorizar a contribuição real que podem dar para a construção da sociedade.

286. Por outro lado, as ações dessas instituições não devem servir de pretexto para que o Estado se omita em sua função na construção do bem-comum e na prestação de serviços à população. Temos que ter claro que a garantia da qualidade de vida da população é um dever do Estado. As instituições católicas, assim como as organizações não-governamentais, colaboram, com sua riqueza específica, para a superação das dificuldades. Para isso, contudo, devem ter um lugar de protagonismo nas ações que executam, de modo que a riqueza de suas experiências seja valorizada e não sufocada pela planificação estatal. É o que a Doutrina Social da Igreja chama de “princípio da subsidiariedade”<sup>130</sup>, ou seja, na construção de uma sociedade justa e solidária, todos têm sua missão e seu protagonismo.

#### **III.4.b Políticas públicas, participação política e defesa da vida**

287. Por fim, nossa ação deve se dirigir também à esfera da formulação das políticas públicas em nosso país, para que elas aconteçam respeitando o direito à vida e servindo à população para que todos possam viver de maneira digna e justa. A seguir vemos algumas ações que podem ajudar especificamente nessa direção:

- Garantir o cumprimento do artigo 5º da Constituição, que garante a todos, sem distinção de qualquer natureza, a inviolabilidade do direito à vida.
- Promover atos públicos em defesa da vida, chamando a atenção da população sobre este tema.

---

<sup>130</sup> Ver PONTIFÍCIO CONSELHO « JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, 185s.

- Ação junto a parlamentares para impedir que os projetos de lei que estão tramitando no Congresso, e que procuram descriminalizar o aborto, sejam aprovados.
- Constituir Comissões de Fé e Política que atuem em nível de (arqui)dioceses, regionais e nacional, e que possam acompanhar, de forma permanente, as Câmaras de Vereadores, Assembléias Legislativas, o Congresso Nacional, e os atos do Executivo e do Judiciário em todas as suas instâncias, denunciando projetos contrários aos direitos humanos e ao bem comum, e apoiando iniciativas e projetos pautados pela ética, o direito, a justiça e a solidariedade.
- De forma propositiva, elaborar, com a participação de outros organismos da sociedade civil e em diálogo com autoridades, programas, projetos de leis e políticas públicas que respondam as demandas de cada região, aí incluídas a proteção, conservação e restauração da natureza.
- Lutar por uma legislação que combata a praga do congelamento de embriões nas clínicas de reprodução assistida.
- Assegurar que a objeção de consciência se confirme nas legislações, e velar para que seja respeitada pelas administrações públicas.
- Divulgar e apoiar no Brasil o Dia Nacional do Nascituro (08/10) e a Semana Nacional em Defesa da Vida (de 06 a 12/10).
- Conscientizar sobre a influência internacional e os interesses econômicos que estão por detrás de tentativas de controle da natalidade no Brasil.
- Exigir dos órgãos públicos acesso de todos à saúde (especialmente crianças, gestantes e idosos); apoiar e reivindicar programas voltados à humanização hospitalar.
- Quanto aos idosos, muitas estruturas de apoio ainda precisam ser criadas: asilos (embora estes sejam uma solução não satisfatória, uma vez que, não raro, sinalizam para um abandono dos idosos por seus familiares), casas lares, centros de convivência, oficinas abrigadas de trabalho, Universidades abertas à terceira idade, centros de cuidados diurnos, atendimento domiciliar, capacitação de cuidadores de idosos, atenção especial ao idoso com dependência, desenvolvimento de cuidados paliativos dirigidos ao idoso na fase final da vida, denúncia de maus tratos a que muitos idosos são submetidos.

- Incentivar a participação em palestras, debates, fóruns, jornais, folhetos, etc; mobilizar e aglutinar forças vivas da Comunidade, promovendo a interação entre o saber científico e o saber popular e colocar todo conhecimento conquistado a serviço dos segmentos mais fragilizados, como o são os doentes, idosos, desempregados, vítimas da violência, moradores de rua, portadores do HIV, e muitos outros mais, conforme a realidade de cada região.
- Sugerir a instalação em praça pública de um monumento em defesa da vida, a fim de envolver os artistas e ser um marco nas cidades, trazendo o tema mais próximo das pessoas.
- Aprofundar a presença pastoral nas populações mais frágeis e ameaçadas pelo desenvolvimento predatório e apoiá-las em seus esforços para conseguir uma equitativa distribuição da terra, da água e dos espaços urbanos.

#### III.4.c A salvaguarda da PAZ

288. “Ao lembrar o preceito ‘Tu não matarás’ (Mt 5,21), Nosso Senhor pede a paz do coração e denuncia a imoralidade da cólera assassina e do ódio”<sup>131</sup>. “O respeito e o desenvolvimento da vida humana exigem a paz”, que “não é somente ausência de guerra e não se limita a garantir o equilíbrio das forças adversas. A paz não pode ser obtida na terra sem a salvaguarda dos bens das pessoas, sem a livre comunicação entre os seres humanos, o respeito pela dignidade das pessoas e dos povos, a prática assídua da fraternidade”<sup>132</sup>.

289. Assim, a promoção da paz é parte integrante da defesa da vida humana e, num nível mais amplo, é uma necessidade da própria sobrevivência do planeta. Nesse âmbito, muita coisa pode ser feita, como, por exemplo:

- Desenvolver uma espiritualidade da não violência, o que não significa viver de braços cruzados, mas priorizar a via do diálogo, da solidariedade, do perdão, e não o caminho da vingança, da justiça pelas próprias mãos.
- Promover dinâmicas que levem ao perdão e à reconciliação, sobretudo nas famílias.

---

<sup>131</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 2302.

<sup>132</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 2304.

- Lutar contra toda forma de violência e discriminação, e apoiar iniciativas adequadas na defesa dos direitos humanos.
- Denunciar e combater toda forma de trabalho escravo, de tráfico de pessoas, de exploração sexual, sobretudo da criança e do adolescente, de violência doméstica, particularmente contra a mulher, a criança e o idoso.
- Apoiar as Pastorais de Fronteira, como o são a Pastoral Carcerária, da Criança e do Adolescente sujeitos a medidas sócio-educativas, a Pastoral da Mulher Marginalizada, os que trabalham com indígenas, quilombolas, ribeirinhos, sem-terra e sem-teto, a Pastoral da AIDS e outros organismos com foco em DST-AIDS.
- Apoiar os católicos e pessoas de boa vontade que militam nos difíceis campos da política, da economia solidária, das comissões de direitos humanos, das relações internacionais.

290. Diante do flagelo da droga, “que está destruindo a humanidade, especialmente as novas gerações”, a Igreja não pode ficar indiferente. Sua tarefa deve ser direcionada em três direções<sup>133</sup>: prevenção, acompanhamento e apoio das políticas governamentais para reprimir esta pandemia.

- Na prevenção, insistir na educação nos valores que devem conduzir às novas gerações, especialmente o valor da vida e do amor, a própria responsabilidade e a dignidade dos filhos de Deus.
- No acompanhamento, estar ao lado do dependente para ajudá-lo a recuperar sua dignidade e vencer esta enfermidade.
- No apoio à erradicação da droga, denunciar a criminalidade sem nome dos narco-traficantes que comercializam com tantas vidas humanas, tendo como objetivo o lucro e a força em suas mais baixas expressões e apoiar programas de governos e entidades civis que trabalham neste sentido.

---

<sup>133</sup> Dap, 422-426.



### III.5 GESTO CONCRETO

A Campanha da Fraternidade se expressa concretamente pela oferta de doações em dinheiro na *coleta da solidariedade*. É um gesto concreto de fraternidade, partilha e solidariedade, feito em âmbito nacional, em todas as comunidades cristãs, paróquias e dioceses. A Coleta da Solidariedade é parte integrante da Campanha da Fraternidade.

<p><b>DIA NACIONAL DA COLETA DA SOLIDARIEDADE</b>  <b>Domingo de Ramos, 15 e 16 de março de 2008</b></p>
--

Todas as pessoas das comunidades eclesiais são convidadas a organizar o gesto concreto de solidariedade durante o tempo forte da Campanha, que vai do início da Quaresma, na quarta-feira de cinzas, até o Domingo de Ramos, que antecede à Páscoa.

Bispos, padres, diáconos, religiosos(as), lideranças leigas, agentes de pastoral, colégios católicos e movimentos eclesiais são motivadores e animadores da Campanha da Fraternidade, para que todos participem, oferecendo sua solidariedade em favor das pessoas, grupos e comunidades que defendem a vida. O gesto fraterno da oferta tem um caráter de conversão quaresmal.

O resultado integral da coleta da CF de todas as celebrações do Domingo de Ramos, com ou sem envelope, deve ser encaminhado à respectiva diocese; esta, por sua vez, encaminha 40% do total da coleta para o Fundo Nacional de Solidariedade, na conta indicada no quadro abaixo:

<p><b>PARA DEPÓSITO DOS 40% (Fundo Nacional de Solidariedade da CNBB)</b></p>
---

<p><b>Caixa Econômica Federal</b></p>
---------------------------------------

<p><b>Agência 2.220 – c/c 000.009-0</b></p>
---

<p><b>CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Brasília – DF</b></p>
---

<p><b>Enviar comprovante do depósito para a CNBB no FAX (61) 2103-8303</b></p>
--

Doações para o Fundo Nacional de Solidariedade da CNBB podem ser feitas para a conta indicada no quadro acima também ao longo de todo o ano.

Do total arrecadado pela coleta, 40% constituem o Fundo Nacional de Solidariedade (FNS) da CNBB, e os outros 60% ficam nas dioceses, formando o Fundo Diocesano de Solidariedade (FDS), para o atendimento a projetos locais.

**Destinação dos recursos.** Serão aplicados para apoiar projetos que tenham um componente de Políticas Públicas. Os recursos arrecadados serão destinados prioritariamente a projetos que atendem aos objetivos propostos pela CF 2008. (Cf. N<sup>os</sup> 13 e 14). Durante o tempo quaresmal, a Conselho Gestor do Fundo Nacional de Solidariedade estará enviando às Igrejas Particulares material informativo sobre os critérios e formas de elaboração dos Projetos. Esses critérios também estarão disponíveis nos sites da Cáritas Brasileira ([www.caritasbrasileira.org](http://www.caritasbrasileira.org)) e da CNBB ([www.cnbb.org.br](http://www.cnbb.org.br)).

A **Cáritas Brasileira, por meio de convênio com a CNBB**, recebe os projetos encaminhados ao Fundo Nacional de Solidariedade (FNS) da CNBB. A supervisão do Fundo, a destinação dos recursos e a aprovação dos projetos está a cargo do Conselho Gestor do FNS, nomeado pela CNBB.

As Organizações que desejam obter apoio do Fundo Nacional de Solidariedade, de acordo com os critérios de destinação previstos para a CF-2008, deverão encaminhar os projetos ao:

<p style="text-align: center;"><b>Fundo Nacional de Solidariedade – Cáritas Brasileira</b> <b>SDS – Bloco P – Ed. Venâncio III – Sala 410</b> <b>70393-902 – Brasília – DF</b> <b>Fones: (61) 3214-5418 - (61) 3214-5400 ou (61) 3214-5404 - FAX</b></p>
--

A Cáritas, por sua vez, submeterá os pedidos ao Conselho Gestor do FNS, para análise e decisões.

O Fundo Diocesano de Solidariedade (60% da coleta do Domingo de Ramos) é administrado por um Conselho Gestor Diocesano, que pode ser constituído com a participação de uma pessoa da Cáritas Diocesana (onde ela existe), de um representante das Pastorais Sociais, da Coordenação de Pastoral Diocesana, da Equipe de animação das Campanhas, do responsável pela administração da diocese e de uma pessoa ligada ao tema da CF. O Bispo constitui este Conselho Gestor e normalmente o preside.

**Campanha da Fraternidade de 2006 - Mapa da contribuição dos 40% da coleta** realizada no domingo de ramos, 9 de abril de 2006 de cada diocese ao Fundo Nacional de Solidariedade - “Fraternidade e Pessoas com Deficiência”.

**Relação das dioceses**

ATUALIZADA EM:		
30/08/07		
REGIONAL NORTE I		Pago R\$
1	ALTO SOLIMÕES - AM	510,00
2	BORBA - AM	212,00
3	COARI - AM	3.170,45
4	ITACOATIARA - AM	530,70
5	MANAUS - AM	44.634,00
6	PARINTINS - AM	1.008,00
7	RORAIMA - RR	5.112,52
8	S. GABRIEL DA CACHOEIRA - AM	850,00
9	TEFÉ - AM	2.288,96
REGIONAL NOROESTE		Pago R\$
1	CRUZEIRO DO SUL-AC	1.837,26
2	GUAJARA MIRIM-RO	3.764,72
3	HUMAÍTA-AM	900,00
4	JI-PARANÁ-RO	23.364,77
5	LABREA-AM	360,00
6	PORTO VELHO-RO	7.293,39
7	RIO BRANCO-AC	6.103,00
REGIONAL NORTE II		Pago R\$
1	ABAETETUBA - PA	2.719,72
2	BELÉM - PA	10.800,00
3	BRAGANÇA DO PARA - PA	4.720,15
4	CAMETÁ - PA	835,40
5	CASTANHAL - PA	3.481,10
6	CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA - PA	3.004,39
7	ITAITUBA - PA	2.705,00
8	MACAPÁ - AP	6.436,00
9	MARABÁ - PA	3.552,16
10	MARAJÓ - PA	715,00
11	ÓBIDOS - PA	1.918,14
12	PONTA DE PEDRA - PA ***	711,66
13	SANTARÉM - PA	5.828,83
14	XINGÚ - PA	358,00
REGIONAL NORDESTE I		Pago R\$

1	CRATEÚS - CE	3.221,90
2	CRATO - CE	2.447,36
3	FORTALEZA - CE	29.774,23
4	IGUATU - CE	2.509,00
5	ITAPIPOCA - CE	2.567,98
6	LIMOEIRO DO NORTE - CE	3.255,36
7	QUIXADÁ - CE	
8	SOBRAL - CE	5.573,66
9	TIANGUÁ - CE	4.445,20
<b>REGIONAL NORDESTE II</b>		<b>Pago R\$</b>
1	AFOGADOS DA INGAZEIRA - PE	4.128,00
2	CAICÓ - RN	3.035,54
3	CAJAZEIRAS - PB	3.194,34
4	CAMPINA GRANDE - PB	5.926,60
5	CARUARU - PE	5.305,58
6	FLORESTA - PE	1.905,10
7	GARANHUNS - PE	3.225,65
8	GUARABIRA - PB	3.197,80
9	MACEIÓ - AL	8.147,52
10	MOSSORÓ - RN	7.710,91
11	NATAL - RN	21.164,76
12	NAZARÉ DA MATA - PE	3.158,00
13	OLINDA E RECIFE - PE	13.182,76
14	PALMARES - PE	3.286,00
15	PALMEIRA DOS ÍNDIOS - AL	1.700,00
16	PARAÍBA - PB	12.550,00
17	PATOS - PB	5.940,75
18	PENEDO - AL	3.434,00
19	PESQUEIRA - PE	2.105,00
20	PETROLINA - PE	6.660,00
<b>REGIONAL NORDESTE III</b>		<b>Pago R\$</b>
1	ALAGOINHA - BA	5.263,79
2	AMARGOSA - BA	5.697,50
3	ARACAJU - SE	12.800,00
4	BARRA - BA	2.813,16
5	BARREIRAS - BA	7.063,76
6	BOM JESUS DA LAPA - BA	1.290,80
7	BONFIM - BA	2.200,00

8	CAETITÉ - BA	5.200,00
9	ESTÂNCIA - SE	2.964,00
10	EUNÁPOLIS - BA	
11	FEIRA DE SANTANA - BA	5.578,60
12	ILHÉUS - BA	3.391,80
13	IRECÊ - BA	2.697,90
14	ITABUNA - BA	2.657,00
15	JEQUIÉ - BA	3.400,00
16	JUAZEIRO - BA	2.599,32
17	LIVRAMENTO DE N.S. <sup>a</sup> - BA	2.100,00
18	PAULO AFONSO - BA	2.280,00
19	PROPRIÁ - SE	4.550,72
20	RUY BARBOSA - BA	3.203,20
21	SALVADOR - BA	13.085,34
22	SERRINHA-BA	3.893,80
23	TEXEIRA DE FREITAS - BA	3.905,00
24	VITÓRIA DA CONQUISTA - BA	6.820,00
<b>REGIONAL NORDESTE IV</b>		<b>Pago R\$</b>
1	BOM JESUS DO GURGUÉIA - PI	1.580,00
2	CAMPO MAIOR - PI	10.657,00
3	OEIRAS - FLORIANO - PI	3.680,04
4	PARNAÍBA - PI	4.673,37
5	PICOS - PI	3.755,98
6	S. RAIMUNDO NONATO - PI	2.431,68
7	TERESINA - PI	20.660,95
<b>REGIONAL NORDESTE V</b>		<b>Pago R\$</b>
1	BACABAL - MA	4.601,50
2	BALSAS - MA	1.372,65
3	BREJO - MA	1.520,00
4	CAROLINA - MA ***	650,00
5	CAXIAS - MA	1.600,00
6	COROATÁ - MA	2.435,00
7	GRAJAÚ - MA	3.600,00
8	IMPERATRIZ - MA	3.949,40
9	PINHEIRO - MA	1.588,00
10	SÃO LUÍS - MA	10.918,14
11	VIANA - MA	1.500,00
12	ZÉ-DOCA - MA	2.197,68

REGIONAL LESTE I		Pago R\$
1	BARRA DO PIRAÍ - RJ	21.495,88
2	CAMPOS - RJ	3.980,00
3	DUQUE DE CAXIAS - RJ	16.894,75
4	ITAGUAÍ - RJ	4.259,21
5	NITERÓI - RJ	28.622,68
6	NOVA FRIBURGO - RJ	10.307,85
7	NOVA IGUAÇÚ - RJ	15.600,00
8	PETROPÓLIS - RJ	9.443,85
9	RIO DE JANEIRO - RJ	88.327,74
10	VALENÇA - RJ	6.490,00
REGIONAL LESTE II		Pago R\$
1	ALMENARA - MG	2.241,30
2	ARAÇUAÍ - MG	4.979,92
3	BELO HORIZONTE - MG	109.365,58
4	CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM - ES	21.878,59
5	CAMPANHA - MG	12.549,97
6	CARATINGA - MG	7.530,00
7	COLATINA - ES	25.716,35
8	DIAMANTINA - MG	13.555,33
9	DIVINÓPOLIS - MG	17.880,00
10	GOVERNADOR VALADARES - MG	12.000,00
11	GUANHÃES - MG	4.567,83
12	GUAXUPÉ - MG	13.782,71
13	ITABIRA - MG	14.435,09
14	ITUIUTABA - MG	1.700,00
15	JANAÚBA - MG	3.365,61
16	JANUÁRIA - MG	1.800,00
17	JUIZ DE FORA - MG	13.628,02
18	LEOPOLDINA - MG	14.037,72
19	LUZ - MG	6.538,80
20	MARIANA - MG	
21	MONTES CLAROS - MG	9.652,45
22	OLIVEIRA - MG	3.428,03
23	PARACATU - MG	3.559,55
24	PATOS DE MINAS - MG	9.652,45
25	POUSO ALEGRE - MG	6.777,27
26	SÃO JOÃO DEL REI - MG	5.702,77

27	SÃO MATEUS - ES	25.505,73
28	SETE LAGOAS - MG	3.777,00
29	TEÓFILO OTTONI - MG	1.833,00
30	UBERABA - MG	8.753,76
31	UBERLÂNDIA - MG	8.919,55
32	VITÓRIA - ES	22.905,36
<b>REGIONAL SUL I</b>		<b>Pago R\$</b>
1	AMPARO - SP	8.640,00
2	APARECIDA - SP	7.624,88
3	ARAÇATUBA - SP	10.500,00
4	ASSIS - SP	11.375,71
5	BARRETOS - SP	10.562,00
6	BAURU - SP	19.562,77
7	BOTUCATU - SP	10.527,44
8	BRAGANÇA PAULISTA - SP	16.557,73
9	CAMPINAS - SP	41.442,47
10	CAMPO LIMPO - SP	19.516,70
11	CARAGUATATUBA - SP	5.345,63
12	CATANDUVA-SP	16.052,96
13	FRANCA - SP	29.535,63
14	GUARULHOS - SP	21.150,80
15	ITAPETININGA - SP	6.000,00
16	ITAPEVA - SP	7.374,35
17	JABOTICABAL - SP	10.948,70
18	JALES - SP	15.153,02
19	JUNDIAÍ - SP	54.069,33
20	LIMEIRA - SP	50.760,00
21	LINS - SP	7.370,00
22	LORENA - SP	10.193,40
23	MARÍLIA - SP	43.929,96
24	MOGI DAS CRUZES - SP	10.923,81
25	OSASCO - SP	20.776,24
26	OURINHOS - SP	9.060,29
27	PIRACICABA - SP	30.353,70
28	PRESIDENTE PRUDENTE - SP	30.282,59
29	REGISTRO - SP	2.960,00
30	RIBEIRÃO PRETO - SP	20.000,00
31	SANTO AMARO - SP	15.669,23

32	SANTO ANDRÉ - SP	49.843,68
33	SANTOS - SP	39.169,50
34	SÃO CARLOS - SP ***	27.000,00
35	SÃO JOÃO DA BOA VISTA - SP	17.827,29
36	SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - SP	24.945,71
37	SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - SP	57.012,38
38	SÃO MIGUEL PAULISTA - SP	12.806,20
39	SÃO PAULO - SP	155.263,90
40	SOROCABA - SP	20.989,07
41	TAUBATÉ - SP	13.010,80
<b>REGIONAL SUL II</b>		<b>Pago R\$</b>
1	APUCARANA - PR	15.910,64
2	CAMPO MOURÃO - PR	13.834,68
3	CASCADEL - PR	17.314,75
4	CORNÉLIO PROCÓPIO - PR	4.212,00
5	CURITIBA - PR	80.064,70
6	FOZ DO IGUAÇÚ - PR	17.544,00
7	GUARAPUAVA - PR	12.525,00
8	JACAREZINHO - PR	11.809,24
9	LONDRINA - PR	36.800,00
10	MARINGÁ - PR	20.001,24
11	PALMAS FRANCISCO BELTRÃO - PR	13.934,17
12	PARANAGUÁ - PR	12.525,00
13	PARANAVAÍ - PR	12.751,00
14	PONTA GROSSA - PR	18.220,32
15	TOLEDO - PR	16.500,00
16	UMUARAMA - PR	20.544,95
17	UNIÃO DA VITÓRIA - PR	9.230,74
<b>REGIONAL SUL III</b>		<b>Pago R\$</b>
1	BAGÉ - RS	2.043,00
2	CACHOEIRA DO SUL - RS	1.708,25
3	CAXIAS DO SUL - RS	41.551,12
4	CRUZ ALTA - RS	9.286,07
5	EREXIM - RS	11.686,03
6	FREDERICO WESTPHALEN - RS	16.915,59
7	NOVO HAMBURGO - RS	18.476,53
8	OSÓRIO - RS	6.111,22
9	PASSO FUNDO - RS	21.097,71



10	PELOTAS - RS	5.174,00
11	PORTO ALEGRE - RS	42.285,37
12	RIO GRANDE - RS	1.858,08
13	STª CRUZ DO SUL - RS	4.800,00
14	STª MARIA - RS	8.480,00
15	STº ÂNGELO - RS	12.733,92
16	URUGUAIANA - RS	8.033,93
17	VACARIA - RS	5.273,00
<b>REGIONAL SUL IV</b>		<b>Pago R\$</b>
1	BLUMENAU - SC	16.078,00
2	CAÇADOR - SC	11.804,88
3	CHAPECÓ - SC	34.271,21
4	CRICIÚMA - SC	28.729,90
5	FLORIANÓPOLIS - SC	53.451,69
6	JOAÇABA - SC	10.500,00
7	JOINVILLE - SC	28.035,00
8	LAGES - SC	8.774,82
9	RIO DO SUL - SC	13.008,96
10	TUBARÃO - SC	14.000,00
<b>REGIONAL CENTRO OESTE</b>		<b>Pago R\$</b>
1	ANÁPOLIS - GO	8.930,20
2	ARQUIDIOCESE MILITAR BSB - DF	2.672,10
3	BRASÍLIA - DF	35.843,63
4	CRISTALÂNDIA - TO	1.747,40
5	FORMOSA - GO	2.602,72
6	GOIÂNIA - GO	30.820,32
7	GOIÁS - GO	5.961,00
8	IPAMERI - GO	2.560,00
9	ITUMBIARA - GO	1.785,52
10	JATAÍ - GO	8.864,00
11	LUZIÂNIA - GO	5.795,00
12	MIRACEMA DO TOCANTINS - TO	1.914,42
13	PALMAS - TO	2.866,97
14	PORTO NACIONAL -TO	1.200,00
15	RUBIATABA-MORZALÂNDIA - GO	2.708,00
16	S. LUIS DE M. BELOS - GO	5.432,23
17	TOCANTINÓPOLIS - TO	3.422,36
18	URUAÇU - GO	7.632,00

REGIONAL OESTE I		Pago R\$
1	CAMPO GRANDE - MS	23.058,50
2	CORUMBÁ - MS	1.860,00
3	COXIM - MS	2.624,00
4	DOURADOS - MS	18.600,00
5	JARDIM - MS	1.000,00
6	TRÊS LAGOAS - MS	5.147,80
REGIONAL OESTE II		Pago R\$
1	BARRA DO GARÇA - MT	4.357,26
2	CÁCERES - MT	6.430,60
3	CUIABÁ - MT ***	26.952,49
4	DIAMANTINO - MT	7.938,20
5	GUIRATINGA - MT	5.016,73
6	JUINA - MT	3.110,57
7	PARANATINGA - MT	322,00
8	RONDONÓPOLIS - MT	7.820,80
9	SÃO FÉLIX DO ARAGUAIA - MT	1.785,60
10	SINOP - MT	4.465,81

O resultado em dinheiro desta campanha, contando a coleta, as contribuições individuais de pessoas físicas e rendimentos bancários foi de R\$ 3.319.092,75. Deste montante já foram apoiados pelo FNS 102 projetos (relatório de 31/08/07).

**Campanha da Fraternidade de 2007** – Até a presente data (31 de agosto 2007) as contribuições solidárias da CF – “Fraternidade e Amazônia” já somam o valor de R\$ 3.324.435,00. Já foram apoiados 63 projetos e outros estão chegando para serem analisados. Neste valor ainda está faltando a contribuição de 57 dioceses que ainda não enviaram os 40% da coleta ao FNS.

**Equipes diocesanas e paroquiais de animação das Campanhas** – Numa atitude ousada e corajosa, a CNBB, as Pontifícias Obras Missionárias e a Caritas Brasileira estão realizando o grande mutirão na organização de equipes de animação das 3 grandes Campanhas nacionais realizadas na Igreja do Brasil (Fraternidade, Missionária e para a Evangelização). Estas equipes devem animar também as campanhas emergenciais. A

meta para 2007 é realização das oficinas nos 17 Regionais da CNBB. Também, várias dioceses já organizaram a Equipe de Campanhas. Em 2008 será a vez do grande mutirão para organizar as equipes nas dioceses e nas paróquias.

Você que reconhece a importâncias das campanhas para a Igreja do Brasil, procure saber se a Equipe de Campanhas está organizada na sua diocese e ajude organizar ou participar na equipe da sua paróquia.

Para informações, esclarecimentos e orientações sobre a organização das Equipes de Campanhas e o curso de Campanhas pela INTERNET, fazer contato com Pe. José Adalberto Vanzella pelo e-mail: [cf@cnbb.org.br](mailto:cf@cnbb.org.br) ou pelo telefone (61) 2103-8300.

---

## IV Bibliografia

---

### IV.1.a Magistério da Igreja

Catecismo da Igreja Católica.

Missal Romano.

### IV.1.b Documentos Pontifícios

BENTO XVI. Carta Encíclica *Deus Caritas est*.

\_\_\_\_\_. Discurso inaugural da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, 13 de maio de 2007, Aparecida, Brasil.

\_\_\_\_\_. *Homilia na Eucaristia de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano*, 13 de maio de 2007, Aparecida, Brasil.

\_\_\_\_\_. Respostas dadas a jovens de Roma e do Lácio, em 6 de Abril 2006, [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/speeches/2006/april/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060406\\_xxi-wyd\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20060406_xxi-wyd_po.html)

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Evangelium Vitae*.

\_\_\_\_\_. Exortação Apostólica *Novo millennio ineunte*.

\_\_\_\_\_. *Veritatis splendor*.

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica *Fides et ratio*.

\_\_\_\_\_. Carta Apostólica *Salvifici doloris*.

PONTIFÍCIO CONSELHO « JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*.

### IV.1.c Concílio Vaticano II

Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual.

Documentos do CELAM

Documento Final da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, Aparecida.

### IV.1.d Autores

ALVES, R. *Filosofia da ciência*. Ed. Ars Poética.

CAPONI, S. A biopolítica da população e a experimentação com seres humanos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9 (2):445-455, 2004.

CHAUI, M. *Repressão sobre o sexo: essa nossa (des) conhecida*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

CORSON, W.H. *Manual global de ecologia*. Editora Augustus, 1996.

COTES, P. *Juventude roubada – Estudo da Unesco mostra que o suicídio entre os jovens brasileiros cresceu 31% em dez anos – Época – Comportamento – 21/06/2004.*

CRITCHLOW, Donald T. *Intended Consequences: Birth Control, Abortion, And The Federal Government in Modern America* Oxford University Press 1999.

D'ASSUMPCÃO, E.A. *Bionatologia e Bioética*, Ed. Paulinas, SP, Brasil, 2005.

DUMONT, G.F. Implosão demográfica na Europa? *Lexicon, termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas*, p. 515-530. 2007.

FERGUSON, D. Revista de Psicologia e Psiquiatria Infantil (Journal of Child Psychology and Psychiatry) Nova Zelândia 2005 cf. *Population Research Institute, Boletim para America Latina* n°32 de 9/02/2006.

FRANKL, V.E. *El hombre en busca del sentido último – El análisis existencial y la conciencia espiritual del ser humano* Ed. Paidós Barcelona, Espanha, 1999.

\_\_\_\_\_. *Psicoterapia Y Humanismo ¿Tiene un sentido la vida?* Fondo de Cultura Economica México 1984.

GIRARDI, G. Reprogramação celular pode evitar debate ético. *O Estado de São Paulo*, 7 de junho de 2007.

GISSLER, M. e col. *British Journal of Medicine*, 313: 1431-4, 1996

GOLLOP, T. R. e outros *Higroma cístico em Feto 45X – Diagnóstico precoce por ultrasonografia e amostra de vilos corionais* RBGO, março 1995, Vol. 17, n°2, pg. 185/186.

\_\_\_\_\_. *Ética em Medicina Fetal Femina* abr./94, Vol.22 n°4, Resumos - Feto 94.

JOSEPH, R. Fertilidade e continência. *Lexicon, termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas*, p. 443-452. 2003.

LAGO, Elena *Bioética personalista* Ed. Patris Argentina, 2006.

MAUSS, M. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. [in] *Sociologia e antropologia*. Vol. 1, EPU/EDUSP, 1974.

PAULA, I.C. Eutanásia. *Lexicon – Pontifício Conselho para a Família - Gráfica Escolas Profissionais Salesianas*, p. 310-311, 2007.

PETRINI, G. Relação nupcial, relação ocasional. *Lexicon – Pontifício Conselho para a Família - Gráfica Escolas Profissionais Salesianas*, p. 825-836, 2007.

RATZINGER, J. *Situação atual da fé e da teologia*. Conferência pronunciada no Encontro de Presidentes de Comissões Episcopais da América Latina para a doutrina da fé, celebrado em Guadalajara, México, 1996. Publicado em *L'Osservatore Romano*, em 1 de novembro de 1996.

REARDON, David C. PhD e outros; Elliot Institute, Springfield III *Southern Medical Journal* vol. 95, n°8 August 2002; Presented at the First World Congress on Women's Health, Berlin, Germany March 2001.

S. IRENAEI. *Adversus Haereses*, IV,20,7: PG 7,1057.

SCHOOYANS, M. Controle dos nascimentos e implosão demográfica. *Lexicon, termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas*. 2007.

STEPTOE, P.C. & EDWARDS, R.G. *Birth after the reimplantation of a human embryo*, Lancet II, pg 366, 1978.

SUAUDEAU, J. Sexo seguro. *Lexicon – Pontifício Conselho para a Família - Gráfica Escolas Profissionais Salesianas*, p. 861-884. 2007.

ZAVASCHI, M. L. *Suicídio Infantil*. Diálogo Médico 1994.

#### IV.1.e Internet

Almeida, J.L.T. Um Novo Horizonte para a Ética em Saúde: a bioética. *Textos completos. Teses. ENSP-Fiocruz* [in] [http://portaleses.cict.fiocruz.br/transf.php?script=thes\\_chap&id=00002504&lng=pt&nr m=iso](http://portaleses.cict.fiocruz.br/transf.php?script=thes_chap&id=00002504&lng=pt&nr m=iso)

BRANDÃO, S.R. Afetividade e sexualidade para o adolescente. [http://www.pucsp.br/fecultura/textos/amor\\_humano/afetividade.html](http://www.pucsp.br/fecultura/textos/amor_humano/afetividade.html)

BRASIL, MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. *Indicadores nacionais de ciência e tecnologia (C&T)*. [in] <http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/2042.html>.

SCHWARTZMAN, S. *Ciência e historia da ciência*, 1976. [in] <http://www.schwartzman.org.br/simon/cciencia.htm>.

[www.datasus.gov.br](http://www.datasus.gov.br) (Informações de Saúde/Estatísticas vitais/Óbitos maternos/Categoria CID10

Abortion Statistics: England and Wales 2004; [www.spuc.org.uk](http://www.spuc.org.uk) 20/11/2005

[www.johnstonsarchive.net/policy/abortion/index.html#ST](http://www.johnstonsarchive.net/policy/abortion/index.html#ST) 05/2007

IPPF Safe Abortion Action Fund (SAAF) [www.ippf.org](http://www.ippf.org) acess. 7/6/2007

*World Fertility Trends, 1974* R.T. Ravenholt and John Chao [www.ravenholt.com/wfs/world.zip](http://www.ravenholt.com/wfs/world.zip)

BAKER, M. From skin cell to stem cell. *Nature*, 7 de junho de 2007 [in] <http://www.nature.com/stemcells/2007/0706/070607/full/stemcells.2007.6.html;jsessionid=AC1678CFF4DBDE0ABD65D2EF689D0B0A#top>.

“Congelamento de embriões cria gêmeos com 6 anos de diferença”, O Globo 26/05/2005. Disponível em: [www.jornaldaciencia.org.br](http://www.jornaldaciencia.org.br).

*Violência e cultura*, do Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP, [http://www.pucsp.br/fecultura/pessoa\\_sociedade/textos\\_violencia.html](http://www.pucsp.br/fecultura/pessoa_sociedade/textos_violencia.html).

AZEVEDO, R. *Você também é cristão, ateu. Mesmo que não queira*. [in] <http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2007/05/voc-tambm-cristo-ateu-mesmo-que-no.html>.

**IV.1.f Publicações**

*Financial Resources Flows for Population activities in 2004 (UNFPA) 0-89714-806-1  
E/500/2006*

---

## V ORIENTAÇÕES GERAIS DA CF

---

### V.1 TEMPO QUARESIMAL E CF

Celebrar a Quaresma é reconhecer a presença de Deus na caminhada, no trabalho, na luta, no sofrimento e na dor da vida do povo!

A Quaresma é tempo forte de conversão, de mudança interior, de graça e salvação. Preparamo-nos para viver, de maneira intensa, livre e amorosa, o momento mais importante do ano litúrgico e da história da salvação: a Páscoa.

A espiritualidade quaresmal é caracterizada também por atenta e prolongada escuta da Palavra de Deus. Ela ilumina a vida e chama à conversão, infundindo confiança na misericórdia de Deus.

No Brasil, a dimensão comunitária da Quaresma é vivenciada e assumida pela CF. A cada ano, a Igreja destaca uma situação da realidade social que precisa ser mudada.

A CF ilumina de modo particular os gestos fundamentais desse tempo litúrgico: a oração, o jejum e a esmola.

Pelo exercício da oração, pessoal e comunitária, as pessoas se tornam sempre mais abertas e disponíveis às iniciativas da ação de Deus.

O jejum e a abstinência de carne expressam a íntima relação existente entre os gestos externos da penitência, mudança de vida e conversão interior.

A esmola confere aos gestos de generosidade humana uma dimensão evangélica profunda que se expressa na solidariedade. Coloca a pessoa e a comunidade face a face com o irmão empobrecido e marginalizado, para ajudá-lo e promovê-lo.

Para celebrarmos melhor o tempo litúrgico da Quaresma, valorizando a CF, poderemos responder às seguintes perguntas:

Quais os sinais de pecado e de morte que marcam mais a nossa comunidade atualmente?

Quais os sinais de vida e ressurreição que gostaríamos que aparecessem entre nós?



Como ligar esses sinais com o mistério que celebramos?

De que maneira podemos encaminhar a CF e as celebrações da Quaresma, para que ajudem a comunidade a melhor celebrar a Páscoa?

Como sentimos o tema proposto pela CF em nosso bairro, cidade ou região? Qual será o gesto concreto?

## V.2 NATUREZA E HISTÓRICO DA CF

Em 1961, três padres responsáveis pela Cáritas Brasileira idealizaram uma campanha para arrecadar fundos para as atividades assistenciais e promocionais da instituição e torná-la, assim, autônoma financeiramente. A atividade foi chamada *Campanha da Fraternidade* e realizada, pela primeira vez, na Quaresma de 1962, em Natal (RN), com adesão de outras três dioceses e apoio financeiro dos bispos norte-americanos. No ano seguinte, dezesseis dioceses do Nordeste realizaram a Campanha. Não teve êxito financeiro, mas foi o embrião de um projeto anual dos Organismos Nacionais da CNBB e das Igrejas Particulares no Brasil, realizado à luz e na perspectiva das Diretrizes Gerais da Ação Pastoral (Evangelizadora) da Igreja em nosso país.

Em seu início, teve destacada atuação o Secretariado Nacional de Ação Social da CNBB, sob cuja dependência estava a Cáritas Brasileira, que fora fundada no Brasil, em 1957. Na época, o responsável pelo Secretariado de Ação Social era dom Eugênio de Araújo Sales, e por isso, presidente da Cáritas Brasileira. O fato de ser administrador apostólico de Natal (RN) explica que a Campanha tenha iniciado naquela circunscrição eclesial e em todo o Rio Grande do Norte.

Esse projeto foi lançado, em nível nacional, no dia 26 de dezembro de 1963, sob o impulso renovador do espírito do Concílio Vaticano II, em andamento na época, e realizado pela primeira vez na Quaresma de 1964. O tempo do Concílio foi fundamental para a concepção, estruturação e encaminhamentos da CF, do Plano de Pastoral de Emergência, do Plano de Pastoral de Conjunto e de outras iniciativas de renovação eclesial. Ao longo de quatro anos seguidos, por um período extenso em cada um, os bispos ficaram hospedados na mesma casa, em Roma, participando das sessões do Concílio e de diversos momentos de reunião, estudo, troca de experiências. Nesse contexto, nasceu e cresceu a CF.

Em 20 de dezembro de 1964, os bispos aprovaram o projeto inicial da mesma, intitulado: “Campanha da Fraternidade: pontos fundamentais apreciados pelo episcopado em Roma”. Em 1965, tanto a Cáritas quanto a Campanha da Fraternidade, que estavam vinculadas ao Secretariado Nacional de Ação Social, foram vinculadas diretamente ao Secretariado Geral da CNBB. A CNBB passou a assumir a CF. Nessa transição, foi estabelecida a estruturação básica da CF. Em 1967 começou a ser redigido um subsídio, maior que os anteriores, para a organização anual da CF. Nesse mesmo ano, iniciaram-se, também, os encontros nacionais das Coordenações Nacional e Regionais da CF. A partir de 1971, tanto a Presidência da CNBB como a Comissão Episcopal de Pastoral começaram a ter uma participação mais intensa em todo o processo da CF.

Em 1970, a CF ganhou um especial e significativo apoio: a mensagem do Papa, transmitida em cadeia nacional de rádio e televisão, quando de sua abertura, na Quarta-feira de Cinzas. A mensagem papal continua enriquecendo a abertura da CF.

De 1963 até hoje, a CF é uma atividade ampla de evangelização desenvolvida num determinado tempo (Quaresma), para ajudar os cristãos e as pessoas de boa vontade a viverem a fraternidade em compromissos concretos, no processo de transformação da sociedade, a partir de um problema específico que exige a participação de todos, na busca de alternativas de solução. É grande instrumento para desenvolver o espírito quaresmal de conversão, renovação interior e ação comunitária, como a verdadeira penitência que Deus quer de nós em preparação à Páscoa. É momento de conversão, de prática de gestos concretos de fraternidade, de exercício de uma verdadeira pastoral de conjunto em prol da transformação de situações injustas e não-cristãs. É precioso meio para a evangelização no tempo quaresmal, retomando a pregação dos profetas, confirmada por Cristo, segundo a qual, a verdadeira penitência que agrada a Deus é repartir o pão com quem tem fome, dar de vestir ao maltrapilho, libertar os oprimidos, promover a todos.

A CF tornou-se especial manifestação de evangelização libertadora, provocando, ao mesmo tempo, a renovação da vida da Igreja e a transformação da sociedade, a partir de problemas específicos, tratados à luz do Projeto de Deus.

#### **A CF tem como objetivos permanentes:**

- a) Despertar o espírito comunitário e cristão no povo de Deus, comprometendo, em particular, os cristãos na busca do bem comum;

- b) educar para a vida em fraternidade, a partir da justiça e do amor, exigência central do Evangelho;
- c) renovar a consciência da responsabilidade de todos pela ação da Igreja na evangelização, na promoção humana, em vista de uma sociedade justa e solidária (todos devem evangelizar e todos devem sustentar a ação evangelizadora e libertadora da Igreja).

### V.3 TEMAS DA CF NO SEU CONTEXTO HISTÓRICO

A CF surgiu durante o Concílio Vaticano II. Três documentos conciliares foram importantes para o desenvolvimento da CF: *Sacrosanctum Concilium*, sobre a liturgia; *Lumen Gentium*, sobre a natureza e missão evangelizadora da Igreja; e *Gaudium et Spes*, sobre a presença transformadora da Igreja no mundo de hoje.

Na América Latina, a Primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em Medellín (1968), teve um papel muito importante. A reflexão sobre a realidade latino-americana levou a Igreja a enfrentar o desafio da pobreza e a necessidade de uma presença transformadora nas estruturas sociais.

As Conferências de Puebla e Santo Domingo e a exortação pós-sinodal *Ecclesia in America* acentuaram ainda mais a dimensão social da fé e da vivência cristã, criando-se um clima de comunhão e participação.

Os temas da CF, inicialmente, contemplaram mais a vida interna da Igreja. A consciência sempre maior da situação de injustiça, de exclusão e de crescente miséria levou à escolha de aspectos bem determinados da realidade socioeconômica e política brasileira. O restabelecimento da justiça e da fraternidade nessas situações era compromisso urgente da fé.

Alguns critérios para a escolha dos temas:

- aspectos da vida da Igreja e da sociedade: o centenário da *Rerum Novarum*, em 1991 (Solidários na dignidade do trabalho), Ano da Família, em 1994 (A família, como vai?), e outros;
- os desafios sociais, econômicos, políticos, culturais e religiosos da realidade brasileira;

- as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil e os documentos do Magistério Universal da Igreja;
- a Palavra de Deus e as exigências da Quaresma.

Desde 1971, há uma participação mais ampla das comunidades, paróquias e dioceses, que enviam suas sugestões de temas aos regionais da CNBB.

Os temas podem ser divididos em três fases, ao longo desses quarenta anos.

### **1ª Fase: Em busca da renovação interna da Igreja**

#### **a) Renovação da Igreja**

CF-64: Igreja em renovação – *Lembre-se: você também é Igreja*

CF-65: Paróquia em renovação – *Faça de sua paróquia uma comunidade de fé, culto e amor*

#### **b) Renovação do cristão**

CF-66: Fraternidade – *Somos responsáveis uns pelos outros*

CF-67: Co-responsabilidade – *Somos todos iguais, somos todos irmãos*

CF-68: Doação – *Crer com as mãos*

CF-69: Descoberta – *Para o outro, o próximo é você*

CF-70: Participação – *Participar*

CF-71: Reconciliação – *Reconciliar*

CF-72: Serviço e vocação – *Descubra a felicidade de servir*

### **2ª Fase: A Igreja se preocupa com a realidade social do povo, denunciando o pecado social e promovendo a justiça (Vaticano II, Medellín e Puebla)**

CF-73: Fraternidade e libertação – *O egoísmo escraviza, o amor liberta*

CF-74: Reconstruir a vida – *Onde está o teu irmão?*

CF-75: Fraternidade é repartir – *Repartir o pão*

CF-76: Fraternidade e comunidade – *Caminhar juntos*

CF-77: Fraternidade na família – *Comece em sua casa*

CF-78: Fraternidade no mundo do trabalho – *Trabalho e justiça para todos*

CF-79: Por um mundo mais humano – *Preserve o que é de todos*

CF-80: Fraternidade no mundo das migrações: exigência da eucaristia – *Para onde vais?*

CF-81: Saúde e fraternidade – *Saúde para todos*

CF-82: Educação e fraternidade – *A verdade vos libertará*

CF-83: Fraternidade e violência – *Fraternidade sim, violência não*

CF-84: Fraternidade e vida – *Para que todos tenham vida*

### **3ª Fase: A Igreja se volta para situações existenciais do povo brasileiro**

CF-85: Fraternidade e fome – *Pão para quem tem fome*

CF-86: Fraternidade e terra – *Terra de Deus, terra de irmãos*

CF-87: A fraternidade e o menor – *Quem acolhe o menor, a Mim acolhe*

CF-88: A fraternidade e o negro – *Ouvi o clamor deste povo!*

CF-89: A fraternidade e a comunicação – *Comunicação para a verdade e a paz*

CF-90: A fraternidade e a mulher – *Mulher e homem: imagem de Deus*

CF-91: A fraternidade e o mundo do trabalho – *Solidários na dignidade do trabalho*

CF-92: Fraternidade e juventude – *Juventude: caminho aberto*

CF-93: Fraternidade e moradia – *Onde moras?*

CF-94: A fraternidade e a família – *A família, como vai?*

CF-95: A fraternidade e os excluídos – *Eras Tu, Senhor?!*

CF-96: A fraternidade e a política – *Justiça e paz se abraçarão!*

CF-97: A fraternidade e os encarcerados – *Cristo liberta de todas as prisões!*

CF-98: A fraternidade e a educação – *A serviço da vida e da esperança!*

CF-99: Fraternidade e os desempregados – *Sem trabalho... Por quê?*

CF-2000: Ecumênica: Dignidade humana e paz – *Novo milênio sem exclusões*

CF-2001: Campanha da fraternidade – *Vida sim, drogas não!*

CF-2002: Fraternidade e povos indígenas – *Por uma terra sem males!*

CF-2003: Fraternidade e pessoas idosas – *Vida, dignidade e esperança!*

CF-2004: Fraternidade e água – *Água, fonte de vida*

CF-2005: Ecumênica: Solidariedade e paz – *Felizes os que promovem a paz*

CF-2006: Fraternidade e pessoas com deficiência – *“Levanta-te, vem para o meio” (Mc 3, 3)*

CF-2007: Fraternidade e Amazônia – *“Vida e missão neste chão”*

CF-2008: Fraternidade e defesa da vida – *“Escolhe, pois, a vida” (Dt 30,19)*

CF-2009: Fraternidade e segurança pública – *“A paz é fruto da justiça” (Is 32, 17)*

## V.4 SERVIÇO DE COORDENAÇÃO E ANIMAÇÃO DA CF

A CF é um programa global conjunto dos Organismos Nacionais, do Secretariado Nacional da CNBB e das Igrejas Particulares, sempre realizado à luz e na perspectiva das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil.

Desde 1963, com o Plano de Emergência, e 1966, com o Plano de Pastoral de Conjunto, a ação evangelizadora da Igreja vive um processo de planejamento abrangente. Esse processo tem as Diretrizes como fundamentação e inspiração e se expressa no Plano de Pastoral, elaborado de forma muito participativa e em diversos âmbitos.

A busca desse planejamento, sempre mais participativo, requer envolvimento dos agentes de pastoral, das equipes de coordenação e animação, dos conselhos e outros órgãos a serviço do crescimento da vida comunitária.

A realização da CF, como programa global conjunto, é exercício e expressão de planejamento participativo e de articulação pastoral, decorrente da própria natureza da Igreja-Comunhão.

A articulação:

- favorece o desenvolvimento dos carismas eclesiais de maneira orgânica;
- distribui tarefas e define as atribuições das diversas pastorais, organismos, movimentos e grupos;
- envolve um maior número possível de interessados, na reflexão, na decisão, na execução e na avaliação.

Para uma eficaz e frutuosa realização da CF, como de todo programa pastoral, é indispensável reavivar, a cada ano, o processo de seu planejamento. Isso não acontece sem a constituição de equipes de trabalho com coordenação entusiasta, dinâmica, criativa, com profunda espiritualidade e zelo apostólico.

Em muitos regionais, dioceses e paróquias, a animação da CF é assumida pela respectiva equipe de Coordenação Pastoral, com o estabelecimento de uma Comissão específica para a CF. Esse procedimento poderá favorecer maior integração, evitando paralelismos. Poderá, por outro lado, apresentar o risco de a CF “ser de todos e, ao mesmo tempo, de ninguém”.

Especial tarefa e compromisso das equipes, em seus diversos níveis, deve ser a *desrotinização* da Campanha. A CF não é a mesma a cada ano. Evitando a novidade pela

simples novidade, as equipes saberão utilizar-se de *criatividade* para realizá-la, todos os anos, como algo realmente *novo*.

## 1) Equipe regional da CF

### Compete-lhe:

- estimular a formação, o assessoramento e a articulação das equipes diocesanas;
- planejar a CF em nível regional: *o que* organizar, *quem* envolver, *que* calendário seguir, *onde* e *como* atuar.

### Atividades que poderá desenvolver

#### Antes da Campanha:

- realizar encontro regional para o estudo do *Texto-base*, a fim de descobrir a melhor forma de utilização das peças e subsídios de divulgação;
- definir atividades a serem assumidas conjuntamente nas dioceses, paróquias e comunidades;
- verificar a possibilidade da produção de subsídios adaptados à realidade local;
- possibilitar a troca de informações e o repasse de subsídios, relacionados ao tema, produzidos em âmbito mais local ou provenientes de outras fontes e regiões;
- constituir equipes e/ou indicar pessoas que possam prestar serviço de assessoria.

#### Durante a Campanha:

- descobrir formas de estar em permanente contato com as equipes diocesanas, para animação e intercâmbio das experiências mais significativas;
- possibilitar o acompanhamento das atividades comuns programadas.

#### Depois da Campanha:

- promover um novo encontro regional de avaliação;
- providenciar a redação e o envio da síntese regional da avaliação à Secretaria Executiva Nacional da CF, dentro do cronograma previsto;
- definir a participação regional no encontro nacional de avaliação e planejamento da CF;
- repassar às dioceses a avaliação nacional e outras informações.

## 2) Equipe Diocesana da CF

### Compete-lhe:

- estimular a formação, assessorar e articular as equipes paroquiais;
- planejar, em nível diocesano: o que realizar, quem envolver, que calendário seguir, como e onde atuar.

### **Atividades que poderá desenvolver**

#### **Antes da Campanha:**

- encomendar os subsídios necessários para as paróquias, comunidades religiosas, colégios, meios de comunicação, movimentos de Igreja;
- programar a realização de encontro diocesano para estudo do *Texto-base*, buscando a melhor forma de utilizar as diversas peças da Campanha;
- definir atividades comuns nas paróquias;
- promover o intercâmbio de informações e subsídios;
- sugerir a escolha do gesto concreto;
- estabelecer uma programação especial de lançamento;
- constituir equipes para atividades específicas;
- informar da existência de subsídios alternativos e repassá-los às equipes.

#### **Durante a Campanha:**

- acompanhar as diversas equipes existentes;
- verificar o andamento das atividades comuns programadas;
- manter freqüente contato com as paróquias, para perceber o andamento da Campanha;
- conferir a chegada dos subsídios a todos os destinatários em potencial;
- alimentar com pequenos textos motivadores (*releases*) os meios de comunicação social.

#### **Depois da Campanha:**

- promover encontro diocesano de avaliação;
- cuidar da redação final e do envio da síntese da avaliação à equipe regional;
- participar do encontro regional de avaliação;
- repassar às equipes paroquiais a avaliação regional e outras informações;
- realizar o gesto concreto e garantir o repasse da parte da coleta para a CNBB regional e nacional;



- fazer com que a Campanha se estenda por todo o ano, repassando outros subsídios que forem sendo publicados.

### **3) Equipe Paroquial da CF**

A CF acontece nas famílias, nos grupos e nas comunidades eclesiais, articulados pela paróquia. Como em relação a outras atividades pastorais, o papel do pároco ou da equipe presbiteral é preponderante. Tudo anda melhor quando ele estimula, incentiva, articula e organiza a ação pastoral.

Em toda paróquia, pastoralmente dinâmica, não faltarão equipes de serviço para tudo que for necessário. O Conselho Paroquial de Pastoral, já constituído na maioria das paróquias, por si ou pela constituição de comissão específica, garantirá a realização articulada e entusiasta da CF.

#### **Atividades que poderá desenvolver**

##### **Antes da Campanha:**

- providenciar o pedido de material junto à diocese;
- programar um encontro paroquial para estudo do *Texto-base* e para discussão da melhor maneira de se utilizar as diversas peças de reflexão e divulgação da CF;
- definir as atividades a serem assumidas conjuntamente;
- estabelecer a programação da abertura, em âmbito paroquial;
- buscar, juntos, os meios para que a CF possa atingir eficazmente todos os espaços e ambientes da realidade paroquial;
- planejar um gesto concreto comum e a destinação da coleta da CF;
- realizar encontros conjuntos ou específicos com as diversas equipes paroquiais, para programação de toda a Quaresma e Semana Santa;
- prever a utilização do maior número possível de subsídios da Campanha.

##### **Durante a Campanha:**

- intensificar sua divulgação;
- conferir a chegada dos subsídios aos destinatários;
- motivar sucessivos gestos concretos de fraternidade;
- realizar a coleta.

##### **Depois da Campanha:**

- avaliar sua realização, encaminhando a síntese à coordenação diocesana;
- marcar presença no encontro diocesano de avaliação;
- repassar às lideranças da paróquia as conclusões da avaliação diocesana;
- realizar o gesto concreto e garantir o repasse da parte da coleta à diocese;
- fazer com que a Campanha se estenda por todo o ano, repassando outros subsídios que forem sendo publicados.

## V.5 CRONOGRAMA DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE

### 2008

**Janeiro de 2008:** organização da CF-2008 nos regionais, dioceses, paróquias, comunidades e grupos.

**06 de fevereiro de 2008 – Quarta-feira de Cinzas:** Lançamento da CF-2008 em todo o Brasil, em nível nacional, regional, diocesano e paroquial, com a mensagem do Papa, da Presidência da CNBB e programas especiais.

**06 de fevereiro a 16 de março de 2008:** Campanha da Fraternidade sobre o tema *Fraternidade e defesa da vida*, com o lema *Escolhe, pois, a vida (Dt 30,19)*.

**16 de março de 2008 – Domingo de Ramos:** Coleta nacional da solidariedade (60% para o Fundo Diocesano de Solidariedade e 40% para o Fundo Nacional de Solidariedade).

**Abril a junho 2008:** avaliação da CF-2008 nos níveis paroquial (de 01 a 20 de abril), diocesano (de 21 de abril a 10 de maio), regional (11 de maio a 08 de junho).

**09 e 10 de Junho 2008 - CONSEP:** Encontro Nacional com Coordenadores (as) Regionais da CF, Bispos da Presidência, Comissão Episcopal de Pastoral e Assessores (as) Nacionais da CNBB para avaliação da CF-2008; escolha do cartaz da CF-2009, aprovação do Texto-base e dos subsídios da CF 2009, elaboração das Orientações Gerais da CF-2009, sugestões de temas a serem encaminhados ao CONIC para a CF-2010 Ecumênica.

**Julho 2008:** gravação do CD e fita K-7 da CF-2007; remessa do Texto-base da CF-2009 para produção gráfica;

**Agosto a dezembro 2008:** impressão e distribuição do material da CF-2009; gravação do *spot* para TV e do *jingle* para rádio da CF-2009; lançamento do Texto-base da CF-2009, em nível nacional e diocesano, encontro de formação nos regionais e dioceses.

### 2009

**Janeiro e fevereiro 2009:** organização da CF-2009 nos regionais, dioceses, paróquias, comunidades e grupos.

**25 de fevereiro de 2009 – Quarta-feira de Cinzas:** Lançamento da CF-2009 em todo o Brasil, em nível nacional, regional, diocesano e paroquial, com a mensagem do Papa, da Presidência da CNBB e programas especiais.

**25 de fevereiro a 28 de março de 2009:** Campanha da Fraternidade sobre o tema *Fraternidade e Amazônia*, com o lema *Vida e missão neste chão*.

**28 de março de 2009 – Domingo de Ramos:** Coleta nacional da solidariedade (60% para o Fundo Diocesano de Solidariedade e 40% para o Fundo Nacional de Solidariedade).

**Abril a junho 2009:** avaliação da CF-2007 nos níveis paroquial (de 10 a 30 de abril), diocesano (de 01 a 20 de maio), regional (21 de maio a 08 de junho).

## V.6 AVALIAÇÃO DA CF-2008 - (PARA A PARÓQUIA)

Enviar esta avaliação à Coordenação Diocesana da CF, até o 25 de abril de 2008.  
Para a avaliação, é importante terem presentes os objetivos e as orientações gerais da CF-2008.

### Identificação

Nome da paróquia:

.....  
.....

Responsável pela CF:

.....  
.....

Equipes responsáveis pela realização da CF:

.....  
.....  
.....  
.....

### Quanto à organização da Campanha da Fraternidade

1 – Existe uma Equipe Paroquial da Campanha da Fraternidade? ( ) Sim ( ) Não

2 – Se existe, como está organizada?

.....  
.....  
.....  
.....

3 – Se não existe, por quê?

.....  
.....  
.....  
.....  
.....

### Quanto ao planejamento da Campanha da Fraternidade

1 – Houve reuniões de Planejamento da CF 2008? ( ) Sim ( ) Não

2 – Se a resposta anterior foi Sim, quais foram os organismos, eclesiais ou não, que participaram do Planejamento?

.....  
.....

.....  
 .....  
 3 – Se a resposta anterior foi Não, por quê?  
 .....  
 .....  
 .....

.....  
 4 – Houve um acompanhamento do desenvolvimento da Campanha? ( ) Sim ( ) Não

5 – Como foram apresentados, avaliados e solucionados os problemas surgidos durante o desenvolvimento da Campanha?  
 .....  
 .....  
 .....

.....  
 6 – Qual a origem dos recursos financeiros que possibilitaram a realização da Campanha?  
 .....  
 .....  
 .....  
 .....

#### **Quanto à execução**

1 – Houve preparação dos agentes para a execução da Campanha? ( ) Sim ( ) Não

2 – Se a resposta anterior foi Sim, como foi realizada?  
 .....  
 .....  
 .....  
 .....

3 – Se a resposta anterior foi Não, por quê?  
 .....  
 .....  
 .....  
 .....

4 – Quais foram as principais atividades desenvolvidas?  
 .....  
 .....  
 .....  
 .....

5 – Em geral, essas atividades atingiram os objetivos propostos? ( ) Sim ( ) Não  
 .....  
 .....  
 .....

.....

.....

### Quanto aos subsídios

1 – Como a paróquia avalia os subsídios fornecidos pela Coordenação Nacional da CF?

	Muito bom	Bom	Regular	Fraco	Não usado
Fraternidade nos Grupos de Reflexão					
Frat. na Escola/ Ensino Fundamental I					
Frat. na Escola/ Ensino Fundamental II					
Frat. na Escola/ Ensino médio					
Agenda Pastoral					
Calendário da Fraternidade					
Cantos da Missa: entrada					
Ofertório					
Comunhão					
Cartaz					
CD					
Celebração da Misericórdia e Vigília Eucarística					
Círculos Bíblicos					
Encontros Catequéticos					
Encontros com Jovens					
Fita K-7					
Jingle para Rádio					
Manual					
Oração da Campanha					
Spot para TV					
Texto-base					
Texto-base em linguagem simplificada					
Via Sacra					

2 – A paróquia utilizou outros subsídios? ( ) Sim ( ) Não

3 – Se a resposta foi Sim, quais?

.....

.....

.....

.....

.....

4 – Eles foram considerados: ( ) Muito bons ( ) Bons ( ) Regulares ( ) Fracos

## V.7 QUANTO À COLETA DA SOLIDARIEDADE

1 – Qual o valor angariado pela coleta da Solidariedade na sua paróquia?

R\$. .....

(.....)

2 – Qual a sugestão da paróquia para que o Fundo Diocesano de Solidariedade utilize esse recurso?

.....  
 .....  
 .....  
 .....

### Avaliação global

1 – Na paróquia, a Campanha da Fraternidade atingiu o primeiro objetivo específico (*Desenvolver uma concepção de pessoa [antropologia integral] capaz de fundamentar adquadamente, sem reducionismos, as ações em defesa da vida humana.*):

Plenamente  Em parte  O essencial  Deixou a desejar

2 – Na paróquia, a Campanha da Fraternidade atingiu o segundo objetivo específico (*Fortalecer a família como espaço primeiro da defesa da vida, através da maternidade e da paternidade responsáveis, do acolhimento aos idosos, doentes e sofredores.*):

Plenamente  Em parte  O essencial  Deixou a desejar

3 – Na paróquia, a Campanha da Fraternidade atingiu o terceiro objetivo específico (*Fomentar a cultura da vida, através da educação, para o desenvolvimento pleno da afetividade, a co-responsabilidade entre homem e mulher, e a solidariedade entre todos.*):

Plenamente  Em parte  O essencial  Deixou a desejar

4 – Na paróquia, a Campanha da Fraternidade atingiu o quarto objetivo específico (*Trabalhar em unidade com pessoas de diversas posições culturais e diferentes religiões na busca da promoção da vida.*):

Plenamente  Em parte  O essencial  Deixou a desejar

5 – Na paróquia, a Campanha da Fraternidade atingiu o quinto objetivo específico (*Desenvolver nas pessoas a consciência crítica diante das estruturas que geram a morte e promovem a manipulação e comercialização da vida humana.*):

Plenamente  Em parte  O essencial  Deixou a desejar

6 – Na paróquia, a Campanha da Fraternidade atingiu o sexto objetivo específico (*Promover e apoiar políticas públicas que garantam a promoção e a defesa da vida.*):

Plenamente  Em parte  O essencial  Deixou a desejar

7 – Na paróquia, a Campanha da Fraternidade atingiu o sétimo objetivo específico (*Crescer na fé, vivida como amor a Deus e amor aos irmãos, respeitando a sacralidade de cada pessoa, imagem e semelhança de Deus e habitação da Trindade, valorizando todos os elementos de defesa da vida presentes em todas as religiões.*):

( ) Plenamente ( ) Em parte ( ) O essencial ( ) Deixou a desejar

8 – O objetivo geral (*Levar a Igreja e a sociedade a defender e promover a vida humana, desde a sua concepção até a sua morte natural, compreendida como dom de Deus e co-responsabilidade de todos, na busca de sua plenificação, a partir da beleza e do sentido da vida em todas as circunstâncias, e do compromisso ético do amor fraterno.*) foi atingido:

( ) Plenamente ( ) Em parte ( ) O essencial ( ) Deixou a desejar

9 – Quais foram os pontos nos quais a CF 2008 se apresentou como luz? Quais os avanços?

.....  
 .....  
 .....  
 .....

10 – Quais foram os pontos de estrangulamento?

.....  
 .....  
 .....  
 .....

### Sugestões

1 – Para a diocese:

.....  
 .....  
 .....  
 .....

2 – Para o regional da CNBB:

.....  
 .....  
 .....



.....  
.....

3 – Para a CNBB Nacional:

.....  
.....  
.....  
.....  
.....

4 – Sugestão de temas para a CF 2010:

.....  
.....  
.....  
.....

## V.8 AVALIAÇÃO DA CF-2008 - (PARA A DIOCESE)

Enviar esta avaliação para a Secretaria Executiva da Campanha da Fraternidade, preenchendo o formulário que está disponível no site da CNBB, até o dia 17 de maio de 2008.

Para a avaliação, é importante terem presentes os objetivos e as orientações gerais da CF-2008.

### Identificação

Nome da diocese:

.....

Responsável pela CF:

.....

Equipes responsáveis pela realização da CF:

.....  
 .....  
 .....

Número de paróquias da diocese:

.....

Número de paróquias que responderam o questionário de avaliação da CF:

.....

### Quanto à organização da Campanha da Fraternidade

1 – Existe uma Equipe Diocesana da Campanha da Fraternidade? ( ) Sim ( ) Não

2 – Se existe, como está organizada?

.....  
 .....  
 .....

3 – Se não existe, por quê?

.....  
 .....  
 .....

4 – Se não existe, a CF na diocese é responsabilidade de quem?

.....  
 .....  
 .....

5 – Quantas paróquias possuem Equipes Paroquiais de CF?

.....  
 .....

**Quanto ao planejamento da Campanha da Fraternidade**

1 – Houve reuniões de Planejamento da CF 2008 em nível diocesano? ( ) Sim ( ) Não

2 – Se a resposta anterior foi Sim, quais foram os organismos, eclesiais ou não, que participaram do Planejamento?

.....  
 .....  
 .....

3 – Se a resposta anterior foi Não, por quê?

.....  
 .....  
 .....

4 – Houve um acompanhamento do desenvolvimento da Campanha? ( ) Sim ( ) Não

5 – Como foram apresentados, avaliados e solucionados os problemas surgidos durante o desenvolvimento da Campanha?

.....  
 .....  
 .....

6 – Qual a origem dos recursos financeiros que possibilitaram a realização da Campanha?

.....  
 .....  
 .....

**Quanto à execução**

1 – Houve preparação dos agentes para a execução da Campanha em âmbito Diocesano?

( ) Sim ( ) Não

2 – Houve preparação dos agentes para a execução da Campanha em âmbito Paroquial?

( ) Sim ( ) Não

3 – Se as respostas anteriores foram Sim, como foram realizadas?

.....  
 .....  
 .....

4 – Se as respostas anteriores foram Não, por quê?

.....  
 .....

.....  
 .....  
 .....  
 5 – Quais foram as principais atividades desenvolvidas?  
 .....  
 .....  
 .....  
 .....  
 .....

6 – Em geral, essas atividades atingiram os objetivos propostos? ( ) Sim ( ) Não

### Quanto aos subsídios

1 – Como a diocese avalia os subsídios fornecidos pela Coordenação Nacional da CF? (resumo quantificado do que disseram as paróquias).

	Muito bom	Bom	Regular	Fraco	Não usado
Fraternidade nos Grupos de Reflexão					
Frat. na Escola/ Ensino Fundamental I					
Frat. na Escola/ Ensino Fundamental II					
Frat. na Escola/ Ensino médio					
Agenda Pastoral					
Calendário da Fraternidade					
Cantos da Missa: entrada					
Ofertório					
Comunhão					
Cartaz					
CD					
Celebração da Misericórdia e Vigília Eucarística					
Círculos Bíblicos					
Encontros Catequéticos					
Encontros com Jovens					
Fita K-7					
Jingle para Rádio					
Manual					
Oração da Campanha					
Spot para TV					
Texto-base					
Texto-base em linguagem simplificada					
Via Sacra					

2 – A diocese utilizou outros subsídios?  Sim  Não

3 – Se a resposta foi Sim, quais?

.....  
 .....  
 .....  
 .....

4 – Eles foram considerados:  Muito bons  Bons  Regulares  Fracos

#### **Quanto à coleta da solidariedade**

1 – Qual o valor angariado pela coleta da Solidariedade na diocese?

R\$. .....

(.....  
 .....)

2 – Como será usado o recurso do Fundo Diocesano de Solidariedade?

.....  
 .....  
 .....  
 .....  
 .....

#### **Avaliação global**

1 – Na diocese, a Campanha da Fraternidade atingiu o primeiro objetivo específico (*Desenvolver uma concepção de pessoa [antropologia integral] capaz de fundamentar adquadamente, sem reducionismos, as ações em defesa da vida humana.*):

Plenamente  Em parte  O essencial  Deixou a desejar

2 – Na diocese, a Campanha da Fraternidade atingiu o segundo objetivo específico (*Fortalecer a família como espaço primeiro da defesa da vida, através da maternidade e da paternidade responsáveis, do acolhimento aos idosos, doentes e sofredores.*):

Plenamente  Em parte  O essencial  Deixou a desejar

3 – Na diocese, a Campanha da Fraternidade atingiu o terceiro objetivo específico (*Fomentar a cultura da vida, através da educação, para o desenvolvimento pleno da afetividade, a co-responsabilidade entre homem e mulher, e a solidariedade entre todos.*):

Plenamente  Em parte  O essencial  Deixou a desejar

4 – Na diocese, a Campanha da Fraternidade atingiu o quarto objetivo específico (*Trabalhar em unidade com pessoas de diversas posições culturais e diferentes religiões na busca da promoção da vida.*):

Plenamente  Em parte  O essencial  Deixou a desejar

5 – Na diocese, a Campanha da Fraternidade atingiu o quinto objetivo específico (*Desenvolver nas pessoas a consciência crítica diante das estruturas que geram a morte e promovem a manipulação e comercialização da vida humana.*):

( ) Plenamente ( ) Em parte ( ) O essencial ( ) Deixou a desejar

6 – Na diocese, a Campanha da Fraternidade atingiu o sexto objetivo específico (*Promover e apoiar políticas públicas que garantam a promoção e a defesa da vida.*):

( ) Plenamente ( ) Em parte ( ) O essencial ( ) Deixou a desejar

7 – Na diocese, a Campanha da Fraternidade atingiu o sétimo objetivo específico (*Crescer na fé, vivida como amor a Deus e amor aos irmãos, respeitando a sacralidade de cada pessoa, imagem e semelhança de Deus e habitação da Trindade, valorizando todos os elementos de defesa da vida presentes em todas as religiões.*):

( ) Plenamente ( ) Em parte ( ) O essencial ( ) Deixou a desejar

8 – O objetivo geral (*Levar a Igreja e a sociedade a defender e promover a vida humana, desde a sua concepção até a sua morte natural, compreendida como dom de Deus e co-responsabilidade de todos, na busca de sua plenificação, a partir da beleza e do sentido da vida em todas as circunstâncias, e do compromisso ético do amor fraterno.*) foi atingido:

( ) Plenamente ( ) Em parte ( ) O essencial ( ) Deixou a desejar

9 – Quais foram os pontos nos quais a CF 2008 se apresentou como luz? Quais os avanços?

.....  
 .....  
 .....  
 .....

10 – Quais foram os pontos de estrangulamento?

.....  
 .....  
 .....  
 .....

### Sugestões

1 – Para o regional da CNBB:

.....  
 .....  
 .....  
 .....

2 – Para a CNBB Nacional:

.....  
 .....

.....  
.....  
.....  
3 – Sugestão de temas para a CF 2010:  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....

**AVISO IMPORTANTE**

**APÓS A REALIZAÇÃO DA AVALIAÇÃO, A DIOCESE DEVE PREENCHER ESTE FORMULÁRIO QUE ESTÁ PRESENTE NO SITE DA CNBB.**

**([www.cnbb.org.br](http://www.cnbb.org.br))**

**COM ISSO, NÃO SERÁ NECESSÁRIO O ENVIO DO RELATÓRIO PARA O REGIONAL.**

**A PARTIR DOS RELATÓRIOS DAS DIOCESES, A CNBB ELABORARÁ OS RELATÓRIO REGIONAIS E O NACIONAL, SENDO QUE CADA DIOCESE E CADA REGIONAL DA CNBB RECEBERÁ UMA CÓPIA DO RELATÓRIO DO SEU REGIONAL E DO NACIONAL**